

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**JANAÍNA SARAH PEDROTTI**

**ESCOLA E JORNAL: SABERES SOBRE A ESCRITA E DESAFIOS PARA A  
EMANCIPAÇÃO**

**Cuiabá  
2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**JANAÍNA SARAH PEDROTTI**

**ESCOLA E JORNAL: SABERES SOBRE A ESCRITA E DESAFIOS PARA A  
EMANCIPAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação na linha de pesquisa Organização Escolar, Formação e Práticas Pedagógicas.

**Orientadora: Profa. Dra. Kátia Morosov Alonso**

**Cuiabá  
2010**

**JANAÍNA SARAH PEDROTTI**

**ESCOLA E JORNAL: SABERES SOBRE A ESCRITA E DESAFIOS PARA A  
EMANCIPAÇÃO**

Dissertação de Mestrado em Educação para a obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

---

**Profa. Dra.**  
**Examinadora Externa (      )**

---

**Profa. Dra.**  
**Examinadora Interna (UFMT)**

---

**Profª. Dra. Kátia Morosov Alonso**  
**Orientadora (UFMT)**

---

**Profa. Dra.**  
**Suplente (UFMT)**

## **DEDICATÓRIA**

A meus pais José e Iris, meus exemplos de justiça e amor incondicional. Às minhas irmãs Raquel, Débora e Desire por fazerem de mim, uma pessoa mais parecida com elas. À professora Rosângela, uma profissional sábia, e que compreende a linguagem dos marginalizados. Aos alunos da Escola Municipal Ranulpho Paes de Barros, integrantes da pesquisa, por me permitirem conhecer o universo mágico da sala de aula, e dividirem conhecimento comigo, local onde vigorosamente aprendi que a vida se torna bela quando a vivemos pelos outros.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Dr<sup>a</sup> Kátia Morosov Alonso que demonstrando a sua capacidade profissional e humana soube entender minhas incompletudes, sugerindo caminhos importantes que viabilizaram a concretização dessa pesquisa.

A Prof<sup>a</sup> Dr. Maria Lúcia Cavalli Neder pelas primeiras orientações, quando ainda não dimensionava os objetivos a serem percorridos no trabalho e pela posterior ajuda e incentivo sempre.

A Prof<sup>a</sup> Dra. Anunciação pela participação na minha Banca de Qualificação com as suas valiosas e atenciosas contribuições.

A Prof<sup>o</sup> Dr. Alda Maria do Nascimento Osório pelo olhar atento e cuidadoso e contribuições na Banca de Qualificação, pelo precavido alerta sobre a metodologia utilizada.

A Prof<sup>a</sup> Dr. Michele Sato, pelo incentivo em todo meu processo de mestrado, desde o início com a primeira disciplina que cursei, como no decorrer de todo o trabalho, diálogos informais que acompanharam o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof<sup>o</sup>. Dr. Cristiano Maciel, membro da minha Banca de Defesa, pelo olhar cuidadoso, e pela convivência sempre amigável e responsável na minha caminhada acadêmica, grata pelo exemplo de dedicação profissional.

Ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, em nome dos funcionários e professores pela oportunidade dada e contribuição na realização de um sonho.

Aos colegas do mestrado que dividiram comigo a alegria e a angústia de vivenciar a concepção de novos olhares.

A Auxiliadora, Aparecida, Renato, Danilo, amigos e amigas do Grupo Pesquisador Laboratório de Estudos sobre As Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação da Universidade Federal de Mato Grosso pela ajuda e torcida sempre, pessoas as quais admiro pela rigorosidade científica e pelo empenho em defesa da educação.

Aos amigos Luciana Giradello e Valdeque Mattos que dividiram comigo a experiência da produção científica, ainda na graduação e acompanharam também essa minha caminhada.

Ao professor Mestre Tinho Costa Marques que me orientou sobre os caminhos do jornalismo enquanto utilidade pública, ainda na graduação.

Ao comunicador e pesquisador Drº Manuel Carlos da Conceição Chaparro, a quem tive a imensa honra de conhecer pessoalmente a agradecer por ter me revelado, em suas produções, que o jornalismo só tem valor, quando está a serviço da sociedade.

Aos meus queridos cunhados, que Deus me presenteou como irmãos Marcus Marcelo, Gibson Araújo Mansilla e Valdeque Matos.

Ao jornal Folha do Estado, pelo incentivo para meus estudos, pelas portas sempre abertas a minha pesquisa, mas principalmente por acreditar no meu trabalho. Com especial atenção à Marisa Batalha pela compreensão dos horários e de minhas ausências. A Ivana Maranhão, pela amizade e apoio e a Izabella Brandão por ter me mostrado que meu estudos não seriam uma dificuldade, mas sim uma descoberta.

A Marcus William, Marcus Winicius, Yago Mansilla e João Eduardo sementes da minha esperança na construção de um mundo mais justo e solidário.

## RESUMO

O jornal, além do seu caráter informativo e educacional, foi considerado na pesquisa como um dos meios de interação da sociedade. Trata de dialogar se os meios de comunicação de massa, ao serem utilizados no ambiente escolar, propiciam condições para construções de relações e visão democráticas. Isso considerando que ao passar do papel de receptor de informações, o grupo envolvido, ao produzir o jornal, poderá significar um produto da indústria cultural, sob a ótica de que não basta uma educação que forme cidadãos para o mercado de trabalho, sem que tenham emancipação de pensamento e ação. A metodologia utilizada foi qualitativa em uma abordagem de pesquisa participante. Os sujeitos pesquisados foram alunos de duas turmas do 3º ciclo do 8º ano da Escola Municipal Ranulpho Paes de Barros e a professora de Língua Portuguesa, em Cuiabá, MT, da referida instituição. Os instrumentos utilizados foram um questionário de caracterização dos alunos envolvidos na pesquisa e duas entrevistas padronizadas que foram aplicadas pelos estudantes para a realização dos textos jornalísticos. Nesse trabalho, tivemos como objeto de estudo toda o processo de discussão, reflexão e sentidos observados por toda a dinâmica em sala de aula e as redações redigida individualmente por toda a turma. Observa-se que ao dialogar e produzir o jornal, experiências particulares obtidas nas produções jornalísticas tornam-se fonte de conhecimento para todos. O que coaduna com a dialética de que o aluno não é um objeto em que nele apenas se depositam saberes, mas sim há uma troca de experiências e conhecimentos. Há que se destacar que reconhecemos a limitação da referida pesquisa participante em seus atributos emancipatórios. Chegamos a conclusão que o fato dos alunos terem formado uma reflexão em todo o processo, até mesmo uma certa autonomia e maior riqueza em seus textos, isso por si só não os torna emancipados, livres para que possam produzir seu próprio pensamento, já que pode tratar-se também de uma iniciativa isolada. Essa discussão é apenas uma pequena iniciativa em um contexto amplo, cada vez mais complexo e plural dos meios de comunicação no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação. Jornal. Emancipação.



## **ABSTRACT**

The newspaper besides its informative and educational character was considered in the research as one of the means of interaction of society. It dialogues if the means of mass communication, when used in the school environment, provide conditions for the relationship constructions and democratic view. So, by going beyond the role of receptor of information, the group involved when producing the newspaper, can mean to be a cultural industry product, from the perspective that an education that trains citizens for the work market without having the emancipation of thought and action is not enough. The methodology used was qualitative in a participant research approach. The subjects under study were two third cycle groups of the 8th year of the Ranulpho Paes de Barros Municipal School and their Portuguese Language teacher, in Cuiabá, MT. It is observed that when dialoguing and producing the newspaper, private experiences obtained in newspaper productions become a source of knowledge for everybody. This is consistent with the dialectics that the student is not an object where knowledge is deposited, but there is an exchange of experience and knowledge. It must be emphasized that we recognize the limitation of this participant research in its emancipatory attributes. We got to the conclusion that the fact of the students have reflected on the whole process, even achieving a certain autonomy and a higher richness in their texts, does not by itself make them emancipated, free to produce their own thought, since it can also be an isolated initiative. This discussion is just a small initiative in a wide, more and more complex and plural context of the means of communication in the school environment.

**Key-words: Education. Media. Emancipation**

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Contato com o Jornal	60
<b>Quadro 2</b> – Conceito de Jornal	60
<b>Quadro 3</b> – Assiste ao Noticiário Televisivo	61
<b>Quadro 4</b> – Quem são os alunos	61
<b>Quadro 5</b> – Onde Moram	62

## ÍNDICE

<b>LISTA DE QUADROS</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>1 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL</b>	<b>17</b>
<b>1.1. INDÚSTRIA CULTURAL NA CONTEMPORANEIDADE</b>	<b>19</b>
<b>1.1.1 Cultura de massa na globalização</b>	<b>23</b>
1.1.1.1 Semiformação e emancipação na indústria cultural	27
1.2 Linguagem, texto e letramento	32
<b>2 O CAMINHAR NA PESQUISA</b>	<b>37</b>
<b>2.1 MÉTODO</b>	<b>42</b>
<b>2.2 Escola pesquisada</b>	<b>47</b>
2.2.2 Preparação	52
2.2.3 Trabalho	57
<b>3 OLHARES NOS RESULTADOS</b>	<b>81</b>
<b>3.1 LINGUA(GEM) E SEMIFORMAÇÃO</b>	<b>85</b>
<b>3.2 Letramento como perspectiva</b>	<b>87</b>
3.2.1 Construção e discussão um caminho para a autonomia	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>101</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>112</b>

## INTRODUÇÃO



“É necessário exercer explicitamente uma mediação que oriente a aprendizagem dos estudantes fora da aula, que permita recontextualizá-la, sancioná-la, sob diversos critérios éticos e sociais, permitindo aproveitar o que de positivos oferecem os meios de comunicação, capitalizando para a escola a informação e as demais possibilidades que esses meios nos trazem” (Guilherme Orozco Gomes).

A complexidade dos meios de comunicação, com linguagens cada vez mais híbridas, ofertas incontáveis de informações, entretenimento e até de novos meios de se comunicar colocam à escola tanto o desafio de trabalhar e preparar o aluno para atuar nesse contexto, como a possibilidade de poder utilizar as mídias no processo de ensino e aprendizagem.

O diálogo entre a educação em um movimento intrínseco com a comunicação permeou toda a presente pesquisa. Com um olhar na investigação de como vai acontecer o trabalhar com a elaboração de um produto da mídia e a interrogação sobre a que caminhos podem levar a comunidade escolar envolvida no trabalho optamos por uma experiência em sala de aula, onde as práticas de alunos e professores se desenvolvem no dia-a-dia, garantindo

assim um ambiente em que todos já estão familiarizados e teoricamente sem impedimento de participarem ativamente da proposta.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado que em que propomos essa discussão e prática entre educação e mídia, tendo como desafio a construção de relações e visão democráticas, na indagação se o trabalhar conjuntamente com a elaboração de um produto da mídia possibilite um ambiente em que os sujeitos possam constituir sua emancipação. A metodologia empregada na pesquisa que deu origem a esse trabalho foi com abordagem qualitativa sendo que a investigação se deu a partir da pesquisa participante, tendo como pano de fundo o processo de ensino-aprendizagem, a partir do meio jornal, em uma discussão e ação conjunta com a comunidade escolar.

Optamos pela pesquisa participante por ser uma abordagem que possibilita ao objeto estudado uma participação ativa no processo, a partir do produzir, elaboração de conceitos, discussão e reflexão conjunta. Como nosso foco de análise foi o de observar o processo de produção de um produto da mídia e a que caminhos esse fazer pode levar, então, a pesquisa participante possibilitou essa abordagem, já que essa metodologia coletiva favorece as discussões e a produção cooperativa de conhecimentos sobre a realidade vivida.

A definição pelo meio jornal foi provocada pela atuação profissional da pesquisadora nessa área e pela facilidade de acesso dos alunos a esse produto da mídia. Formada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso em 2001, atua em jornal diário há nove anos, redigindo nas editorias de economia e política. Atualmente responde pela editoria geral adjunta do jornal Folha do Estado, em Cuiabá. A intenção foi aproveitar essa experiência com o jornal diário e prática na produção diária de notícias, no intuito de trazer para a sala de aula esse produzir, questionar, inquirir, duvidar, averiguar e contextualizar, somando a esse cenário o trabalhar pedagógico da professora de português.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Educação Básica “Professor Ranulpho Paes de Barros”, no bairro Santa Isabel, município de Cuiabá, com duas turmas de alunos do 8º ano do terceiro ciclo e a professora de Língua Portuguesa, das duas referidas classes.

A referida instituição foi criada em 1980 e atende o nível de ensino de Educação Básica. Sua clientela é caracterizada por alunos moradores do próprio bairro e em sua maioria provenientes de famílias de baixa renda. No ano de 2003, a escola Ranulpho Paes de Barros adota a Metodologia de Projetos de Trabalho, que tem o objetivo de inovar a estrutura da proposta pedagógica em um espaço permanente de pesquisa e construção do conhecimento,

onde todas as disciplinas trabalham sobre o mesmo tema, que geralmente tem uma forte conotação social. O tema desse ano em que desenvolvemos a pesquisa foi Mato Grosso uma mancha Verde no Brasil.

A Pedagogia de Projetos surge da necessidade de desenvolver uma metodologia pedagógica que valorize a participação do educando e do educador no processo ensino-aprendizagem, tornando-os responsáveis pela elaboração e desenvolvimento de cada projeto de trabalho. Essa opção pela participação de todos no ambiente escolar foi uma das características observadas na escola que foram consideradas para definir em que instituição a pesquisa seria realizada, já que demandaríamos de um público que tivesse perfil para integrar a proposta, com uma forma de trabalho aberta à discussão conjunta e produção coletiva. A interdisciplinaridade praticada na escola, a partir da metodologia de projetos de trabalho, foi outro elemento considerado, quando definimos em que local seria realizada a investigação.

O foco da nossa pesquisa foi analisar, no contexto do processo formal de ensino, se o trabalhar com a mídia levasse à construção e discussão de relações democráticas, através da elaboração de um jornal com alunos e professores. Em um processo conjunto de produção, a partir do trabalhar com a linguagem, no contexto educacional, de forma que motivasse o aluno a pensar e a fazê-la. Isso na perspectiva do que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Médio (BRASIL, 1999) em relação ao necessário domínio da língua, oral e escrita, como fator fundamental para a participação social. Quando abordamos o aspecto de domínio das técnicas da linguagem não a entendemos apenas como um conjunto de códigos e técnicas, mas como um conhecimento que possa garantir condições para que os sujeitos possam utilizá-las como forma de expressar suas idéias e sentidos e produzir seus próprios sentimentos e significados.

Nessa discussão, nossa proposta foi de trabalhar a linguagem por práticas que objetivassem não apenas a leitura dos códigos, mas seus significados e contextualizações. Ainda na perspectiva proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais ao estabelecerem também que a linguagem deve ser trabalhada de maneira que leve o aluno a tomá-la como prática e não apenas como algo a ser decorado, como prova de conhecimento acadêmico, mas que saiba o que fazer com as habilidades e conhecimento da leitura e da escrita, podendo assim produzir suas próprias formulações. Essa discussão surge no Brasil sob o termo de alfabetismo para posteriormente ser tratada como letramento e é absorvida na presente pesquisa sob essa perspectiva, ultrapassa-se a barreira da importância de apenas verificar a habilidade de codificar o próprio nome, para usar a leitura e a escrita como uma prática social.

Nossa problematização foi dialogar sobre iniciativas, a partir de um entrelaçamento da educação com a comunicação, que pudessem levar a emancipação de sujeitos inseridos em um contexto da indústria cultural, de uma sociedade capitalista. Isso, considerando a reflexão proposta por Adorno (1995, p. 119-138) sobre que papel entendemos ser o que a educação deve desempenhar. Adorno, ao fazer suas considerações, lembrando o período do nazismo vivenciado na Alemanha, observa que não basta apenas formar cidadãos para o mercado, sem que tenham a capacidade de decidir o seu próprio destino, sem que tenham a emancipação de pensamento e ação.

Para a realização do trabalho optamos, inicialmente, por acompanhar a dinâmica das aulas da disciplina de Língua Portuguesa e introduzindo o texto jornalístico, conforme a professora retomava conteúdos já trabalhados, como a narrativa e fazendo analogias e comparações com a produção jornalística. Usamos a expressão produção, pois, quando nos referimos em sala de aula ao texto jornalístico a ideia não era apenas tratar de questões léxicas, gramaticais e de estrutura, mas de fazermos que os alunos dimensionassem todo o processo de construção de um texto jornalístico: desde o escrever; à escolha do tema; análise dos desdobramentos dos fatos e relevância do assunto optado; apuração; pluralidade de opiniões; diferentes formas de se escolher o lide; meios de reflexão; sugestão de mudanças e de cobranças. A partir desse contexto macro, a ideia era garantir condições para que os alunos conseguissem perceber e vivenciar a complexidade do processo de produção da informação para que assim pudessem analisar se esse trabalhar e produzir em sala de aula ocasionasse a construção de relações democráticas, na perspectiva de emancipação dos sujeitos. Por essa opção, realizamos a produção propriamente dita com os alunos, iniciando com a sugestão de entrevista, com discussão introdutória sobre o tema em sala de aula e tabulação conjunta dos resultados de cada um, para posteriormente partirmos às produções textuais.

Uma das dificuldades foi o de garantir a rotina e dinamicidade, peculiares à produção jornalística. Como nossa programação foi inserida na rotina das aulas de Língua Portuguesa, tivemos várias interrupções, inúmeras em função da programação da escola (Dia D da Dengue, toda última sexta-feira do mês, programação do dia das mães...) e também para a realização de atividades da professora. Toda essa situação relatada acabou por dificultar nossas atividades da pesquisa, que acabaram não tendo a sua continuidade desejada, mas ao ritmo da escola. Destacamos essa particularidade considerando que uma das características do texto jornalístico e da atividade da produção na notícia, é justamente a periodicidade e continuidade, em especial no momento de levantamento e elaboração do texto informativo. Considerando esse elemento, observamos, assim, que a desenvoltura de todos nesse processo,

poderia ter sido outra, se tivesse sido possível realizar as atividades com continuidade mais expressiva.

Apesar da vasta produção bibliográfica sobre o trabalhar com a mídia em sala de aula e a presença massiva dos meios de comunicação no cotidiano da população, ainda são escassas experiências em que os alunos e professores produzam um produto da indústria cultural sob a ótica da sala de aula, tendo o trabalhar com a linguagem e suas significações, algo que possa contribuir, ou talvez, não seja significativo, para uma autonomia de pensamento e ação. Pela experiência profissional da pesquisadora, com atuação na imprensa diária há mais de oito anos, optou-se por produzir um jornal escrito com os alunos, na expectativa de analisar como aconteceria esse processo.

Com o advento cada vez maior das ofertas “informacionais” se faz necessário, ainda mais, uma educação que possibilite a formação de cidadãos críticos, que tenham um olhar inquietante e reflexivo.

Conforme GOHN “...o setor dos meios de comunicação sofreu uma revolução tecnológica, gerou novas relações sociais, novas linguagens, alterou estilos e comportamentos sociais, transformou a cultura e colocou novos desafios e necessidades à área da Educação” (2005, p. 8). Trata-se de utilizar um produto da indústria cultural, acessível aos alunos, com sua linguagem e estilos próprios, como experiência e posterior análise de como se dará esse processo ‘do fazer o jornal’ e se essa experiência é campo fértil para a construção de uma visão mais reflexiva dos alunos, na perspectiva da construção de relações democráticas, na formação de sujeitos autônomos e emancipados, ou não há relação relevante nesse processo?

Neste estudo buscou-se encontrar respostas para essas questões, através da prática entre alunos e professores, sob ótica de que quando a comunidade escolar envolve-se com a produção do jornal, esse veículo pode ser um meio de lhe dar voz, podendo compor seu capital cultural, dando voz a seus anseios e podendo ser um instrumento que leve a construção da cidadania.

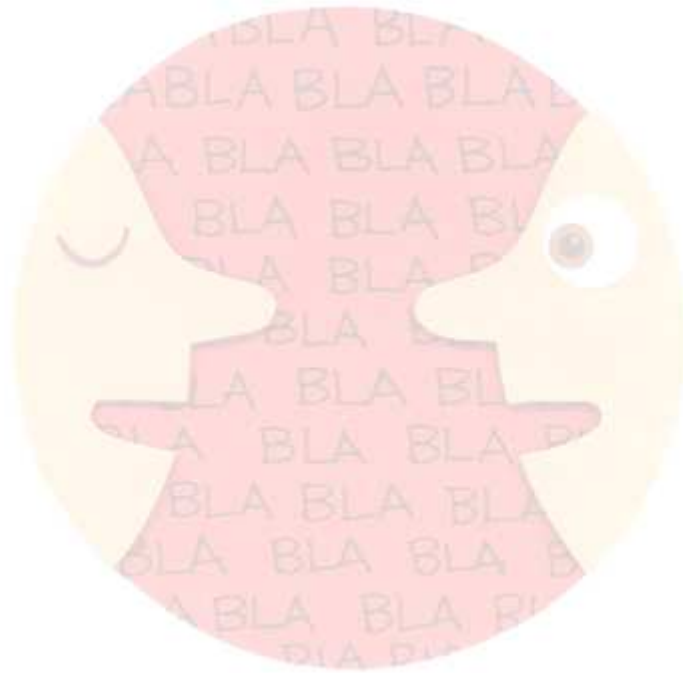
A atuação da mídia tanto pode servir para a mobilização da sociedade, como para a sua alienação, levando o indivíduo a se fechar apenas em seus interesses individuais, contrariando, assim, os interesses democráticos. Trata-se de vivenciar e trazer para a dinâmica da sala de aula a produção de um jornal conjuntamente com a comunidade escolar. Nossa investigação esteve na inquietação de observar e analisar como ocorre esse processo e a que caminhos essa experiência poderia levar.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. Iniciamos com uma visão geral da motivação e proposta de nossa presente pesquisa com a ‘Introdução’, onde também



revelamos as justificativas que motivaram o nosso trabalho. Em seguida apresentamos nossa discussão teórica, que permeou a investigação e análise dos dados no capítulo 1, em ‘Educação e Comunicação Como Prática Social’. Dividimos essa sessão em quatro itens, começando por 1.1 ‘Indústria cultural na contemporaneidade’, com uma abordagem na composição e expansão desse processo. O capítulo continua com o item 1.1.1 ‘Cultura de massa na globalização’ em que tratamos da complexa aldeia global, no item 1.1.1.1 ‘Semiformação e emancipação na indústria cultural’ resgatamos a discussão de Theodor Adorno referente à influência da indústria cultural na formação da consciência do sujeito, que ele formular como semiformação e sua discussão sobre o papel de emancipação que em seu entendimento a educação deve desempenhar. Em 1.2 ‘Linguagem, texto e letramento abordamos teoricamente como será tratado no trabalho o texto como base para compreensão do mundo pela linguagem. A linguagem não apenas restrita ao domínio de técnicas e código, mas em seu sentido amplo como forma de compreensão, expressão e produção de significados. Optamos por apresentar no capítulo 2 ‘O Caminhar na Pesquisa’ a metodologia utilizada, com descrição do caminho percorrido e técnicas aplicadas no decorrer do processo. Para facilitar a leitura e entendimento do nosso caminhar, optamos por apresentar conjuntamente as estratégias de ensino e produção de texto e os procedimentos de pesquisa, já que o desenvolvimento da investigação ocorre em simbiose com o desenvolvimento das estratégias de ensino e produção de texto no desenvolvimento do trabalho, a intenção nesse caso foi de não compartimentar algo desenvolvido conjuntamente. O desenvolvimento dessa fase do trabalho é descrito nos itens 2.1 Método, 2.1.1 ‘Escola pesquisada’, 2.1.1.1 Preparação e 2.2 ‘Trabalho’. No capítulo 3 ‘Olhares nos Resultados da Pesquisa’ há uma análise e impressões sobre os elementos surgidos no desenvolvimento da pesquisa, à luz dos teóricos trabalhados anteriormente, isso dividido nos itens 3.1 ‘Linguagem e semiformação’, 3.1.1 Letramento como perspectiva e 3.1.1.1 ‘Discussão, emancipação e construção’.

## 2 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL



“a língua é muito mais que um instrumento de comunicação. Ela é uma visão de mundo, um comportamento social e está ligada intimamente à vida social, à cultura, à identidade e a história de um povo.”

(Ema Marta Dunck Cintra)

O processo educacional entendido como uma troca de saberes em que os sujeitos, a partir de uma educação dialógica, produzem conhecimento, tendo a comunicação como percussora dessas relações ocorre não apenas na sala de aula, inserido em um contexto ‘formal’ de ensino, mas no cotidiano de cada um, também presente nas atividades e percepções dos estudantes a partir de seu contato social.

Fanfani (2002) conclama ao entendimento da educação como um fazer no diálogo, no compartilhamento de diferentes setores e instâncias da vida que, ao final das contas, constituem o mundo no qual está instalado o sujeito da aprendizagem:

Não se compra educação como se compra um par de sapatos. A educação das crianças é igual a saúde, não se compra ela pronta. Nas sociedades modernas ela é construída com a própria criança, na família, na escola, nos meios de comunicação e nos outros ambientes da vida em sociedade, como a igreja, na rua, nos amigos, no clube, etc (FANFANI, 2002, p.71).<sup>1</sup>

Sob a ótica da formação de sujeitos reflexivos que agem sobre o mundo e o conhecimento, a comunicação adquire, assim como analisou Freire (1996), uma dimensão política, em vista do caráter problematizador, gerador de reflexão (consciência crítica) e de transformação da realidade por meio do diálogo. Este não é possível sem um compromisso com seu processo. Freire partiu do princípio de que a comunicação é que transforma essencialmente os homens em sujeitos. Com esta base, formulou sua proposição de que a educação, como construção compartilhada de conhecimentos, constitui um processo de comunicação porque acontece através de relações entre os seres humanos e com o mundo. A educação, como prática da liberdade, é, sobretudo e, antes de tudo uma situação de conhecimento que não termina no objeto estudado, já que se comunica a outros sujeitos também abertos ao conhecimento.

Entendemos a comunicação como o processo de transmissão de informações entre os indivíduos. Etimologicamente, a palavra significa “tornar comum”, “partilhar”. De acordo com Bordenave “[...] a comunicação não existe por si mesma, como algo separado da vida em sociedade. Sociedade e comunicação são uma coisa só. Não poderia existir sociedade sem comunicação” (1982, p. 17). A sua origem é resultado da necessidade do homem de expressar os seus sentimentos e de se relacionar. “É que os homens encontraram a forma de associar um determinado som ou gesto a certo objeto e ação. Assim nasceram os signos [...] de posse de repertórios de signos, e de regras para combiná-los, o homem criou a linguagem” (BORDENAVE, 1982, p. 24-5).

O desenvolvimento em ritmo frenético da comunicação acrescenta ao cenário complexo da escola o desafio de trabalhar com uma linguagem cada vez mais híbrida. Aqui também incluímos que a facilidade da produção de jornais laboratórios, a partir de único computador, ou na produção manual, é também uma marca desse universo de linguagens.

À escola coloca-se o desafio de trabalhar em um universo marcado pelas linguagens complexas, híbridas. Os deslocamentos e crescentes processos de integração entre os *media*, com a televisão, a internet, os jogos eletrônicos, o rádio acentuam e

---

<sup>1</sup> Uno no compra educación como compra un par de zapatos. La educación de los niños, al igual que su salud, no se compra "hecha". En las sociedades actuales es una tarea compartida entre el propio niño, la familia, la escuela, los medios de comunicación y los otros ámbitos de la vida social tales como la iglesia, la calle, los amigos, el club, etc.

intensificam as migrações do conhecimento e da informação, facultando ao *sensorium* dos jovens vivenciar experiências de linguagem que não se bastam e tampouco de confinam à tradição verbal. Essa evidência transforma a sala de aula em espaço cruzado por mensagens; signos e códigos que não se ajustam ou se limitam à tradição conteudística e enciclopédica que rege a educação formal” (CITELLI, 2006, p. 161).

A pluralidade desse universo, quando compreendida, respeitada e utilizada pode funcionar como uma somatória para o contexto escolar. Assim como as produções cinematográficas, propaganda política e outras aproveitam esse *sensorium* que já não se confina à tradição verbal, é um desafio também para a educação atuar e até mesmo aproveitar esse espaço cruzado por mensagens, signos e códigos que transcendem a educação formal.

## 2.1 INDÚSTRIA CULTURAL NA CONTEMPORANEIDADE

Atualmente, “[...] os meios de comunicação de massa e a indústria cultural transformam os imaginários sociais das classes populares fortalecendo na sociedade cada vez mais os valores capitalistas” (ZITKOSKI, 2006, p. 17). Acrescentemos à análise do autor que essa transformação não se restringe apenas às classes populares, considerando que se estamos por intermédio do poder da mídia frente a uma nova forma de dominação social e política, concebida por meio da força da imagem, que regulamenta e controla a vida cotidiana das sociedades atuais (ZITKOSKI, 2006).

Faz-se necessário discutir também se os meios de comunicação de massa, ao serem utilizados em um ambiente escolar, voltado para a comunidade em questão, propiciam condições para construções de relações e visões democráticas. Isso, considerando que ao passar do papel de apenas receptor de informações, o grupo envolvido, ao trabalhar com o jornal, incorpore e transforme um produto da indústria cultural dentro da sua realidade, passe então a atuar ativamente, tomando para si o papel de produtor da informação, utilizando assim, a mídia como um meio que possa somar ao seu processo de ensino-aprendizagem, sob a ótica da formação de sujeitos emancipados.

O desenvolvimento da comunicação é um dos reflexos da Revolução Industrial, termo que se refere às transformações sociais e econômicas, ocorridas devido ao desenvolvimento tecnológico, primeiramente, na Inglaterra, no século XIX, e depois se expandiu para outros países europeus e do mundo.

Com os avanços tecnológicos, desde a tipografia à informática, o alcance da comunicação foi assegurado. “O impacto do meio sobre as ideias. As emoções, o

comportamento econômico e político das pessoas cresceram tanto que converteu um fator fundamental de domínio em todos os campos da atividade humana” (BORDENAVE, 1982, p. 23).

Por esta razão, entendemos que pensar em comunicação implica considerar seu papel no contexto educacional de toda e qualquer sociedade. Estudá-la, pois, é fundamental.

Após a segunda Guerra Mundial a expressão *mass media* começou a ser usada pela sociologia norte-americana, para dar a entender a difusão maciça de mensagens. “Trata-se de um estranho neologismo, pela sua formação anglo-latina: “mass”, do inglês, significando massa e media, plural neutro do substantivo latino “médiu”, significando meios. Os meios de massa são, portanto, os veículos de comunicação destinados a um público amplo, um aglomerado gigantesco de indivíduos (SOUZA, 1996).

A primeira peça do dispositivo conceitual da corrente da *Mass Communication Research* data de 1927:

[...] é o livro de Lasswell (1902-1978) *Propaganda Techniques in the World War*, que extrai as lições da guerra de 1914-1918, a primeira guerra total. Os meios de difusão surgiram como instrumentos indispensáveis para a “gestão governamental ‘das opiniões’”(MATTELART, 2000, p. 36) [grifo do autor].

Robert K Metron, mesmo possuindo outros focos de interesse, vai lançar seu olhar consideravelmente nesse setor das ciências sociais. “A história do funcionalismo faz dele, aliás, um dos quatro “pais” da Mass Communication Research , com Lasswell e os psicólogos Kurt Lewin e Carl Hovland” (MATTELART, 2000, p.43).

No Brasil, o pleno desenvolvimento da comunicação de massa começou a partir da década de 50. A sua extensão social aumentou à medida de sua penetração e propagação. Com a difusão da comunicação, o seu alcance e influência nas mais variadas camadas sociais foram imediatos e os meios foram se tornando com cada vez mais recursos e com uma pluralidade cada vez maior na oferta de informação e entretenimento.

O jornal é um dos produtos que integram os meios de comunicação de massa. Dessa forma, os periódicos - jornais e revistas- estão ligados a um tópico maior, a imprensa, meio de comunicação de massas.

A imprensa tornou-se poderosa indústria, nos tempos modernos, e o jornalismo converteu-se numa atividade que abrange desde a simples coleta de notícia até a sua difusão organizada, através de empresas editoras, cujo prestígio se baseia no número de exemplares vendidos e no volume de anúncios publicados (SOUZA, 1996, p. 12).

O jornal surge como um meio em que facilmente pode-se comunicar, inicialmente, sem a obrigatoriedade de uma estrutura significativa. “Historicamente, e junto com o livro, o jornal representou o primeiro objeto de série. Antoine Compagnon<sup>2</sup> mostra como a reprodução manuscrita, no tempo, produz uma filiação a partir de um modelo que serve de referência” (MOUILLAUD; PORTO, 2002, p. 87).

Essa discussão, ainda em tom de premonição, sobre uma coletividade envolta pelas mídias, a sociedade da informação, será mencionada e discutida por Nobert Wiener, quando ele publica *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and Machine*. “Nesse livro entreve a organização da sociedade futura com base nessa nova matéria-prima que logo irá se tornar, a seu ver, a ‘informação’. Se invoca o advento desse novo ideal de uma “sociedade da informação” (MATTELART, 2000, p.66) [grifo do autor].

A não linearidade do processo comunicacional, em que se supera a visão de emissor e receptor como uma linha de mão única, transmuta-se até mesmo a visão da linha, começa a ser discutida nos anos 40, onde um grupo de pesquisadores americanos, identificados como “Escola de Palo Alto” afastam-se do modelo linear de comunicação, trabalham a partir do modelo circular retroativo proposto por Nobert Winer. Nessa visão circular da comunicação, o receptor tem um papel tão importante quando o do emissor e a discussão e elaboração dos conceitos na área passam ser tratados a partir de outra óptica.

Concebida por e para engenheiros das telecomunicações, eles sustentam que a teoria matemática deve ser abandonada e a comunicação deve ser estudada pelas ciências humanas a partir de um modelo próprio (MATTELART, 2000, p. 67).

Os meios de comunicação como suspeitos de uma violência simbólica será tratado por Mattelart, ao lembrar que a

[...] perspectiva da sociologia funcionalista concebia mídias, novas ferramentas da democracia, como mecanismos de regulação da sociedade e, nesse contexto, só podia advogar uma teoria voltada para a reprodução do sistema social” (MATTELART, 2000, p. 73).

Sob essa concepção, de que as mídias são direcionadas para a reprodução do sistema social vigente, os meios de comunicação “[...] descritos e aceitos com essa visão funcional [...] tornam-se suspeitos de violência simbólica” (MATTELART, 2000, p. 73). Os filósofos da escola de Frankfurt, inspirados em um marxismo em ruptura com a ortodoxia, fazem essa problematização e inquietam-se com a transformação da cultura desde os anos 40.

---

<sup>2</sup> Antoine Compagnon, *La seconde main*. Paris: Seuil, 1976.

É a partir dessa discussão que Adorno e Horkheimer, em meados dos anos 40, em um capítulo do livro *Dialética do esclarecimento*, escrito durante parte da década de 1940, vão elaborar o conceito de indústria cultural. Conforme a *Dialética do esclarecimento*, o que explica a indústria cultural “[...] é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa” (DURÃO; ZUIN; VAZ, 2008, p. 9). Onde a cultura é transmutada em mercadoria.

Analisa a produção industrial dos bens culturais como movimento global de produção da cultura como mercadoria. Os produtos culturais, os filmes, os programas radiofônicos, as revistas ilustram a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série ou os projetos de urbanismo (MATTELART, 2000, p. 77).

A padronização dos bens, tidos como produtos culturais, faz-se natural. A indústria cultural fornece por toda a parte bens padronizados para satisfazer às inúmeras demandas, identificadas como distinções às quais os padrões de produção devem responder. Com tanta oferta em escala industrial de cultura tem-se uma nova forma de absorção. “Por intermédio de um modo industrial de produção, obtém-se uma cultura de massa feita de uma série de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da indústria cultural: serialização-padronização- divisão do trabalho (MATTELART, 2000, p. 78). Ali (2008) vai tratar em sua dissertação de mestrado intitulada, “Análise do discurso ideológico no merchandising social”, sobre o termo indústria cultural como referência tanto ao processo de produção que passa a ser meticuloso e cada vez mais segmentado e às técnicas de distribuição dos produtos culturais.

Vale destacar aqui a dupla referência do termo indústria, por um lado ao processo de produção de mercadorias (standardização) e, por outro, à racionalização das técnicas de distribuição. Os processos de produção das mercadorias culturais se caracterizam pela avançada distribuição do trabalho, pela introdução de máquinas e pela padronização dos produtos (ALI, 2008, p. 21).

A Indústria Cultural traz consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema. A expressão “indústria cultural”, cunhada pelos filósofos da escola de Frankfurt<sup>3</sup>, faz referência a perda da “áurea” do objeto artístico. Para Adorno, esta se constituiria num sistema estruturado que, utilizando-se dos meios técnicos atuais visaria uma integração de seus consumidores a partir do alto”, comenta

---

<sup>3</sup> A escola de Frankfurt, inicialmente sediada na Alemanha, desenvolveu-se em Paris nos fim dos anos 30, em face do advento do nazismo. Congregou pensadores como Walter Benjamin, Herbert Marcuse e Theodor Adorno.

Goldefelder (1981). Nesse caso, a mensagem seria indiferenciada, dirigida a um público também indiferenciado.

Mattelart, em seu livro a “História das teorias da comunicação” vai observar que tanto Adorno como Horkheimer, na análise dos fenômenos culturais, parecem ter percebido apenas um aspecto – fundamental, - da conjunção entre arte e tecnologia, mas há em suas análises uma superestimação da arte como fermento revolucionário impedindo-os de perceber muitos aspectos bastante diferentes dessa conjunção. “Para Adorno a indústria cultural fixa de maneira exemplar a derrocada da cultura, sua queda em mercadoria” (MATTELART, 2000, p.78).

Para fundamentar sua observação, Mattelart lembra que Walter Benjamin, outro membro da escola de Frankfurt, em seu texto intitulado “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, em 1933, cerca de dez anos antes da análise de Adorno e Horkheimer, indica o próprio princípio da reprodução. “Benjamin mostra em que medida uma arte como o cinema só tem razão de existir no estágio da reprodução e não no da produção única, torna obsoleta uma velha concepção de arte que ele chama de aurática” (BENJAMIN, apud, MATTELART, 2000, pág. 79).

Ora, podemos nos perguntar em que medida a cultura de massa não é estigmatizada por Adorno e Horkheimer também porque seu processo de produção atenta contra certa sacralização da arte. Sua pedra angular parece ser exatamente essa reprodutibilidade de um dado cultural por meios técnicos a que se refere Benjamin. Com certeza o modo industrial de produção da cultura corre o risco da padronização com fins de rentabilidade econômica e controle social. Nem por isso a crítica legítima da indústria cultural deixa de estar estritamente ligada à nostalgia de uma experiência cultural independente de técnica (MATTELART, 2000, p. 78).

O uso da técnica, a partir da reprodutibilidade, é percebido por Matterlart como uma característica da indústria cultural, mas não fadada a ser estigmatizada apenas pela nostalgia de uma experiência cultural independente de técnica, quase sacralizada. Essa característica da produção em escala é observada por Matterlart, em que na cultura de massa a reprodução acaba por ser a razão de sua produção, ao retomar que o cinema só tem razão de existir no estágio da reprodução e não no da produção única. Agora o autor não deixa passar despercebido que o modo industrial de produção da cultura corre o risco da padronização com fins de rentabilidade econômica e controle social.

### **2.1.1 Cultura de massa na globalização**



Essa produção de informações propagadas em mídias de massa faz parte da sociedade industrial e produz em seu bojo a cultura de massa. Conforme interpretou MCLUHAN, em “Os meios de expressão como extensão do homem”, os media<sup>4</sup> possibilitam a comunicação imediata de qualquer evento a qualquer parte do mundo, tornando o globo terrestre em um a “aldeia global”. “Os media criam um ambiente cultural no qual os indivíduos são mergulhados, quer queiram, quer não. Disso resulta uma nova forma de cultura (...) o saber emanado desses meios, constitui um saber comum” (SOUZA, 1996, p. 7).

A aldeia global, que na época de sua concepção por McLuhan (1962) era uma possibilidade abstrata, torna-se uma realidade concreta a partir da virada dos anos de 1980 para os 1990, com a nova mundialização do capitalismo internacional e consolida-se após o fim do bloco soviético.

No entanto, essa globalização dos meios de comunicação não se dá em termos recíprocos entre os participantes do mercado mundial de comunicações, já que representa, na verdade, um reforço na “estadunização” da cultura de massas em todo o planeta”. Em 1991, 30% da transmissão televisiva na Europa eram de produtos estadunidenses, na Alemanha o índice chega a 67%. (DUARTE, 2008, p. 98) [grifo do autor].

Se em países de primeiro mundo temos essa diferenciação na origem da produção, imaginemos em países menos desenvolvidos. Teremos então a consolidação dos Estados Unidos como o grande produtor mundial “e todos os outros países como meros consumidores dessa produção” (DUARTE, 2008, p. 98).

Essa massificação da informação, da cultura, da produção em si, compõem a indústria cultural em sua contemporaneidade. “A indústria cultural enquadra os homens contemporâneos como massa, que não é uma mera portadora neutra de uma pseudo-subjetividade, mas é gerada para ser sujeito voluntário de integração e assimilação” (WOLFGANG, 2008, p. 7).

Dalbosco (2008, p. 192) vai observar que o conceito de indústria cultural assume, na sociedade capitalista tardia, segundo Adorno, uma dupla finalidade: ideológica, no sentido de exercer o controle social, e econômico, “na medida em que a comercialização capitalista da cultura tornou-se uma poderosa fonte lucrativa para grandes monopólios financeiros”. O autor lembra que a função ideológica atribuída por Adorno tornou-se alvo de muitas críticas. No

---

<sup>4</sup> Vocábulo latino que em português significa meios, vindo para a nossa língua, via inglês, com a acepção de meios de comunicação. Reproduzindo a pronúncia inglesa, o termo (no Brasil) é quase sempre adaptado para mpidia.

entanto, para ele essas críticas, não invalidam, de modo algum, os aspectos que formarão núcleo de seu conceito acima referido, a saber, a finalidade econômica que o sustenta.

[...] isto é, minha hipótese é a de que as transformações da sociedade capitalista tardia e suas novas formas de legitimação não descaracterizam o fato de que as mais diferentes manifestações culturais continuam sendo transformadas em mercadorias, e enquanto tais, comercializadas com fins lucrativos. Não só houve perda de validade desse fenômeno, como a indústria cultural ampliou, gigantescamente, sua finalidade econômica para outros âmbitos da esfera cultural, âmbitos ainda pouco expressivos na época de Adorno. O fenômeno mais recente e que mostra a atualidade desse aspecto do conceito de indústria cultural é a mercantilização irracional e desenfreada da educação e, de modo especial, do ensino superior no Brasil, configurando o que pode chamar, conceitualmente, de indústria educacional (DALBOSCO, 2008, p.193).

O autor vai mencionar o processo pelo qual o capital (investimento financeiro) passa a ver e fazer a educação como um “produto” a ser comercialização e como tal, com seus fins econômicos a que lhes são intrínsecos, “[...] apropriando-se de instituições de ensino, interferindo diretamente no processo forma de ensino-aprendizagem, submetendo o próprio processo pedagógico às leis de mercado e, portanto, às suas leis de valor de lucro” (DALBOSCO, 2008, p.194). Até mesmo a política governamental acaba por incentivar esse olhar lucrativo do capital sobre o sistema de ensino, principalmente nas universidades, chegando até mesmo a oferecer bolsas financiadas pelo governo nas instituições privadas.

A avidez por novos produtos que a cada vez desafiem ainda mais o prazer, o gozo, torna-se a oferta diária do mercado, que precisa garantir que a sociedade ‘precise’ dessa novidade, quase que diariamente. Zuin (2008), em “A indústria cultural hoje”, vai citar o exemplo de um canal de TV Holandês, para exemplificar como essa pulsão pela novidade, quando já não há o novo, beira a pulsão pela morte. O canal televisivo solicitou, por anúncio de jornal, novas idéias para a realização de filmes. Uma artista plástica elabora um roteiro, em que a idéia central foi sugerida por seu filho de 15 anos. O garoto havia dito à mãe que quando morresse queria uma câmera instalada em seu caixão. O canal de TV holandesa, Vara, adquiriu os direitos e produziu o filme “Necrocam”, em que quatro adolescentes fazem um pacto, filmado por uma câmera: quem morrer primeiro teria uma web-can instalada em seu caixão. O detalhe é que os espectadores poderiam controlar, via computador, a decomposição do corpo, já que um ‘termostato’ fora instalado no caixão “[...] esse filme pode ser visto pela internet e quem o assiste pode controlar a velocidade de decomposição do corpo de Xenon, o adolescente morto” (ZUIN, 2008, p. 49).

Passa-se até mesmo a não mais entender a morte como o fim, o descanso em paz, parece que pode ser deixado de lado, pela lógica da oferta em escala de mais novidades, até mesmo quando o assunto é a morte, catástrofes e violência.

Aparentemente, não há qualquer novidade na demanda do canal holandês para que o público lhe apresentasse os temas mais palatáveis, a ser aproveitados nos enredos dos filmes. Contudo, há algo de verdadeiramente novo na afirmação do produtor de *Necrocan*: se antigamente o culto aos mortos e seus artefatos se restringiam à contemplação dos poucos indivíduos que frequentavam os mausoléus, na sociedade atual a exposição a exposição da morte, propiciada pela nova mídia, permite outra forma de comunicação e, portanto, outra lembrança daqueles que se foram. O próprio ritual- nesse caso o fúnebre- passa a ser cultuado na sua exposição, sujeito a ser "visitado" por qualquer pessoa que domina a técnica computacional (ZUIN, 2008, p. 50) [grifo do autor].

Ainda em sua análise, Zuin vai retomar o argumento freudiano de que o princípio do prazer presta um grande serviço à pulsão da morte, em que os produtos mais recentes da indústria cultural parecem reforçar.

Isso porque a necessidade de sentir a máxima excitação, sempre prometida a cada "novo" produto, encontra correspondência na descarga não menos potente de energia psíquica em situações que praticamente reduzem a zero o estado anterior de tensão. Estranha essa simetria entre Eros e Thanatos que se realiza na sociedade do espetáculo (ZUIN, 2008, p. 57) [grifo do autor].

A indústria cultural contemporânea vai trabalhar com essa, digamos, compulsão por situações limites da sociedade atual. Como se ao quase tocar a morte, percebe-se que se está vivo. O uso de linguagens simbólicas, que remetam a idéia do fim, da devastação não são meras coincidências do acaso.

Diante desse quadro, é possível argumentar contra o fato de ser mera coincidência a escolha do nome da ofensiva norte-americana que despejou, em março de 2003, toneladas de bombas na cidade de Bagdá: Operação Choque e Pavor. Ora, essas qualificações bélicas são também aprazíveis à indústria cultural contemporânea (ZUIN, 2008, p. 59).<sup>5</sup>

Ao comentar as características estéticas da guerra, Benjamin fez a seguinte comparação:

Na época de Homero a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma. Sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver a sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem (BENJAMIN, 1985, p. 196).

---

<sup>5</sup> Zuin faz referência a uma matéria publicada na Folha de São Paulo, p. A13, 22/3/2003., por S. D'Ávila, "Choque e Pavor: 320 mísseis são lançados sobre Bagdá".

Para Zuin, as delícias “desse” prazer estético são observadas na fruição tanto da guerra convertida em espetáculo quanto no gozo dos produtos da indústria cultural contemporânea.

O consumismo característico da sociedade de massa chega a confundir a vontade com a necessidade, como se para comprovar que se está vivo, faz necessário consumir. “[...] não mais se trabalha só para viver, mas para comprar, porque comprar, cada vez mais, é viver.” (RAMOS, 2008, p. 66). Adorno vai teorizar sobre esse aspecto ao indicar que

Sua ideologia são os negócios. A verdade é que a força da indústria cultural reside em seu acordo com as necessidades criadas e não no simples contraste, quanto a essas, seja mesmo o contraste formado pela onipotência em face da impotência” (ADORNO; HORKHEIMER, 2002, p. 185).

Porém, isto não significa que a mediatização da sociedade e da política, tenha eliminado a existência da opinião pública e de outras mediações da sociedade ou que impossibilite a construção de uma efetiva esfera pública democrática. Assim, é preciso discutir e fomentar esse debate sobre seu processo de produção e em que circunstâncias as opiniões podem ser mais ativas. Além da existência de outras mediações políticas, sociais e culturais e de espaços de relativa autonomia da recepção, os grandes meios de comunicação de massa, mesmo que não atuem na plenitude democrática e que são regidos pelas regras do mercado, podem servir como instrumentos para a democratização da produção de opiniões públicas. Desde que sejam incorporados e transformados, discutidos e criticados pela sociedade que consome esses produtos, já que no contexto da indústria cultural, trata-se de produto ofertado em escala planetária pelo mercado.

#### 1.1.1.1 Semiformação e emancipação na indústria cultural

A influência da indústria cultural na formação da consciência do sujeito vai ser formulada por Theodor Adorno como semiformação. Para o filósofo alemão, trata-se de formação convertida em ideologia, que é repassada pelos produtos e já intrínseca nos sistemas de formação da sociedade contemporânea, como citado anteriormente na indústria da educação.

Seria importante distinguir a opção de tradução de *Habbildung* por semiformação e não por pseudo-formação. De acordo com Wolfgang Leo Maar: “*Habbildung* é traduzida por semi-formação justamente para tentar respeitar o sentido global que Adorno procuraria imprimir ao termo: ao mesmo tempo registra a limitação da finalização do processo – incompletude, pela metade- e a plena validade do

processo formador como tal, ainda que travado. Essa última componente ficaria na opção por ‘pseudo-formação’, como a tradução castelhana, em que se indicaria um ‘faz de conta’ formativo, como se trata-se de aprender algo que não é. A semiformação ocorrer realmente, mas que travada” (MAAR, 1992, p. 186) [grifo do autor].<sup>6</sup>

A formação, nesse caso, se dá em meio a uma oferta avassaladora de informações e diversidade cultural, mas tudo isso mesclado pela superficialidade, outra marca da indústria cultural. Uma formação que se dá, mesmo que inconscientemente, para a manutenção do sistema vigente, em que não há espaço para um pensamento crítico do conhecimento absorvido. Ali (2008) vai advertir que semiformação chega até mesmo a assumir o espaço educacional:

A semiformação muitas vezes atinge o lugar de formação educacional como poderosa aliada do *status quo*, da miséria social e da barbárie. Isso porque, ao despojar os indivíduos do pensamento crítico- utilizando-se para isso informações superficiais e muitas vezes maquiadas de interesses de grupos dominantes, acaba por minar desses não apenas a sua força reativa diante dos episódios de barbárie, como também suas próprias subjetividades (ALI, 2008, p. 20).

A semiformação está acoplada a um contexto alienante em que nem mesmo há percepção dessa semiformação. Adorno vai caracterizá-la como “[...] sistemas delirantes coletivos de semiformação cultural, onde conciliam o incompatível; pronunciam a alienação e sancionam como se fosse um obscuro mistério e compõem um substituto da experiência [...]” (ADORNO, 1996, p. 407). Onde o “pensamento reduzido ao saber é neutralizado” (ADORNO, 1985, p. 184) e mobilizado apenas para a adequação econômica, voltado unicamente para o mercado de trabalho e específico para aumentar o poder mercantil da pessoa, entretanto, não há uma percepção consciente desse processo inacabado de formação cultural e de conhecimento.

A questão não é formar sujeitos em uma perspectiva mais alinhada a uma visão política esquerda ou direita, outros diriam republicana ou democrática, mas, sim, avaliar se o processo educacional, ao trabalhar com a comunicação como um meio, possa desencadear a citada visão reflexiva sobre o mundo e sobre o conhecimento, garantindo assim sujeitos emancipados, tanto no fazer de seu conhecimento, como na reflexão sobre os produtos dos

---

<sup>6</sup> De fato, além da escolha pela utilização do termo semiformação conservar o sentido de falsidade do processo formador, há que se destacar a permanência da sutileza nessa escolha de tradução do conceito, pois a semiformação apresenta-se, de forma simulada, como a redentora do embrutecimento do subjetivo indivíduo, mas, na verdade, como já disse Adorno, é a inimiga mortal da formação (Bildung). O termo de semiformação resguarda, no plano subjetivo, o sentido emancipatório da formação em que se converteu em ideologia, em decorrência do crescente processo de hegemonia da Indústria Cultural, cujo conceito também apresenta, fato esse que não é casual, uma certa ambigüidade por não ser cultura ou indústria, ao mesmo tempo que possui característica de ambas (ZUIN, 2002, p. 17).

meios de comunicação. Para Adorno (1996, p. 392) a formação deveria remeter para “um indivíduo livre e radicado em sua própria experiência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos”.

“Uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme o seu conceito, demanda de pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado” (ADORNO, 2003, p. 141). Nos apontamentos do autor, a educação deve justamente atuar na perspectiva de garantir aos sujeitos uma formação que se complete no sentido de possibilitar a autonomia dos sujeitos, para que os mesmos possam, baseados em sua próprias experiência, produzir suas concepções e conhecimento. A proposta da nossa pesquisa foi trabalhar com um produto da indústria cultural, no caso o jornal, mas sob a ótica do grupo envolvido, na perspectiva que essa discussão possa levar relações democráticas e propícias ao conhecimento compartilhado, que possibilitem à emancipação dos sujeitos, tendo como pano de fundo o processo de aprendizagem.

A emancipação, na perspectiva de Adorno (2003), não se refere apenas ao indivíduo como entidade isolada, mas, fundamentalmente como um ser social. Ela é pressuposto da democracia e se funda na formação da vontade particular de cada um, tal como ocorre nas instituições representativas. A emancipação é a formação para a autonomia, mas ela só pode ser bem sucedida se for um processo coletivo, já que na nossa sociedade a mudança individual não provoca necessariamente a mudança social, mas esta é pré-condição daquela. A educação deve contribuir, portanto, para o processo de formação e emancipação, para criar condições em que os indivíduos, socialmente, conquistem a autonomia.

A aproximação entre comunicação e educação possibilita a construção dos conhecimentos por meio de uma educação dialógica defendida por Paulo Freire, não como transferência de conhecimento, mas resultante da troca entre os sujeitos envolvidos. BELLONI (2002) pondera a respeito da delimitação de limites e da co-responsabilidade entre comunicadores e educadores e sobre a inter-relação dos profissionais, isso considerando que as novas gerações são cada vez mais multifacetadas. A autora faz sua discussão não na centralidade, mas na inter-relação obrigatória e necessária entre a educação e a comunicação.

Nessa perspectiva, da construção de um saber voltado para a emancipação, que situamos essa reflexão sobre a interação entre educação e comunicação, relação agora complexificada pela tecnologia (HABERMAS, 1980).

Como Freitag (1986), consideramos que a inclusão da tecnologia na sociedade aumenta consideravelmente as ofertas “informativas”, emergindo assim a urgência de que

os sistemas educativos foquem na formação de cidadãos críticos, com um olhar cada vez mais inquietante e reflexivo.

Gohn, a partir de um diálogo com Touraine, fala da necessidade de se desenvolver uma nova cultura escolar que forneça aos alunos instrumentos para que saibam interpretar o mundo. Ao discutir o saber interpretativo, o autor cita a televisão, apesar desse meio não fazer parte do nosso foco de estudo, a discussão proposta fará parte de nossa reflexão.

Trata-se de um acervo de conhecimentos que não têm sido desenvolvidos nas escolas, gerador de um saber interpretativo, tão importante quanto o saber científico. O saber interpretativo, nas ciências humanas, refere-se às condutas intencionais, decifrando as linguagens sociais existentes – desde o urbanismo até as investigações científicas, passando pela mídia. É preciso ver a televisão não apenas como um “mal”, mas utilizá-la como um veículo de debate, polemizar sobre o seu conteúdo, e discutir sobre as diversas culturas que os filmes e programas apresentam, desenvolvendo conhecimentos sobre o outro, seu passado, seus costumes e tradições (GOHN, 2005, p. 14-15).

Faz-se necessário ampliar a discussão de como os meios de comunicação podem continuar a ser utilizados, de forma a contribuir nos sistemas educativos para o compartilhamento das informações, visto que a escola é uma das responsáveis por fazer que estas informações sejam refletidas pela sua comunidade escolar, acontecendo assim o processo formativo.

Setton (2005), em seu diálogo com Walter Benjamin, afirma que a evolução técnica possibilita o despertar e a ampliação de nossa sensibilidade perceptiva e cognitiva e oferece novas condições de apropriação e recepção de representações de conhecimento sobre o mundo. Nesse sentido, pode-se pensar na ampliação do potencial das capacidades reflexivas do indivíduo contemporâneo.

A difusão das tecnologias de informação e comunicação em multimeios, muito mais que representar um conjunto de mudanças nas relações sociais e produtivas, invadiu as vidas e rotinas das pessoas, tornando-se uma linguagem operacional para interação com o mundo, os fatos, informações e dados, instalando um novo paradigma de integração social a partir do acesso e uso consciente e crítico do ferramental disponível (SOARES, 2006, p.15).

Considerando a citação anterior, não podemos mais deixar de trabalhar com a perspectiva de que a sensibilidade aos processos comunicativos, quando não reconhecida, também pode impedir essa interação com o mundo e com o conhecimento, uma vez que as tecnologias possibilitam, cada vez mais, as mais variadas formas de comunicação em seus diversos meios.

Neste sentido, Baccega (2000/2001) é enfático ao categorizar que não seria mais possível pensar a educação em sua acepção tradicional, como instrução formal empreendida, sobretudo nas instituições formais de ensino. Entendemos que é necessário estar aberto para outras formas de aprendizado e aqui saliento aquele divulgado por agentes que estão fora dos ciclos legitimamente reconhecidos como educativos. Embora com propostas distintas à escola e à família, há um caráter socializador e educativo nas produções das culturas da mídia no universo brasileiro pesquisado. Essa percepção e sensibilidade apontada pelos autores, é considerada pelos meios de comunicação ao optarem pela oferta de formação a partir dos recursos da mídia, como fascículos em bancas de revista ou programas televisivos ou até mesmo por correspondência.

Chamo a atenção para a sua capacidade de potencializar- em continuidade ou em ruptura- disposições com relação ao aprendizado adquiridas previamente no ambiente familiar ou escolar. Penso ser necessário circunstanciar então os usos desse material educativo, a fim de compreender a complexidade e a ambigüidade de suas realizações (SETTON, 2005, p. 88).

Isso tudo considerando que o estudante irá elaborar seu conhecimento a partir de uma interdependência de sistemas híbridos constituídos pelas instâncias família e escola, mas também por um sistema difuso de informações, veiculado pela cultura das mídias.

Setton (2005, p. 90) trabalha, nessa sua discussão, a presença do cultural, considerando que é possível detectar a utilização de outro tipo de cultura no cotidiano do estudantado que o pré-dispõem, junto com as estratégias familiares, a construir uma trajetória escolar meritória. “Foi possível constatar que o acesso a um saber informal midiático, em ambientes familiares dóceis à cultura escolar ampliou o referencial cultural dos alunos, potencializando um melhor desempenho escolar”. (SETTON, 2005, p. 90)

A leitura de jornais e revistas, a assistência a um a programação televisiva informativa, a audiência a entrevistas com especialistas, ou viagens pela internet (entre outras possibilidades) podem servir também como estratégias de adquirir os bens da cultura e do conhecimento e de ter acesso a estes. Em outras palavras, quero destacar uma outra ordem de estratégias e/ou práticas culturais que demonstram uma abertura ante o aprendizado informal/formal difundido por instâncias ainda não consagradas como legítimas (SETTON, 2005, p. 80).

Onde esse capital cultural passa também por um “[...] conceito que explicita um novo tipo de capital, um novo recurso social, fonte de distinção e poder em sociedades em que a posse desses recursos é privilégio de poucos”. (BOURDIEU, 1996). A possibilidade de formação também fora dos padrões formais de ensino funciona como um recurso social aberto também àqueles que não têm o poder econômico de financiar uma educação especializada ou



de ampliar seus conhecimentos pela experiência de viagens e contato com uma parcela social historicamente tida como detentora de conhecimento.

A importância e a utilidade da mídia, como um elemento somatório à causa social e educacional foram consideradas na pesquisa, na perspectiva da mesma fazer parte da formação do cidadão. Além do entretenimento, os veículos de comunicação têm a função de atuar de forma educativa, não com o seu poder ideológico que de forma estratégica é utilizado por grupos que detêm seu controle em nível mundial, “[...] na busca de reciclar sua forma de dominação por meio do projeto da globalização econômica ancorada no livre mercado e no consumismo como poder articulador da ordem social” (ZITKOSKI, 2006, p. 17), e sim como promotora de informações significativas que possam estabelecer relação com o processo de ensino-aprendizagem.

Perceber como acontece essa troca, entre a produção de uma forma de comunicação, representa entender teoricamente como acontece à influência da mídia no processo de ensino-aprendizagem, não só em termos da informação que veicula, mas também como meio para desenvolvimento de conteúdos nas diferentes áreas do conhecimento trabalhados pela escola.

Isso, considerando que os meios de comunicação, em alguns momentos, constituem-se como formas de dar voz à sociedade, e, nesse contexto, a experiência com o meio “jornal”, de maneira que seja elaborado e produzido pela própria comunidade escolar e a análise sobre o contato da produção e resultado desse produto com os diferentes grupos representados no dia-a-dia da comunidade escolar se faz necessária, na perspectiva de se estabelecer um diálogo franco, direto e constante com e entre a comunidade escolar. Uma aproximação entre a produção- a partir da mídia- e o aprender em sala de aula pode servir para que as discussões que ocorrem no cotidiano do aluno não fiquem do lado de fora da sala de aula e, assim, seu aprendizado ocorra como se fosse parte de um mundo, ou perspectiva, diferente ao de seu cotidiano.

Aliar os meios de comunicação ao processo educacional seja ele formal ou não, torna-se imperativo, considerando que a instabilidade ou, até mesmo, a falha comunicacional, pode comprometer e criar barreiras que vão contribuir para a exclusão de cidadãos no processo ensino-aprendizagem.

## 1.2 Linguagem, texto e letramento

Essa aproximação, entre comunicação e educação, é necessária na perspectiva de trabalhar o texto como base para compreensão do mundo pela linguagem; seja oral ou escrita. Na perspectiva do que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la a escola tem responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 144).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem também que a linguagem deve ser trabalhada de maneira que leve o aluno a tomá-la como prática e não apenas como algo a ser decorado como prova de conhecimento acadêmico. “Práticas que partem do uso possível aos alunos e pretende provê-los de oportunidade de conquistarem o uso desejável e eficaz<sup>7</sup>. Em que a razão de ser das propostas de leitura e escrita é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio” (BRASIL, 1997, p.21). Aponta o documento, ao enfatizar que a razão de ser das propostas do uso da fala e da escrita é a expressão e a comunicação por meio de texto e não a avaliação da correção do produto. Em que as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensarem sobre a linguagem para poderem compreendê-la e utilizá-la adequadamente.

O processo de produção do jornal impresso com alunos e professores é uma maneira de trabalhar com a linguagem, no contexto educacional, de forma que leve o aluno a pensar e a fazê-la. “É no interior do funcionamento da linguagem que é possível compreender o modo desse funcionamento. Produzindo linguagem, aprende-se linguagem” (BRASIL, 1997, p. 25). Isso, a partir da prática com o próprio texto. Já que se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e interpretar textos, a unidade básica do ensino só pode ser o texto, mas isso não significa que não se enfoque palavras ou frases nas situações didáticas específicas que o exijam.

O debate se intensifica quando consideramos o indivíduo um ser social. A sociedade é mediatizada por infinitas formas e maneiras de comunicação. E, de forma geral, as utiliza somente para entretenimento, sem que se reflita sobre tal processo. Desta forma, a educação

---

<sup>7</sup> Eficácia no uso da linguagem, refere-se aos efeitos alcançados em relação ao que se pretende. Por exemplo: convencer o interlocutor por meio de um texto argumentativo, oral ou escrito; fazer rir por meio de uma piada; etc.

não pode ficar fora e nem à margem deste debate, sobretudo em termos do uso da mídia na educação.

“Um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos” (BRASIL, 1997, p. 23).

Além de garantir o conhecimento às especificações técnicas da linguagem, é preciso que o processo de ensino-aprendizagem crie condições que o aluno possa desenvolver a capacidade de compreender e produzir textos que tenham sentido para ele.

A conquista da escrita alfabética não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita. Essa aprendizagem exige um trabalho pedagógico sistemático. Quando são lidas histórias ou notícias de jornal para crianças que ainda não sabem ler e escrever convencionalmente, ensina-se a elas como são organizados, na escrita, esses dois gêneros: desde o vocabulário adequado a cada um, até os recursos coesivos, que lê são característicos (BRASIL, 1997, p. 34).

Trata-se de garantir condições em que os sujeitos saibam o que fazer com as habilidades e conhecimento da leitura e da escrita, podendo assim produzir suas próprias formulações. Não como uma avaliação da presença ou ausência da “tecnologia” do ler e escrever, mas em uma prática social da leitura e da escrita. Essa discussão surge no Brasil sob o termo de alfabetismo para posteriormente ser tratada como letramento. É na segunda metade dos anos 80, há cerca de apenas 15 anos, portanto, que ela surge, no discurso dos especialistas dessas áreas. “Só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.” (SOARES, 2009, p. 20). Ultrapassa-se a barreira da importância de apenas verificar a habilidade de codificar o próprio nome, para usar a leitura e a escrita como uma prática social. Chega-se até mesmo na tentativa de avaliar o nível de letramento “[...] e não apenas a avaliação da presença ou ausência da ‘tecnologia’ do ler e escrever” (SOARES, 2009, p. 21) [grifo da autora].

A alfabetização vai se dar mais como um processo em âmbito individual, relativo à aquisição de habilidades para leitura e escrita e as chamadas práticas de linguagem, refere-se portando ao processo de escolarização, e, da instrução formal. Já o letramento está relacionado ao convívio social, na relação do indivíduo com a sociedade. Tanto que Tfouni (2006, p.23) vai argumentar que “não existe o termo “iletrado”. Isto é, não existe nas sociedades modernas, o letramento “grau zero”, que equivaleria ao iletramento. Do ponto de

vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são “graus de letramento”, sem que com isso se pressuponha a sua inexistência”. Assim como também há graus de alfabetização, para Tfouni apesar do entendimento de alfabetização inicialmente estar ligado à instrução escolar, parece seguir posteriormente um caminho que é determinado, sobretudo nas práticas sociais nas quais ele se engajar. Essa relação entre produto e processo da alfabetização e letramento é desnudada por Tfouni ao alertar para a impossibilidade de na sociedade contemporânea classificarmos indivíduos como iletrado:

Uma forma de acabar com o etnocentrismo parece ser começar a considerar alfabetização e letramento como processos interligados, porém separados enquanto abrangência e natureza. Outro modo é passar a considerar o letramento como ‘continuum’. Desse modo estaremos evitando as classificações preconceituosas decorrentes da aplicação das categorias ‘letrado’ e ‘iletrado’, bem como a confusão que usualmente se faz com essas categorias e, respectivamente, “alfabetizado” e “não-alfabetizado” (TFOUNI, 2006, p. 25) [grifo da autora].

O termo letramento é apontado como sendo o produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e desenvolvimento da agricultura. “Ao mesmo tempo, dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial como um todo” (TFOUNI, 2006, p. 22).

Há também várias formas de se entender a alfabetização, comumente se entende a alfabetização em duas vertentes: “[...] como processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e a escrita ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes” (TFOUNI, 2006, p.15). Entretanto, essa primeira perspectiva acaba por deixar a idéia de que alfabetização é algo que chega ao fim, sob a forma de objetivos instrucionais. Mas como processo que a caracteriza, a alfabetização é a sua incompletude, na medida em que temos a cada dia novas linguagens e novas formas de interpretação e formação de significados.

A inter-relação da alfabetização e letramento são necessárias para que os cidadãos tenham acesso a técnica da leitura e da escrita, não apenas para cumprir exigências do mercado de trabalho ou atender a indicadores sociais, mas para que possam usar o texto como base para interpretação do mundo e para expressão e elaboração de suas ideias. Isso considerando a discussão de Ana Luiza Smolka sobre uma compreensão restrita de alfabetização que muitas vezes permeia o universo escolar, “[...] o ensino da escrita tem se reduzido a uma simples técnica, enquanto a própria escrita é reduzida e apresentada como

uma técnica que serve e funciona num sistema de reprodução cultural e produção em massa. (SMOLKA, 1998, p.38)

O trabalhar com a linguagem a partir do contexto do próprio aluno facilita que ele consiga fazer uma significação do que é escrito e lido a partir dos códigos que lhes são apresentados. “Essa postura diferenciada frente ao processo de alfabetização gera no aluno “[...] o livre afloramento das ideias e dos processos construtivos que, processados pelo sujeito, o levam a construir a concepção da escrita como um sistema de representação da linguagem” (FERREIRO, 1992, P. 72).

O processo de alfabetização “[...] não mais se constituirá num simples jogo de palavras. Será a consciência da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum a bravura de dizer a sua palavra. (FREIRE, 1985, p.4). A linguagem como instrumento para interpretação do mundo foi trabalhada, na presente pesquisa, como forma de possibilitar ao educando conhecer-se e compreender o contexto sócio cultural. A prática de elaboração conjunta dos alunos de uma produto da mídia, a partir da produção textual, vai se dar plenamente, no movimento em que os envolvidos, além de utilizarem seus conhecimentos técnicos também produzam suas significações, entendimento e interpretações próprias sobre determinado tema.

Esse trabalhar com a linguagem a partir da construção e significações dos próprios alunos foi abordado em nosso trabalho tendo como pano de fundo a realidade cotidiana de todo o grupo envolvido. Optamos por realizar um trabalho conjunto com as duas turmas envolvidas na pesquisa e a professora de língua portuguesa do grupo. A programação de trabalho foi definida anteriormente ao início da pesquisa, mas sem um fechamento prévio completo, já que o objetivo sempre foi o de adequar todo esse trabalhar à realidade do grupo, inicialmente desconhecida para as pesquisadoras. Então, apesar de termos o objetivo e foco de trabalho definido, a sua realização foi construída também pela realidade da comunidade escolar e a partir de sugestões dos envolvidos. Todo esse processo será descrito no próximo capítulo, quando falaremos sobre o caminhar na pesquisa.

## 2 O CAMINHAR NA PESQUISA



“Seria uma ciência então elevada ao nível da sabedoria”

Carlos Rodrigues Brandão

A realização da presente pesquisa foi desenvolvida em sala de aula, também em atividades externas realizadas individualmente pelos estudantes e finalizada por todo grupo em uma visita aos dois maiores jornais do Estado. Todo o processo e abordagem metodológica foi descrito nesse presente capítulo.

A abordagem que utilizamos foi a pesquisa qualitativa, compreendida como

[...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema completo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria de dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979, p. 520).

Utilizamos como forma de contato com o grupo envolvido no trabalho a pesquisa participante, por ser uma metodologia coletiva que favorece as discussões e a produção

cooperativa de conhecimentos específicos sobre a realidade vivida. Caracteriza-se pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa em que há autonomia nas ações do grupo envolvido em uma construção coletiva de conhecimento. Para Cicília Maria Krohling Peruzzo (2009, p.125) “a pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada.”

A pesquisa participante é associada à postura dialética que enfoca o problema da objetividade de maneira diversa do positivismo. A dialética enquanto procura captar os fenômenos sociais, caracterizados pelo constante devir, privilegia, pois, o lado conflituoso da realidade social. Não se restringe à mera observação do pesquisador e do pesquisado, mas ambos “acabam se identificando, sobretudo quando os objetos são sujeitos sociais também, o que permite desfazer a idéia de que caberia somente em ciências naturais” (DEMO, 1984, p.115). Sob esse prisma, Carlos Rodrigues Brandão, mesmo ao categorizar que há uma multiplicidade de entremeios e vertentes da pesquisa participante, observa que há traços comuns nas diversas alternativas, entre eles, destacamos:

[...] interação de investigação, educação e participação social como momentos de um processo centrado na análise daquelas contradições que mostram com maior clareza os determinantes estruturais da realidade vivida e enfrentada como objeto de estudo. (BRANDÃO, 1984, p. 17).

Brandão enfatiza o aspecto coletivo da pesquisa participante ao abordar a interação de investigação, em um processo de análise das contradições, isso a partir da participação social, em uma ligação com processo educacional.

Considerando essa especificação metodológica descrita acima, optou-se pela pesquisa participante uma vez que demandávamos da inserção no meio pesquisado, participação efetiva da população, foco do estudo na pesquisa, discussão da realidade, busca do sentido e das representações, nova concepção do sujeito e do grupo. Isso, considerando que parte do grupo envolvido, apesar de muitos já terem tido contato com o meio jornal, muitos não tiveram acesso a uma discussão, crítica e até elaboração de seu conteúdo e análise do que lhe é oferecido. Elementos que coadunam com a definição de pesquisa participante elaborada por Brandão:

Várias as vertentes e propostas que confluem para dar corpo a um estilo de trabalho que vê na apropriação coletiva do saber, na produção coletiva do conhecimento, a possibilidade de efetivar o direito que diversos grupos não têm sobre a produção, o poder a cultura (BRANDÃO 1984, p. 15-6).

A proposta de pesquisa-participante é recente, embora aqui e ali algumas formas pioneiras tenham sido realizadas. Brandão exemplifica que entre as iniciativas pioneiras estão o questionário da enquête de Marx entre operários que, mais que coletar dados sobre a sua condição, era um exercício de fazê-los pensar, enquanto respondiam. Há também o levantamento do universo vocabular no método de alfabetização de Paulo Freire que, já nos princípios da década de 60, convoca a comunidade pesquisada a participar tanto da pesquisa como dos trabalhos de educação popular a que seus dados serviam. Um dos primeiros livros editados no Brasil e na América Latina que reúne artigos sobre o assunto é de 1981.

Ainda que se reivindique para Paulo Freire a primazia de enfoque renovado e de marcada conotação sócio-política na educação e pesquisa educativa, Marcela Gajardo, em *Repensando a Pesquisa Participante*, retoma que o conceito de investigação-ação, utilizado a partir dos anos 70 para caracterizar os estilos participacionistas de pesquisa, provém de uma vertente mais sociológica. Do que propriamente educacional. Nesse processo, há uma forte crítica à unidade de método prevalente nas ciências sociais, à preeminência de uma visão parcelada e unidimensional da realidade social, à separação radical entre ciência e política, à desvinculação total entre teoria e prática .

Em tal contexto, desenvolviam-se também idéias a respeito da necessidade de delinear estratégias metodológicas que permitissem superar as dicotomias sujeito-objeto, teoria-prática, presentes nos processos de pesquisa educacional, possibilitando uma produção coletiva de conhecimento em torno de vivências, interesses e necessidades dos grupos situados histórica e socialmente (BRANDÃO, 1984, p. 18).

O trabalho mais significativo nessa perspectiva encontra-se nas experiências encabeçadas por Fals Borda, na década de 70, sociólogo colombiano, ensaiadas em função de estudar a situação histórica e social dos setores mais pobres e atrasados da sociedade colombiana e de efetivar a vinculação da pesquisa com as ações sociais e políticas desenvolvidas pelos grupos e instituições mais conscientes de seu país.

Destacamos a gênese da práxis na pesquisa participante. Nesse caso, a investigação surge como espaço de ação social e método de ação política. Fals Borda (1982) aborda sobre a procura por formas de transcender a conscientização para uma prática dessa consciência.

A crise do paradigma da 'conscientização' levou à procura de formas para transcendê-lo (...) A pedra filosofal da transcendência de um paradigma a outro radicou-se na idéia de que o conhecimento para a transformação social não se radica na formação libertadora da consciência, mas prática dessa consciência. Além disso (...), dessa passagem e desse sentir da práxis também se produzem um saber e um conhecimentos científicos. Até esse momento, se estabelecia nas ciências sociais uma diferença taxativa entre teoria, de um lado, e prática, de outro. Havia uma



tendência para se definir a ciência como pura e aplicada. Reconhecia-se certa relação entre uma e outra, no sentido de que a teoria permitia melhor eficácia da prática que a prática se inspirava na teoria e, desse modo, que essa combinação faria avançar o conhecimento científico. Foi essa possibilidade que, em minha opinião, permitiu superar as dificuldades ideológicas e políticas do paradigma da conscientização. Durante aqueles primeiros anos da década de setenta, essa passagem foi denominada investigação-ação. (FALS BORDA, apud BRANDÃO, 1984, p. 25).

Paralelamente ao desenvolvimento conceitual no campo sociológico, também na década de 70 há o desenvolvimento de uma estratégia metodológica no campo das práticas educativas. “Tal estratégia é também denominada como processo de investigação-ação e, nos seus traços gerais, recolhe os momentos, fases e etapas delineados por Paulo Freire para a investigação temática”, (GAJARDO, 1984, p. 25). Bosco Pinto constrói diversas técnicas metodológicas aplicadas com maior ou menor êxito principalmente em microprocessos de planejamento inseridos geralmente em programas de desenvolvimento rural. Em seus trabalhos, Pinto postula uma educação entendida como:

[...] um processo permanente de formação da consciência crítica dos setores populares, concebida esta como o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da capacidade de compreender criticamente a realidade histórico-cultural em que vivemos, para encontrar nela a explicação de sua situação subjetiva, assim como as formas e instrumentos que lhe permitem superá-la mediante um esforço coletivo, sistemático e organizado, conduzindo-os a atingir a plena participação na gestão e direção do processo produtivo e no desfrute da riqueza, bens e serviços gerados socialmente (PINTO, 1981, p. 8).

Um processo onde os envolvidos são colocados e motivados a compreender, refletir e produzir criticamente análises e interpretações sobre suas respectivas realidades vivenciadas.

A pesquisa participante vai se distanciar da concepção tradicional de ciência.

O movimento da pesquisa participante tem como um dos pontos de partida a decepção diante da pesquisa tradicional. Entende-se por pesquisa tradicional aquelas feitas dentro dos cânones metodológicos usuais, de feição empirista e positivista, que selecionam na realidade social aquilo que cabe no método. Cultivam a neutralidade científica, afastam-se da prática e não atingem relevância social para as camadas populares que necessitam de profundas transformações sociais (DEMO, 2007, p. 231).

A pesquisa participante vai se dar justamente nesse processo prático, tendo como objetivo servir como mecanismo de reflexão e de relevância social para os envolvidos na investigação.

A pesquisa participante causou impacto nos estudos de comunicação social nos anos de 1980 e no início da década de 1990, para em seqüência passar a receber menor prestígio no universo da pesquisa acadêmica na área da comunicação no Brasil. “A crise dos paradigmas

marxistas certamente contribuiu para tal ocorrência. Passados alguns anos, há indícios de que se reacende o interesse por esta metodologia de pesquisa” (PERUZZO, 2009, p, 125) Essa expressiva presença da pesquisa participante nos estudos de comunicação no Brasil, se deve também pela influência de publicações sobre essa metodologia de pesquisa provenientes das áreas da sociologia e da educação.

O momento sócio-político por que passa o Brasil com o [...] acirramento dos conflitos e crescente descontentamento com o status quo; a efetivação da abertura política em decorrência do declínio da ditadura militar; e a vontade pública mudança (transformação) social (PERUZZO, 2009, p.127). Torna-se um campo fértil para a uma sociedade que demanda maior participação política e o fim das desigualdades sociais. Justamente nesse período, pós-regime militar no Brasil, a universidade repensa seu papel como agente social e a discussão sobre a epistemologia da ciência encontra um campo fértil. “Na academia, ganha força a negação da pesquisa de cunho positivista como única modalidade válida de pesquisa científica. Ocorre todo um debate sobre os limites dos estudos baseados em variáveis verificáveis matematicamente e sobre a não-neutralidade da ciência” (PERUZZO, 2009, p.128). Discussão já começa por Paulo Freire que disse em 1978 que inexistente neutralidade “toda neutralidade proclamada é sempre uma escolha escondida, à medida que os temas, sendo históricos, envolvem orientações valorativas dos homens na sua experiência existencial”. (FREIRE, 1978, p. 89). Zakrzewski (2002) aponta que as obras “Educação como prática da liberdade” e a “Pedagogia do Oprimido” inauguram o caráter político-emancipatório com que pesquisas na área da ação em educação passam a ser utilizadas, no qual o diálogo ocupa um papel central.

Nessa teia de discussões “propõe-se ir além da constatação crítica sobre as manipulações da mídia e seu poder de influência, cujos estudos se ancoram nos referenciais teóricos da teoria crítica de tradição frankfurtiana, e, ao mesmo tempo, contribuir para o avanço da pesquisa em comunicação e para a transformação social” (PERUZZO, 2009, p. 130). Iniciativas essas que sintonizam a intenção, também presente em outras áreas de conhecimento, de não se fazer pesquisa pela pesquisa, mas uma pesquisa que pudesse contribuir para o processo de mudança social, a partir do diálogo com os envolvidos, iniciativas de emancipação que possam alterar a realidade dos envolvidos nesse processo.

Peruzzo vai definir, nessa perspectiva, três finalidades da pesquisa participante em comunicação social, destacamos a que integra o nosso trabalho: “observar fenômenos importantes, especialmente os ligados a experiências populares de comunicação voltadas para

o desenvolvimento social, que eram até então poucas expressivas ou até ausentes no âmbito da pesquisa em universidades no Brasil”, (ano 2009, p. 131).

A partir da elaboração de Marcela Cajardo de que, “[...] não existe uma única maneira de definir” tal tipo de pesquisa já que é necessário reconhecer que a existência de tradições e pensamento distintas e de práticas de pesquisa diversas conferem alcances e significados diferenciados às atividades que se desenvolvem sob o mesmo rótulo: pesquisa participante ou investigação participativa” (CAJARDO, 1987, p.16). PERUZZO (2009) vai apontar três modalidades e suas respectivas características de investigações nesse processo: a) Observação participante; b) Pesquisa participante e a c) Pesquisa-ação.

Dos classificados teoricamente como tipos de pesquisa nessa metodologia, nosso trabalho se deu através da pesquisa participante, já que “[...] o pesquisador interage com o grupo pesquisado, acompanha as atividades relacionadas ao “objeto” em estudo e desempenha algum papel cooperativo” (PERUZZO, 2009, P. 137). O trabalho não ficou restrito a uma observação da situação (observação participante ou investigação etnográfica) ou a uma investigação da experiência prática em que todos os envolvidos participam da definição de objetivos e até mesmo da coleta de dados (pesquisa-ação). Justamente por termos definido o objetivo a ser investigado e o processo de coleta e apreciação de dados antes do primeiro contato com o grupo envolvido, optou-se por essa metodologia. Por ser uma pesquisa participante o grupo opinou e alterou várias propostas de atividades e, ou, como executar nossa proposta em questão. Entretanto, essas definições de objetivo e coleta de dados não foram elaboradas com o grupo envolvido, prevalecendo assim uma maior autonomia ao pesquisador.

Trata-se de um estilo de pesquisa próximo ao da pesquisa-ação, distinguindo-se essencialmente, no que diz respeito ao processo de realização, que neste caso reserva mais autonomia ao pesquisador, tendo em vista que as decisões sobre os objetivos da pesquisa e demais processos de coleta e interpretação dos dados não contam com a interferência do grupo investigado. Os resultados da investigação são devolvidos ao grupo, em geral apenas depois da conclusão da pesquisa (PERUZZO, 2009, p.138).

## 2.1 MÉTODO

Essa metodologia de ação corrobora na perspectiva de nossa investigação, já que a proposta em questão foi a de produzir um jornal com os alunos, onde eles discutiram todo esse fazer e também vivenciaram essa experiência, para posterior análise desse processo de produção. O desenrolar de nossa pesquisa ocorreu conjuntamente com o desenvolvimento das

estratégias de ensino e produção de texto em sala de aula discutidas previamente entre a professora integrante do trabalho e a pesquisadora, aproveitamos o conhecimento técnico e experiência pedagógica da professora e jornalística da pesquisadora-, então, até para não separar algo que foi desenvolvido de forma integrada, optamos por apresentar de forma condensada no presente trabalho.

Além de se trabalhar com o problema específico de como a comunidade escolar envolvida pôde incorporar o jornal, a partir de sua produção, atentando assim ao objetivo prático do trabalho. Essa pesquisa participante nos oportunizou também o objetivo de conhecimento, já que pudemos acompanhar diretamente como se desenvolveu esse processo de produção e o de avaliar, a partir do foco da pesquisa, se a prática do jornal no contexto da escola levou a construções democráticas. Essa aproximação com o desenvolvimento do trabalho, que a pesquisa-participante possibilita, é analisada por Antonio Carlos Gil, ao apontar as principais vantagens da observação participante, em relação às outras modalidades de análise. A discussão de Gil é relacionadas, com base, principalmente, nas ponderações do antropólogo Florence Kluckhohn (1946, p. 103-18):

- a) Facilita o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos.
- b) Possibilita o acesso a dados que a comunidade ou o grupo considera de domínio privado.
- c) Possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados (GIL, 2006, p.114).

Informações e dados que podem ser obtidos, a partir dessa metodologia em que, muitas vezes, o pesquisador poderia até mesmo, nem tomar conhecimento de sua existência, caso não tivesse contato de uma forma mais direta.

Pela pesquisa participante é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, conflitos, tomadas de consciência, iniciativas e comportamento dos observados com um olhar privilegiado por estar conjuntamente com o objeto pesquisado, não substituindo papéis, mas, de certa forma, integrando à pesquisa ao fazer parte do objeto pesquisado, mas no papel técnico. Isso considerando que o pesquisador não irá se camuflar ao grupo envolvido no processo, mas participar dele, como um pesquisador envolvido ao tema trabalhado por todos. “A pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada.” (PERUZZO, 2009, p.125). Apesar de alguns autores, como Antonio Carlos Gil, colocarem como opcional a

identificação do pesquisador perante o objeto, ao observar que ao escolher a observação participante fez-se necessário

[...] decidir se revelará o fato de ser pesquisador ou se tentará a integração no grupo utilizando disfarce. Depois, precisa considerar, no caso de não revelar os objetivos da pesquisa, se as atividades disfarçadas podem prejudicar algum membro do grupo...” (GIL, 2006, p. 113).

Categoricamente, o posicionamento utilizado em nossa investigação foi tanto de nos apresentar enquanto pesquisadores e também o de esclarecer o objetivo de nossa investigação. Nesse caso, entramos com o conhecimento técnico na área de jornalismo da pesquisadora e com o pedagógico da professora partícipe do processo e o dos alunos em questão. “Não faz sentido embaralhar os papéis. O comunitário espera do cientista que seja competente e não que se fantasie do proletário, destroçando sua origem e marca social” (DEMO, 2007, p. 239).

A pesquisa participante é um tipo de pesquisa social com base empírica, que tem na práxis sua base de análise e ação, torna-se a ciência da práxis.

[...] a potencialidade da pesquisa participante está precisamente no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade. Este tipo de pesquisa modifica basicamente a estrutura acadêmica clássica na medida em que reduz as diferenças entre objeto e sujeito de estudo. Ela induz os eruditos a descer das torres de marfim a se sujeitarem ao juízo das comunidades em que vivem e trabalham, em vez de fazerem avaliações de doutores e catedráticos (BRANDÃO, 1982, p. 60).

Trata-se de uma contraposição às pesquisas de cunho positivista que apontam tratar-se de um tipo de pesquisa preocupada em atingir apenas a aparência dos fenômenos sociais, o que se apresenta à verificação e/ou à experimentação, e que não reconhece que há domínios qualificáveis e não só domínios quantificáveis. Michell Thiollent, em estudo sobre a pesquisa de opinião sintetiza as críticas ao referido modelo:

(a) É criticado o caráter anti-histórico ou antidialético dos procedimentos que pretendem captar a realidade social a partir de uma “fotografia” instantânea da opinião pública sem problematizar o que é opinião pública. A sociedade chega a ser considerada como uma adição de indivíduos e as ideologias e as culturas são vistas como adição de opiniões e comportamentos individuais etc. (b) A concepção empirista também é criticada pelo fato de desprezar a elaboração teórica e de supervalorizar a observação concebida em moldes positivistas (THIOLLENT, 1987, p. 16-7).

O objeto da pesquisa é a elaboração da dialética da ação, num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ator social. “[...] procura-se dizer que há mais coisas a compreender e não apenas aquilo que pode ser verificado estatisticamente” (PERUZZO, 2009, p.130 ).

Entende-se também que nesse contexto, se trata de um objeto dinâmico e mutável, características que favorecem, sobretudo o estudo, na medida em que se objetiva analisar esse processo de produção e suas implicações e ou transformações.

Nas ciências sociais, o próprio objeto é dinâmico e mutável porque os problemas estudados são fenômenos históricos, instituições, relações de poder, classes sociais, manifestações culturais etc. E o que muda não é somente o dado o objeto, mas as próprias “verdades” e “comprovações” produzidas por essas ciências se relacionam com o processo histórico. Daí se reconhecer que o conhecimento científico nas Ciências Sociais procede normalmente por rupturas, descontinuidades e crises (LOPES, 1997, p. 31) [grifo do autor].

Atuamos e analisamos na perspectiva de como se dá o processo, isso no interagir de toda a turma, na prática social. Segundo Brandão, vertentes e propostas de pesquisa participante ou investigação participativa confluem para dar corpo a um estilo de trabalho “[...] que vê na apropriação coletiva do saber, na produção coletiva de conhecimentos a possibilidade de efetivar o direito que os diversos grupos e movimentos sociais têm sobre a produção, o poder e a cultura”. (BRANDÃO, 1984, p. 15-16).

Ainda sobre metodologia de ação, é necessário esclarecer, que o objetivo da pesquisa foi analisar o processo de discussão do grupo pesquisado, a partir da produção do jornal. Sob o olhar de observar se o trabalhar possibilitou, ou não, um ambiente propício para construções democráticas. Referimo-nos à democracia citada por Adorno, em que não é possível uma sociedade democrática, que opere pelo seu conceito, sem pessoas emancipadas. Isso, retomando a discussão já feita por Brandão em que na pesquisa participante, a partir do rompimento da díade sujeito-objeto, teoria-prática, surge um ambiente propício para a construção “coletiva de conhecimentos em torno de vivências, interesses e necessidades dos grupos situados histórica e socialmente” (BRANDÃO, 1984, p.18).

São muito evidentes as potencialidades de se obter um novo conhecimento sólido a partir do estabelecimento, na pesquisa, de uma relação mais proveitoso sujeito-objeto, isto é, uma completa integração e participação dos que sofrem a experiência da pesquisa (FALS BORDA, 1982 p.59).

Na pesquisa participante a apreciação do alcance associada à pesquisa não passa por critérios únicos. Já que quando as ações adquirem uma dimensão objetiva, de fácil identificação, os resultados podem ser avaliados em termos tangíveis, mas quando a ação é vinculada à esfera dos fatores subjetivos, os resultados não são passíveis de contagem, já que ocorrem em termos de consciência.

Em matéria de conscientização e de comunicação, as transformações se difundem através do discurso, da denúncia, do debate ou da discussão. O que é transformado são as representações acerca das situações em que atuam os interessados e seus sentimentos de hostilidade ou de solidariedade (THIOLLENT, 2005, p. 47).

Nesse caso, o olhar do pesquisador precisa ser perspicaz para perceber esses elementos e posterior análise. Essa percepção do processo, observa Peruzzo (2009, p.126), se dá a partir da inserção do pesquisado no ambiente de ocorrência do fenômeno e sua interação com a situação investigada, permitindo assim “poder atingir “o sentido de suas ações”. Essa proximidade com a situação investigada não pode ser feita sem o cuidado metodológico adequado, onde mesmo que por mecanismos inconscientes, o pesquisador atue de forma interferir ou criar vieses de interpretação.

O investigador interage como membro. Além de observar, ele se envolve, e assume algum papel no grupo. Trata-se de uma opção que exige muita maturidade intelectual; acentuada capacidade de distanciamento, fim de não criar vieses de percepção e interpretação – o que não quer dizer neutralidade; e responsabilidade para com o ambiente pesquisado, de modo a não interferir demasiadamente no grupo ou criar expectativas que não poderão ser satisfeitas, até pela circunstância de sua posição transitória no grupo (PERUZZO, 2009, p.137).

Essas características eminentemente de discussão cooperativa e produção coletiva de conhecimento na pesquisa participante são constituídas já nas primeiras experiências envolvendo pesquisas nessa área, sob o rótulo de pesquisa participante ou investigação participativa que:

[...] sustentadas pela concepção conscientizadora de educação, desenvolveram-se em fins da década de sessenta, no âmbito das transformações agrárias operadas em alguns países, orientadas para incrementar a participação dos camponeses beneficiários de tais mudanças a fim de integrá-los a novos modelos de produção, ao consumo e às alternativas que os modelos vigentes apresentavam, em termos de gerar uma maior participação social (BRANDÃO,1984, p.17).

Ao falar sobre conscientização Freire vai distinguir duas noções: a consciência e a conscientização. “A primeira, tem um alcance mais limitado do que a segunda. A tomada de consciência frequentemente é *limitada* a uma “aproximação espontânea”, sem caráter crítico. A conscientização supõe um desenvolvimento crítico da tomada de consciência, permite desvelar a realidade, incide ao nível do conhecimento numa postura epistemológica definida e constem até elementos de utopia (FREIRE *apud* THIOLLENT, 2005, p.47).

Essa conscientização está ligada à prática coletiva, a pesquisa participante insere-se na pesquisa prática, apresentada por Demo (2000, p.21), por estar “ligada à práxis, ou seja, á prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder

de vista o rigor metodológico”. A vivência da *práxis* como uma forma de construir conhecimento.

Por conseguinte, o conhecimento é um momento da *práxis*, por mais rudimentar que ela seja; esse conhecimento, porém não tem nada de um saber absoluto: definido pela negação da realidade, recusado em nome da realidade a produzir, esse conhecimento permanece ligado à ação que ele explica, e com ele desaparece (SARTRE apud BARBIER, 1985, p. 114).

Isso considerando o foco dado por Peruzzo (2009, p. 140), ao tratar sobre a pesquisa participante, em que pressupostos metodológicos apontam para uma questão de âmbito da epistemologia da ciência, quer dizer “[...] para o estudo crítico de princípios, hipóteses e resultados do conhecimento científico”. A autora destaca que nas modalidades engajadas essa relação (sujeito-objeto) é modificada, já que potencializa a transformação do objeto em sujeito, permitindo assim, a produção autônoma e coletiva de conhecimento. Freire é ainda mais enfático:

Se minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles um conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência) se torna um novo conhecimento (FREIRE, 1981, p. 35).

Todo o presente trabalho foi desenvolvido na relação dinâmica entre, a já citada por Freire, relação objetividade e subjetividade. Tendo o grupo envolvido como sujeito do processo, na exclusão da díade sujeito-objeto, mas como parte integrante e reagente do processo, em uma produção de consciência e conhecimento. Para possibilitar essa relação e integração, optamos em conhecer a realidade da escola e dos alunos. Optamos por essa instituição de ensino pelas características descritas na próxima parte, já que precisávamos de um ambiente propício a nossa proposta de trabalho.

## **2.2 ESCOLA PESQUISADA**

A EMEB “Professor Ranulpho Paes de Barros” foi criada pelo Decreto Municipal nº. 232/80 em 25/03/1980 e atende a Educação Básica. Está localizada na região oeste de Cuiabá, no bairro Santa Isabel.



Sua clientela é caracterizada por alunos moradores do próprio bairro, e em sua maioria provenientes de famílias de baixa renda. A escola também atende aos bairros circunvizinhos: Jardim Araçá, Santa Angelita e Verdão.

A escola possui uma estrutura física ampla, com materiais pedagógicos (quadros magnéticos, retroprojeter, livros didáticos, paradidáticos, etc.) e materiais multimídias (aparelho de som, filmes, antena parabólica, home theater, TVs, vídeos, computadores, Dvds, data show, etc.). Têm 20 salas de aula, 01 sala de professor, 01 sala da coordenação pedagógica, 01 sala da secretaria, 01 sala da diretoria, 01 sala de informática, 01 auditório para 120 pessoas, 01 cantina, 01 sala do grêmio estudantil, 06 banheiros, 01 cozinha/depósito merenda, 01 refeitório, 01 depósito para materiais diversos, 01 quadra poli esportiva coberta, 01 quadra de vôlei descoberta, 01 garagem coberta para 24 carros, 01 horta, 01 pátio descoberto e terreno todo murado.

A escola oferece o Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino para crianças de 9 a 14 anos no II e III Ciclos de Formação, aderido pela escola em 2000.

A referida instituição de ensino atende ainda a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno para jovens e adultos com mais de 15 anos de idade e o Ensino Médio em convênio com a Secretaria Estadual de Educação.

A carga horária para todas as modalidades de ensino oferecido pela escola é de 4 horas diárias, totalizando 800 horas, em regime de funcionamento anual de 200 dias letivos.

Figura 1: Alunos no hall de entrada da escola.



**Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora).**

Uma das atividades conjunta entre todos os alunos da escola Professor Ranulpho Paes de Barros é geralmente é no início da manhã, antes do início da ação pedagógica em sala de aula. Na semana da Pátria todos se reúnem para cantar o Hino Nacional.

Desde o ano de 2003, a escola Ranulpho Paes de Barros adota a Metodologia de Projetos de Trabalho, que tem o objetivo de inovar a estrutura da proposta pedagógica em um espaço permanente de pesquisa e construção do conhecimento.

A opção por essa metodologia coloca o currículo numa perspectiva progressista e transformadora. Traduz o entendimento do coletivo de que nada existe e acontece de forma aleatória e isolada, a vida é movimento, relações e encontros.

A Pedagogia de Projetos surge da necessidade de desenvolver uma metodologia de trabalho pedagógico que valorize a participação do educando e do educador no processo ensino-aprendizagem, tornando-os responsáveis pela elaboração e desenvolvimento de cada projeto de trabalho. Essa foi uma das características da escola que foram consideradas para definir em que instituição escolar a pesquisa seria realizada, já que demandaríamos de um

público que tivesse perfil para integrar a pesquisa, com uma pedagogia de trabalho aberta ao trabalho e discussão conjunta.

Os Projetos de Trabalho, na citada escola, assumem um processo dinâmico que busca, por meio da conscientização, instrumentalizar o aluno dando suporte para que este possa determinar-se em sua vida pessoal, profissional e social.

A EMEB “Professor Ranulpho Paes de Barros” possui ao todo vinte ambiências para o II e III ciclos. O trabalho é realizado nas diversas ambiências, e para cada ambiência é lotado um professor por período.

A organização e funcionamento das salas - ambientes permitem que cada turma se desloque passando por duas ambiências diariamente, utilizando os espaços de cada ambiência uma vez por semana.

A escola desenvolvia em 2009 suas atividades através de um projeto multidisciplinar, como parâmetro/referência, denominado “Mato Grosso uma mancha verde no Brasil”.

A metodologia de Projeto de Trabalho parte de um tema central, onde os eixos são desenvolvidos nos bimestres pelos alunos sob a orientação do professor, visando à abordagem dos conteúdos escolares de modo criativo, interdisciplinar ou transversal.

A escola tem um laboratório de informática, foi inaugurado em 1999, através do Programa Nacional de Tecnologia Educacional/PROINFO (Programa do Governo Federal/MEC) cujo objetivo é de introduzir o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas da rede pública. No entanto, não é perceptível o uso do laboratório de informática em uma relação com o que os alunos estão trabalhando em sala de aula.

A unidade escolar recebe, segundo a diretoria da instituição, um exemplar de jornal Diário de Cuiabá e A Gazeta, enviado pela Secretaria de Educação. No entanto, segundo relato dos professores, a entrega é frequentemente interrompida e não há um acompanhamento e incentivo à leitura dos periódicos.

O trabalho foi realizado com duas turmas do 3º ano do 3º Ciclo, com 22 e 24 alunos respectivamente (turmas A e C do período matutino) da Escola Municipal Ranulpho Paes de Barros e com a professora de Língua Portuguesa. A grande maioria dos alunos reside no bairro onde é localizada a escola, no Santa Isabel. Nosso primeiro procedimento da pesquisa foi o contato com a professora e discussão preliminar da proposta de trabalho. A primeira sugestão da professora foi de que a proposta em discussão incorporasse o que a escola já utilizava, que é a dinâmica pedagógica de projetos de trabalho, a instituição atuava a partir dessa perspectiva. Essa indicação da professora foi incorporada aos procedimentos da pesquisa.

Ainda sobre o público da investigação, nosso olhar, esteve, além da análise dos dados, também no diálogo conjunto com os envolvidos sobre a dinâmica da discussão sobre o jornal, seja pela linguagem jornalística, importância da imagem, títulos, escolha de temas a serem trabalhados. Formada em jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso, em 2001, atuo em jornal diário, há oito anos, escrevendo nas editorias de economia e política. Atualmente respondo pela editoria geral adjunta do jornal Folha do Estado, em Cuiabá. A intenção foi aproveitar a experiência com o jornal diário e prática na produção diária de notícias, no intuito de trazer para a sala de aula esse produzir, questionar, inquirir, duvidar, averiguar no contexto dos alunos, somando esse contexto com o trabalhar pedagógico da professora de português.

As duas turmas envolvidas na pesquisa, do 8º ano do 3º ciclo, são compostas em sua maioria por alunos de 12, 13 e 14 anos, que residem no bairro Santa Isabel, onde fica a escola e em suas imediações. A maior parte deles já vinha sendo acompanhada pela professora envolvida na pesquisa nas séries anteriores. Antes mesmo de iniciarmos o trabalho em sala de aula, a professora antecipou sobre a falta de acompanhamento de parte significativa dos pais com o desempenho escolar dos alunos e na discussão com eles, deixando assim, a tarefa de refletir sobre problemas do dia-a-dia, desempenho escolar e até mesmo questão da saúde com a escola. Ela observa que até mesmo na alimentação e questões como de responsabilidade social, como não jogar lixo nos bueiros para evitar enchente em período de chuva, é complicado, já que como os pais não dialogam em casa, os alunos não tem a dimensão de suas responsabilidades.

Figura 2: Parte dos alunos de uma turma envolvida na pesquisa, ao final de uma atividade de nosso trabalho.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)

### 2.2.1 Preparação

O primeiro contato com a comunidade escolar, conforme previsto por nosso planejamento, foi com a equipe docente da Escola Municipal Ranulpho Paes de Barros e objetivou a apresentação da proposta e discussão de como seria trabalhada, desde conceitos a cronograma. Nesse caso, foram realizados quatro encontros para, primeiramente, dialogar sobre a proposta e depois foi feita a discussão sobre os temas a serem trabalhados, entre eles: educação, comunicação, sociedade (violência, saúde...), cultura, jornal, entre outros a serem definidos com o grupo. Entramos assim, no que Brandão vai destacar na postura do pesquisador na observação participante “[...] o pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto da sua investigação” (BRANDÃO apud PERUZZO, 2009, p.137).



Após esses primeiros contatos, feitos ainda em outubro de 2008, toda essa discussão já iniciada com a professora de Língua Portuguesa, esse procedimento foi feito com os alunos, em um grupo conjunto – professores, alunos e pesquisadores-. Isso em uma perspectiva de trabalho baseada no diálogo e na ação, já que a proposta foi a de produção de um jornal voltado para a comunidade escolar, num trabalho interdisciplinar, gerado a partir do trabalho conjunto do grupo. Essa fase também é descrita por Brandão ao destacar a observação participante; em que há uma interação do sujeito da pesquisa com o objeto, onde além dele observar, ele assume algum papel no grupo, além disso o grupo “[...] pesquisado conhece os propósitos e as intenções do investigador, e normalmente concordou previamente com a realização da pesquisa.” (BRANDÃO apud PERUZZO, 2009, p. 137).

Toda a discussão foi realizada na perspectiva de que os saberes de cada um dos envolvidos na pesquisa são um elemento a mais no trabalho conjunto, principalmente “[...] na conjugação da investigação com os processos mais amplos de ação social e de apropriação coletiva do conhecimento, com a finalidade de transformar o povo em sujeito político”. (PERUZZO, 2009, p. 132).

O primeiro contato com a professora de Língua Portuguesa foi rápido, apenas 10 minutos de conversa. No segundo encontro com ela, em novembro de 2008, foi então apresentada a proposta da pesquisa de forma mais detalhada e aproveitamos a oportunidade para compreendermos as percepções sobre o uso que a professora faz dos meios de comunicação em sala de aula, até para ter uma primeira impressão contato dos alunos com algumas mídias no contexto escolar. Nesse encontro, a professora Fernanda fez novas sugestões sobre como poderíamos iniciar a discussão com os alunos do trabalhar a experiência com o jornal em sala de aula. Também aproveitamos para esclarecer que a proposta não era alterar a rotina da escola, no quesito em que a professora permaneceria no comando de sua sala de aula, e que só entraríamos para contribuir com a discussão em relação à comunicação, aproveitando a experiência prática e a formação acadêmica em jornalismo.

Foram trocados os nomes professora de língua portuguesa como o dos alunos que participaram da pesquisa. Não por uma solicitação deles, mas apenas para resguardar a todos que integraram o trabalho.

Neste mesmo encontro, definimos que produziríamos em sala de aula com os alunos notícias jornalísticas para a elaboração de um jornal. Essa decisão foi tomada após conversa com a professora de que poderíamos trabalhar com os alunos de duas maneiras: a partir de atividades de análises de jornais comerciais de Mato Grosso (A Gazeta, Diário de Cuiabá e Folha do Estado) avaliando conteúdo dos textos, escolha das matérias títulos, exercitando e

vislumbrando como funciona esse mecanismo de comunicação ou se a opção seria a de todos elaborarem um produto da mídia, fazendo assim uma discussão em sala de aula, a partir das análises diárias deles dos jornais ou elaboração de notícias para posterior confecção de um jornal. Também combinamos como seria feita a introdução da pesquisa, já que a professora- ao alertar que os alunos não tinham familiaridade com o jornal impresso- sugeriu que no primeiro momento os alunos precisariam conhecer o jornal, daí perceber as divisões que compõem o jornal.

Porque eles não têm noção. Primeiro eles conhecem. Daí aquela parte que você falou que é mais interpretativa. Daí tem um leigo que não tem conhecimento. Daí, o segundo momento, pode proposto que eles produzam o jornal. Não teremos nada de 'achismo', essa noção nós temos que dar a eles (Professora Fernanda, 2009).

Ao questionar sobre o interesse dos alunos pela proposta, a professora explica que: “[...] isso irá depender de como o trabalho será apresentado a eles”. Ela também menciona o que classifica como problema das crianças, segundo ela, a questão é que as crianças dão mais importância para o ter do que para o ser. Ela observa que a escola é localizada em uma comunidade carente, que se alimenta muito mal e que em vários casos isso não acontece apenas por falta de dinheiro, mas por falta de conhecimento, de não saber o que comprar, trocam refrigerantes por frutas e comida por utensílios da moda. A educadora lembra que sociedade e o sistema econômico, também contribuem para a formação dessa preferência dos alunos e que os pais alimentam essa perspectiva, ao muitas vezes prometerem presentes, como celular, caso o aluno passe de ano.

Nessa preparação inicial da pesquisa, Fernanda observou que os alunos tinham acesso restrito a jornais. “O jornal para eles ainda é um bicho de sete cabeças”, disse, na ocasião. Neste momento foi questionado se algum jornal chegava até a escola. A educadora indagou outro professor que também estava na sala conosco sobre isso. Ele respondeu que, se não estivesse enganado, chegava o jornal A Gazeta e o Diário de Cuiabá, mas não de forma periódica. De vez em quando a entrega era interrompida na escola. Os professores explicaram que isso deveria acontecer porque o contrato com a SEDUC (Secretaria Estadual de Educação) é suspenso em função das licitações do governo terem de ser renovadas. Após o questionamento de onde o jornal fica a resposta é mais evasiva. Segundo eles, o jornal chega à secretaria e fica por lá, vai para a sala dos professores, daí os funcionários que quiserem pegam para lê-lo, revelando que não há um procedimento pré-determinado de leitura ou disponibilização do jornal para leitura diária tanto para a equipe docente como para os alunos.

Definimos também que para exposição em sala de aula seria apresentado um exemplar de jornal com circulação nacional. A idéia foi que os alunos observassem como é o produto informativo de um expressivo grupo empresarial e depois entraríamos com a nossa produção.

Já, sobre em que turma nosso trabalho de pesquisa seria realizado, a professora sugeriu que fosse com o oitavo ano do terceiro ciclo. “Nós temos duas turmas do terceiro ciclo, uma delas é danada. Mas eles são inteligentes. Essa turma tem que se interessar, eles são muito ativos, críticos”, observou. Posteriormente verifiquei que a professora trabalhava com três turmas do oitavo ano do terceiro ciclo, A, B e C. No entanto, por critério de participação dos alunos e adequação dos horários, ficamos com a turma A e C, já que após o nosso contato inicial com os alunos, que será descrito abaixo, percebemos que essas duas turmas revelaram maior interesse com a proposta do trabalho, fato imprescindível para a metodologia de trabalho que adotamos.

Ainda nessa ocasião, a professora voltou a observar sobre o distanciamento dos pais em relação à escola, o que classificou como falta de educação da população. Ela sugeriu que a responsabilidade social de cada um seja discutida com a turma, no decorrer da pesquisa. Fez essa afirmativa ao observar que no bairro, onde é localizada a escola, a população joga até objetos de plástico nas ruas, daí chove e tudo isso vai para o bueiro, provocando entupimento, resultando até mesmo na entrada de água em algumas casas. Ao voltar a comentar sobre a pesquisa, ela lembrou que tem um manual de redação da Folha de São Paulo. “Encontrei o manual e até pensei se Janaína (uma das pesquisadoras) não iria querer. Esse material ensina todos os detalhes. Também tenho um material sobre jornal, foi um curso que fiz pelo Estado. Eles fizeram com os professores para trabalharem com jornal na escola com as crianças”, explicou Fernanda.

Sobre o número de alunos por sala de aula, a professora explicou que são em torno de 25 no máximo. “No começo sempre tem essa média, apesar de que aqui a evasão é muito pouca. Quando os pais não têm tempo de acompanhar, daí elas se perdem”, observou. Já no término da conversa, combinamos com a professora de deixar um livro sobre o trabalho do jornal em sala de aula “O jornal na Sala de Aula”, para o planejamento de como seria o trabalho da pesquisa com o grupo de alunos, que foi desenvolvido no ano letivo de 2009. O referido livro detalha algumas experiências e sugere algumas atividades para a produção de notícias em sala de aula.

A professora lembrou ainda que pretendia focalizar, após apresentar como é o jornal, como é o artigo, como fazer uma entrevista, uma reportagem. “Vamos mostrar que podemos



fazer um artigo, a partir de uma entrevista”, citou. Como estava na conclusão do ano letivo, com muitos assuntos a resolver na escola, ficou combinado que nos reencontraríamos apenas no ano seguinte, para então começarmos o trabalho em sala de aula.

Antes de atuarmos em sala de aula, tive um rápido encontro com a docente Fernanda, no início de março, em 2009, quando combinamos de abordar a produção do texto jornalístico dentro da programação da professora. Ela lembrou que já trabalhara narrativa com os alunos das turmas que iríamos desenvolver a atividade e que então pretendia retomar o assunto, para então desenvolver a pesquisa a partir disso. Ela revelou bastante animação com a proposta e observou que o livro que conversamos no encontro passado, que foi deixado na escola no decorrer da semana seguinte, tinha despertado várias idéias para fazermos em nosso trabalho na sala de aula. Iniciativas no sentido de despertar nos alunos não somente a análise sobre o texto nas matérias de um jornal, mas também com a disposição das fotografias, os títulos escolhidos e outros aspectos. Combinamos então que iniciariamos o trabalho em sala de aula, a partir da retomada que ela fazia sobre narrativas e que iríamos dialogando com eles sobre jornal. Combinamos que no decorrer da pesquisa faríamos algumas reuniões para prepararmos as próximas atividades.

Realizamos mais duas reuniões, já no desenvolvimento da investigação, para definirmos como faríamos para que os alunos produzissem as matérias jornalísticas individualmente, mas num processo conjunto de discussão. Já que a idéia foi de garantir uma discussão coletiva em sala de aula, até para que o objetivo da pesquisa, de analisar se o processo de produção do jornal pode contribuir para a formação de sujeitos com uma visão mais reflexiva, também pudesse ser analisado. Então, definimos sobre a elaboração de uma sugestão de entrevista para que os alunos aplicassem com alguém de sua escolha, e que a partir dessa experiência, eles elaborassem seus textos jornalísticos. Como seria uma mesma entrevista para todos, os resultados poderiam ser compartilhados e a produção, mesmo individual, seria a partir de uma discussão conjunta em sala de aula. A intenção foi de garantir que o procedimento pudesse ser coletivo, favorecendo assim o acompanhamento sobre o processo de produção. Sobre o tema da entrevista, a ideia foi de se fazer sobre um assunto que interessasse aos alunos, para que assim todos participassem ativamente e para que a atividade provocasse discussão em sala de aula, em um ambiente propício para compartilhar o conhecimento. A professora concordou com a proposta e sugeriu que o tema fosse sobre saúde, porque recentemente formou-se uma fila enorme no Posto de Saúde do bairro para atendimento dentário, quando a grande maioria das pessoas acabou sem ficha até para aguardar na lista de espera. Ela também sugeriu que seja fosse realizada uma entrevista sobre

violência, pois, esse também era um problema vivenciado no cotidiano dos alunos. Uma outra docente que estava na sala dos professores onde estávamos conversando, interrompeu nosso diálogo para concordar com a discussão, alegando ser importante trabalhar sobre violência. Isso porque um aluno do noturno na escola era o principal suspeito de um assalto seguido por estupro, todos estavam preocupados e sensibilizados com a situação. Após as discussões e sugestões, elaboramos os dois questionários com 10 perguntas cada um deles. Anexo. Procurou-se sempre inquirir sobre as vivências dos entrevistados em relação ao temas, principais dificuldades, motivações dos problemas e proposta de soluções para as situações apontadas, no sentido de despertar nos alunos perspectivas de melhorias para a realidade em que viviam.

### **2.2.2 Trabalho**

Como exposto anteriormente, a realização da pesquisa ocorreu em simbiose com o desenvolvimento das estratégias de ensino e produção de texto. Para não compartimentar o trabalho, optamos por apresentar conjuntamente essas etapas. Considerando o nosso foco de analisar o processo de produção dos alunos, obrigatoriamente, tivemos que realizar isso a partir das estratégias de ensino e produção textual.

O primeiro contato com os alunos foi no dia 18 de março. Começamos o trabalho direto com as duas turmas, no primeiro horário com os alunos do 3º do 3º Ciclo da turma 'C', e após o intervalo da manhã, foi com a turma A. No início da aula a professora apresentou-me e disse que era jornalista e estava fazendo mestrado na UFMT e que iria fazer um trabalho conjunto com ela na área de jornalismo de produção de texto. As crianças escutaram atentamente e se surpreenderam com uma jornalista em sala de aula e pareceram gostar da fala feita pela professora, ao dizer que alguém na sala de aula poderia ser jornalista no futuro.

Após as devidas apresentações, a professora trabalhou sobre narrativa, sempre fazendo relação com o trabalho de produção de um jornal que faríamos posteriormente. Nas duas turmas, os alunos ficaram inicialmente em silêncio ouvindo e vendo o que a professora explicava, ia repassando e lembrando o que trabalharam, para depois entrar diretamente na recapitulação da narrativa. Alguns alunos começaram a esboçar participação, quando a professora pediu que os mesmos citassem os tipos de narrativa, que relembassem os textos trabalhados anteriormente sobre os tipos de narrativa: lenda; fábula; parábola; conto; crônica; romance e novela.

Ela trabalhou como deveria ser a narrativa na terceira pessoa, sendo o sujeito onisciente. Ela foi descrevendo isso, citando exemplos diários das crianças e sempre induzindo elas a irem participando da aula. Foi apresentada uma descrição de como se desenrola uma narrativa. Ao falar sobre enredo, a professora perguntou quem já ouvira falar sobre essa palavra e logo as crianças citaram o enredo das escolas de samba. Um aluno respondeu baixinho: escola de samba. A professora foi trabalhando a narrativa sempre citando como exemplo os enredos das escolas de samba. Descreveu as etapas da narrativa ao explicar que em todas elas teremos o auge → o conflito e que na notícia essa informação surge no começo.

A professora trabalhou com o texto anterior estudado pela turma para explicar que enredo é uma somatória de fatos, todos dentro do tema. Ela explicou, ao lembrar o texto já trabalhado “O preço da segunda chance”, que todo enredo tem uma seqüência lógica. Daí a professora pediu que os alunos citassem os fatos de acordo como eles são apresentados no texto exemplificado. Inicialmente os alunos não responderam, mas depois foram respondendo.

A professora observou que, geralmente, toda narrativa tem uma lição de moral, assim como toda notícia tem um objetivo e que nós poderíamos tirar proveito disso, até para melhorar a nossa vida.

Ao tratar sobre os elementos da narrativa, a professora explicou que o que não poderia faltar seria o personagem. Nesse momento, foi trabalhada a questão do antagonista e protagonista.

Foi exemplificado citando exemplos das novelas, no que os alunos participaram ativamente, após a professora ter citado uns quatro personagens das novelas globais. Ela foi trabalhando os elementos da notícia, ao explicar para os alunos que na narrativa têm que responder: O que aconteceu? Onde (espaço/lugar)? Quando?

Todos se divertiram quando participaram para conseguir descrever esses elementos, nesse caso, ela foi perguntando sempre em cima do texto trabalhado na aula anterior e já retomado pelos alunos em suas anotações no caderno.

O interesse dos alunos com o assunto foi despertado quando se vislumbrou um horizonte maior, não o imediato, de produzirem um jornal, mas o de que poderiam ser jornalistas, em um futuro próximo, conforme sugestão da professora, ao mencionar a participação deles na produção do jornal. Esse elemento foi interessante, na medida em que se verificou, na caracterização dos alunos, que os pais de apenas cinco, de um total de 24 alunos, tinham o terceiro grau. No entanto, ao serem estimulados, os estudantes tiveram a perspectiva de que poderiam ir bem além do que foi vivenciado pelos seus pais, no ensino formal.

Os alunos se entusiasmaram depois de receberem a informação de que as novelas vinham no jornal. Um aluno perguntou se no início, por volta dos de 1800, os jornais tinham fotografia.

A professora foi fazendo uma seqüência de como os romances, corporizados pelas novelas foram evoluindo ao longo do tempo e passaram pelo rádio até chegar à transmissão pela televisão. “*Primeiro ela foi rádio novela, a novela tem muito mais personagens que no romance*”, observou Fernanda, ao dizer ter ficado arrepiada por lembrar das telenovelas.

Um aluno perguntou se a TV, nessa época, era preto e branco, a educadora esclareceu que era bem diferente do que é hoje, até porque não tinha tanta tecnologia, observou que a novela brasileira é altamente rica em narrativa.

A professora revelou para os alunos que só gosta de novelas da Globo, da Record não, ao dizer que não vê a novela como um mal, que é ter um tempo para isso, como um passatempo. Daí então todos começam a contar casos de novela. Alguns alunos diziam que ela era noveleira.

Ela explicou que toda narrativa, inclusive o texto noticioso tem que ter os elementos da notícia. Sugeriu que os alunos copiassem o conteúdo que ela foi escrevendo no quadro. Todos pararam e começaram a copiar, voltando a atenção de todos para isso. Ela observou que no texto narrativo tem um narrador, isso após questionar os alunos sobre o que diferencia ou caracteriza a narração.

Ao explicar a narrativa, Fernanda levou os alunos a perceberem que o texto será na terceira pessoa do singular ou do plural, ou na primeira pessoa, quando a narrativa tem o narrador como partícipe da história. Fez isso ao retomar vários textos narrativos trabalhados por eles anteriormente.

A turma ficou em silêncio copiando a matéria do quadro.

A aula seguinte que acompanhamos foi a em que procuramos obter a caracterização dos alunos envolvidos na pesquisa. Pela aplicação de um questionário único com as duas turmas obtivemos essas informações. Por esse instrumento, verificamos as formas de contato que eles tinham com o jornal impresso, também investigamos sobre a opinião que esses estudantes constituíram desse veículo de comunicação, no caso o jornal. Dividimos o questionário em quatro módulos: identidade pessoal, escolaridade, perfil sócio-econômico e meios de comunicação.

Após tabular os dados sobre caracterização dos alunos, percebemos algumas informações que foram de fundamental importância para a pesquisa. Algumas delas, por projetarem a realidade dos estudantes, como o fato de que mais de 90% deles morarem no

bairro Santa Isabel, facilitando assim, a programação das atividades, já que a proposta foi a de sempre garantir a participação de todos, efetivando-se assim a pesquisa-participante. Outras, por revelar o contato que os alunos têm com o jornal impresso e conceito que fazem desse meio de comunicação.

Apesar de haver o contato com o jornal impresso entre os alunos, isso ocorre de forma superficial e sem significado, pelo menos consciente para eles. Na turma A, 81,8% responderam ler algum jornal (não especificamos apenas os jornais comerciais, já que aqui o objetivo era saber o contato do aluno com o veículo de comunicação impresso, seja ele de bairro, igreja, associação ou comercial). Apesar do número de leitores na turma ser significativo, quando questionados sobre o gostar de ler o impresso, 42,9% disseram que tanto faz, 28,6% respondeu disseram que sim e 23,8% que responderam não, na turma A. Entre os alunos da classe C, 79,2% dos alunos responderam já ter lido algum jornal, mas na pergunta seguinte, sobre o gostar de ler o impresso, a indiferença em relação ao contato é preponderante; 75% disseram que tanto faz e 12,5% que apontaram gostar de ler.

**Quadro 1 – Contato com o Jornal**

	Turma A			Turma C		
	Sim	Não	Às vezes	Sim	Não	Às vezes
Tem acesso ao jornal	17	04		19	04	01
Total	81,8%	18,2%		79,2%	16,7%	4,1%
Gosta de ler jornal	06	05	09	03	03	18
Total	28,6%	23,8%	42,9%	12,5%	12,5	75%

Outra sondagem feita foi para verificar qual o conceito de jornal dos alunos, e se eles teriam uma visão mais crítica em relação a esse veículo de comunicação. No entanto, nas respostas, pelo menos nesse caso, não houve uma opinião mais crítica. Apenas na turma C um aluno respondeu que o jornal pode induzir a opinião do veículo.

**Quadro 2 - Conceito de Jornal**

	Turma A		Turma C		Total ou Frequência de Ocorrência	
Informa	16		21		76,2%	87,5%
Instrui	02		03		9,5%	12,5%
Confunde	01		02		4,8%	8,3%
Diverte	03		06		14,3%	25,0%
Retrata a realidade	09		09		42,9%	37,5%
Conduz a opinião	01		01		4,8%	4,2%

Conduz a opinião do jornal	-----		01		-----	-----
----------------------------------	-------	--	----	--	-------	-------

Já nos questionamentos sobre televisão, percebemos, como já esperado, que as crianças têm muito mais contato. Na turma A, mais de 80% disseram assistir ao noticiário da TV. Na turma C, mais de 83,3% disseram assistir ao noticiário da TV:

**Quadro 3 – Assiste Noticiário Televisivo.**

	Turma A	Turma C
Sim	81%	83,3%
Não	9,5%	8,3%
As vezes	9,5%	4,2%
Não respondeu	-----	4,2%

Sobre a caracterização dos alunos, quem são, onde moram, com quem moram, na turma A, parte significativa, 71,43% tem de 13 a 14 anos. Na turma C, 50% dos alunos têm de 12 a 13 anos e 33% têm de 13 a 14 anos. Em relação ao gênero, na turma A, 61,9% são do sexo masculino. Já na turma C, a divisão por gênero é bem igualitária.

**Quadro 4 – Quem são os Alunos**

	Turma A			Turma C				
Faixa Etária	12 a 13 anos : 19,5%, 13 a 14 anos: 71,43% e 14 a 15: 9,52%			12 a 13 anos: 50%, 13 a 14 anos 33%, 14 a 15 anos 4,17%				
Gênero	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino			
	13	08		12	12			
Total	61,90%		38,10%	50%		50%		
Com quem mora	Pais	Mãe	Avós	Outro	Pais	Mãe	Avós	Outro
	10	05	05	01	12	04	03	05

Na turma A, os alunos moram todos no bairro onde fica a escola. Já na turma C, 83,33% moram no bairro onde a escola está localizada, mas os demais residem nos bairros das imediações.

**Quadro 5 – Onde moram**

	Turma A	Turma C
Santa Isabel	100%	83,33%
Jardim Araçá	-----	4,17%
Santa Angelita	-----	4,17%
Outro	-----	4,17%
Não respondeu	-----	4,17%

Os demais dados da caracterização dos alunos se encontram nos Anexos 1 e 2.

No dia em que foram aplicados os questionários de caracterização dos alunos fui até a escola mesmo sabendo que a professora de Português (que participa da pesquisa) não iria. Aproveitei o horário vago para aplicar essa atividade de caracterização dos alunos com as duas turmas que estávamos trabalhando. A docente de História (Patrícia), que ficou com os alunos, conforme combinado anteriormente, tinha aula em outra turma, então, fiquei com a turma sozinha, primeiro com a C e depois turma A. O referido procedimento acabou por ser mais interessante que o esperado, já que acompanhamos a produção dos alunos de um texto solicitado pela professora Patrícia, proporcionando-me a oportunidade assim, de posteriormente comparar essa produção textual, com a realizada em nosso trabalho.

A professora de história iniciara as duas aulas dizendo aos alunos que eles iriam fazer uma atividade comigo e depois redações sobre Cuiabá. Ela deixou a turma para assumir a sala de aula dela. Entregamos os questionários e explicamos que o objetivo das perguntas era conhecê-los melhor, a turma, a realidade onde moravam e estudavam. Todos responderam rapidamente, fazendo uma ou outra pergunta. A turma foi entregando o material, todos ficaram ansiosos para serem liberados, mas a professora retornou para a sala e passou as produções textuais para eles fazerem, deu uma “bronca” na turma, dizendo que eles tinham ido mal na prova. Os textos a serem elaborados pelos alunos eram sobre os 290 anos de Cuiabá. Ela observou que as redações deveriam ter no mínimo três parágrafos com introdução, desenvolvimento e conclusão. Quando a professora saiu, percebemos que muitos alunos não estavam fazendo a atividade. Talvez porque o tema fosse muito amplo e ela quase não falara sobre como poderia ser feito. Quando um aluno me chamou e pediu para que visse se o texto dele estaria bom, percebi que era um texto inteiramente descritivo, sem conexão entre um parágrafo e outro, sem um enredo, apenas descrevia a cidade onde morava e a sua escola. Então, o orientei a fazer uma conclusão que explicando o porquê de ter escolhido os assuntos que ele descrevera. Ele me respondeu com a pergunta sobre o que seria uma conclusão, percebi que não havia entendimento sobre o significado da palavra. Praticamente a totalidade das duas turmas ficou presa em suas produções textuais com descrição, mas sem

fazer um corpo de texto um pouco mais elaborado, ou que fizesse conexão entre um parágrafo e o seguinte, talvez por pressa em terminar e também porque o tema fora pouco explicado.

Na aula seguinte, em que demos continuidade à pesquisa, no dia 13 de abril de 2009, apresentamos o questionário para que os alunos fizessem suas respectivas entrevistas. Antes de trabalhar diretamente com esse assunto, foi sugerida uma atividade relativa a uma interpretação de um texto visual, indicada pelo livro didático da turma. Para a realização da tarefa foram lidas perguntas de interpretação do texto, uma a uma, com explicação individual e solicitado que os alunos respondessem em casa.

Texto visual → leitura de imagem

A professora observou que quando fosse trabalhado o texto jornalístico, na prática também seria trabalhado o texto visual. Daí questionou os alunos sobre como seria trabalhado o texto visual na notícia.

Alguém respondeu que poderia ser através da foto. Ela fez uma observação que as imagens muitas vezes falam mais do que o texto e comentou, que os jornais estão “*chiques*” com fotos coloridas e perguntou onde mesmo, em que jornal eu trabalhava. Ao responder que era na Folha do Estado, um aluno observou que o jornal parou por um tempo de circular, demonstrando acompanhar a dinâmica dos veículos de comunicação. Daí a educadora explicou que já voltara a circular, quando comentei que o jornal parara para fazer uma reformulação gráfica e aproveitei para falar com eles um pouco sobre o layout de um jornal.

A professora explicou que iria distribuir um questionário, que foi elaborado por mim e por ela para trabalhar a produção de uma entrevista conjuntamente com eles. Ela pediu que eles trouxessem esse material respondido na próxima quinta-feira e que procurassem não amassar a folha, pois, posteriormente eles iriam trabalhar em cima da entrevista. O primeiro questionário que utilizamos foi sobre violência.

Nas duas turmas a participação foi imediata, na turma A os alunos ficaram mais presos à discussão de casos de violência vivenciados por eles, amigos ou parentes, descrevemos a seguir algumas situações. Em uma delas, logo ao saberem que o tema da entrevista seria violência, um aluno contou uma história sobre agressão sofrida envolvendo o seu pai. Outro aluno falou para a professora que seria então Profissão Repórter, no que a professora concordou sorrindo, toda a turma começou a comentar o assunto.

A sala ficou mais movimentada após a entrega do questionário. Um aluno perguntou se não poderia dobrar a folha. Para apresentação desse material, foram lidas perguntas, uma a uma e logo os alunos foram respondendo em voz alta.



Um estudante disse que conhecia um caso de violência, que um “negão” bateu em duas irmãs dele.

A professora leu a pergunta sobre se a família se sente segura? Logo a maioria respondeu uníssimamente: Não. Uma aluna falou que sim. Quando chegou na parte do questionário em que fazia alusão à polícia, outro educando contou que quando roubaram uma loja no bairro onde fica a escola, a *Stilus Moda,s* o proprietário ligou para a polícia, que respondeu estar sem viatura. No entanto, continuou, havia sim uma viatura a algumas quadras do local onde ocorreu o roubo. Ele lembrou que o dono da loja saiu com seu veículo e foi atrás dos ladrões.

Quando a professora leu a pergunta número 11, sobre o que fazer, uns alunos responderam em voz baixa, sem muito pensar: pena de morte, cadeira elétrica...(risos) conversa paralela entre eles. Ela advertiu para que não esquecessem de fazer a atividade, a sala de aula ficou movimentada. Ela explicou que as perguntas que tivessem respostas extensas poderiam ser escritas na parte de trás da folha, sem problemas. Os estudantes conversavam entre eles, enquanto alguns ainda perguntavam sobre as atividades da sala. Todos devolveram o livro didático no armário da sala de aula. A professora fez uma última observação: se eles perceberam que ninguém cantou o Hino de MT? “Ninguém sabia a letra, uma vergonha, vamos ensaiar Hino nas próximas aulas?”, perguntou. O sino soou e os alunos saíram em disparada.

Na turma C, a reação imediata dos alunos também foi de citarem casos de violência e da ausência da polícia no momento de socorrer a essas pessoas. Embora, nessa classe, o que chamou a atenção foi que mesmo antes da realização da entrevista, a discussão foi além da violência sofrida apenas no bairro, levando a todos a um contexto maior, de insegurança e de toda uma situação complexa que acaba por manter essa realidade. Após a agitação inicial em que todos foram contando casos de violência, surgiu na turma C o termo *robauto*. A professora perguntou se eles saberiam o que era? Ela logo respondeu que era uma central em que vários malandros roubam e juntas as mercadorias do delito para comercialização. “Então daí o pessoal vai na *robauto* e compra o que precisa”, observou a mestre.

Um aluno fez menção ao gabinete de um vereador, comparando com a *robauto*. Em uma referência de que assim como em seu bairro, há muito roubo no gabinete de um vereador.

Fernanda esclareceu que somente ela e pesquisadora iriam saber sobre os resultados da entrevista, que os alunos não precisariam se preocupar.

Ela lembrou da história do Clebinho: “Ele ficara o dia todo morto estirado no asfalto, era bandido e estudava aqui na escola, quem diria uma pessoa que assustava todo mundo e

depois da morte ficou um dia inteiro no asfalto”, contou. Observou que na entrevista, o mais importante, seria saber dos bastidores. “Queremos apresentar sugestões para o problema da comunidade. Vamos trabalhar mais com sugestões do que com críticas. Não como nesses programas de TV que se espremer sai sangue”, observou. Nosso bairro é violento? Perguntou a professora, logo respondendo que se era, então seria necessário apresentar sugestões. Orientou que quando os alunos chegassem em casa era para eles elaborarem as respostas do questionário, a partir da conversa com um entrevistado.

A professora perguntou se eu queria falar algo, então discorremos um pouco sobre a importância da entrevista, do cuidado com a informação dada pelo entrevistado. Nessa ocasião, uma aluna perguntou se tinha que colocar o nome do entrevistado. A professora observou que o objetivo era mostrar a realidade, qual era o problema vivido pela população. “No nosso trabalho o importante é mostrar a realidade e apresentar soluções”, motivara Fernanda.

A próxima atividade da pesquisa foi acompanhar e discutir com os alunos durante a apresentação do resultado de suas respectivas entrevistas, fizemos isso por quatro aulas. Antes do início das apresentações dos resultados, um aluno comentou que iriam mostrar como estava a questão da violência. Sempre retomamos, a cada novo encontro, os resultados já somados e tabulados nas aulas anteriores, para que assim eles tivessem a ideia global de todo o processo.

A professora explicou que antes que eles comessem a fazer o texto, seria elaborada uma espécie de estatística para terem uma base de como foram as demais entrevistas. Todos foram apresentando as respostas de seus respectivos questionários individualmente. A cada pergunta respondida, os resultados foram sendo anotados no quadro por ela e registrados por mim em um diário de campo. Fizemos as indicações no quadro para que os alunos visualizassem o resultado geral da entrevista e anotações particulares para que pudéssemos retomar esse trabalho na aula seguinte.

Uma aluna corrigiu um aluno, por ele ter citado como violência o fato de uma garota ter sido estuprada, mas que a vítima não teve coragem de denunciar. A estudante opinou que o exemplo indicado não era o caso de violência, pois violência era bater.

Fernanda comentou o assunto e explicou que estupro trata-se de mais uma forma de violência. Virou uma gritaria na sala. O garoto respondeu insistindo em sua resposta em que citou o estupro como principais casos de violência e despertou várias conversas paralelas pela sala.

Outro colega do estudante em questão pediu silêncio para turma e em uma brincadeira perguntou se os demais não estavam percebendo que ele fora estuprado?

O aluno que respondeu citando estupro, em uma chamada para que a turma entendesse a sua afirmação, assim alegou: “lembra que são nossas irmãs, gente”. E reclamou que os colegas não apresentavam algo novo, só falam sobre tráfico de drogas.

A professora observou que diante de uma arma ninguém está livre de um estupro. “Às vezes as pessoas calam por vergonha”, alertou. Quando ela leu a pergunta de número 10, que questionava se a população acreditava na polícia e na segurança que ela oferecia, um aluno falou sobre a corrupção na corporação, sem citar esse conceito nominalmente. Ele observou que se for preso é só você dar R\$ 50 para eles e você sai. Já sobre a pergunta referente a que sugestões você daria para solucionar o problema? Um aluno interrompeu dizendo: “A gente vê esses policiais federais, eles não aceitam. Porque eles ganham bem, não aceitam dinheiro”, disse. Nesse momento, Fernanda aproveitou e explicou sobre a competência de cada esfera policial e observou que a Polícia Federal não pode atuar em casos pequenos, de abrangência apenas do município e que não envolvam bens federais.

Um aluno que não falou muito durante a aula fez a observação de que são esses crimes pequenos que se transformam em grandes e problemáticos.

A maioria concordou com a afirmação e citou o caso do Kaytto- garoto de nove anos morto por um pedófilo, o caso gerou grande comoção pública, pela brutalidade do ato-. Um menino disse que ele nem conhecia a história direito e outro observou que o caso só ganhou destaque porque ele não era de uma família pobre, caso contrário, não teria tido tamanha repercussão. A turma toda falou sobre o assunto. Todos fizeram observações sobre a situação.

Um aluno contou que no bairro Pedra 90 você passa e é só ouvir um assobio que você tem que correr. Sobre a pergunta 11, que solicitava sugestões para solucionar o problema, a professora reclamou e pediu que a turma indicasse mais alternativas. “Olha gente, a outra turma faz um monte de sugestões”, alertou.

A professora fez observações sobre a proposta do aluno, de escola em período integral. Ela falou sobre a importância de garantir acesso à educação de qualidade. Como a aula estava por terminar, ela alertou os alunos para que não esquecessem que no outro dia não haveria aula. “Toda sexta-feira do mês nós paramos para estudar”, lembrou ela. Retomando o assunto sobre violência, Fernanda afirmou que no final de semana e a noite você anda no bairro onde fica a escola, o Santa Isabel, e tem um monte de moças na rua da escola sem ocupação.

Um aluno observou que as meninas querem ganhar dinheiro novas, sem trabalharem diariamente. “Elas têm vergonha de lavar roupa. De tarde você passa aqui e vê todas essas meninas aí, sem fazerem nada e acabam aceitando dinheiro de homens, pois, têm pressa em ter dinheiro”, opinou. A professora falou que emprego há, mas falta qualificar.

Em seguida perguntou para a turma quem sabia o que era Robauto?. Vários levantaram a mão, mas só um respondeu. “Diz que é onde vende produtos roubados”. (todos ficam tirando sarro do colega, dizendo que ele compra lá). O sino toca e a aula foi finalizada.

Após essa etapa de tabulação conjunta da entrevista, fomos produzir as reportagens sobre violência com os alunos. A professora começou a aula, no dia 11 de maio, retomando a prova feita pela turma e solicitou que eles a fizessem novamente corrigindo as questões que ela marcou como incorretas ou incompletas, a partir de consulta aos seus cadernos. Então, a turma acabou ficando bastante concentrada e em silêncio para essa atividade, o que foi positivo, pois, já introduziu os alunos em um clima de concentração para a elaboração dos textos. Os estudantes foram acabando aos poucos, e logo foram convocados a redigir o texto noticioso, baseado na entrevista, sobre violência, feita por eles mesmos, com pais, amigos ou vizinhos. A professora pegou a entrevista que tabulamos durante a aula em que os alunos foram repassando o resultado de seus questionários e leu uma a uma das questões e o somatório das respostas (em um resumo já tabulado e anotado por nós na aula anterior), para que os alunos lembrassem a discussão feita por eles na aula em que fomos escrevendo no quadro o conteúdo das entrevistas de todos. Nesse processo de retomada, foi-se verificando os principais pontos feitos por eles mesmos e os aspectos em comum. Ela sugeriu que escolhessem uma resposta que mais chamara a atenção para que começassem suas matérias e que desenvolvessem o restante do texto sobre as demais questões. Foi enfatizado sobre a importância das respostas sobre que soluções poderiam ser tomadas, no sentido de que era preciso dar alternativas para o problema. Conversamos com a turma sobre a relevância de explicarem em seus respectivos textos jornalísticos que as informações do material foram obtidas a partir das entrevistas feitas pelos alunos do 3º ciclo, da escola municipal Ranulpho Paes de Barros, no caso eles mesmos. A ideia era que os alunos, com isso, percebessem a sua participação e singularidade no processo. Isso, a partir da elaboração de Boaventura (2006, p. 117) sobre o fazer pedagógico emancipatório, baseado no pensar “... na possibilidade de desenvolvimento da autonomia intelectual e social dos sujeitos individuais e coletivos envolvidos no processo educativo”.

Os estudantes começaram a fazer perguntas sobre como deveriam iniciar a produção textual e a professora explicou que eles deveriam lembrar da aula em que trabalharam

narrativa. “Vocês recordam as questões que devem ser respondidas em um texto narrativo? O quê? Como? Onde? Por quê? Quem?... (ela retomou um pouco sobre as características de uma narrativa e de uma notícia)... então, o texto noticioso é narrativo”, lembrou. A partir disso, os alunos começaram a redigir. Percebemos uma dificuldade da turma em escrever, com algumas exceções. Fomos explicando individualmente sobre a proposta de trabalho. Lembramos a eles que essa foi a primeira atividade em que os alunos elaboraram uma notícia baseados em uma entrevista feita por eles mesmos, então, a surpresa com a novidade da atividade já era esperada. Outra situação verificada, que de um certo modo já tínhamos considerado, foi a dificuldade no escrever, uma vez que tínhamos percebido na aula de História, situação citada anteriormente, em que eles redigiram uma redação sobre Cuiabá. Além disso, a própria Fernanda já tinha me antecipado essa situação, temendo que fosse uma barreira para a realização de nossa atividade. Os alunos foram começando a escrever, os mais agitados ainda ficavam conversando, revelando um certo receio em começar a atividade. Mas, logo todos foram fazendo seus respectivos textos e perguntando alguma dúvida sobre como deveriam proceder.

As duas turmas tiveram reações semelhantes no momento de escreverem suas notícias, entretanto, na ‘C’ os mais agitados ainda ficaram conversando, transparecendo um certo temor em começar a atividade. Mas, logo todos foram fazendo seus respectivos textos e perguntando alguma dúvida sobre como deveriam realizar a atividade.

Na aula seguinte em que demos continuidade à pesquisa, no dia 14 de maio, prosseguimos com a produção dos textos nas turmas A e C, uma no primeiro período e outra após o intervalo. Vários estudantes aproveitaram nossa presença e pediram que fizéssemos uma leitura prévia para saber se estava adequado o que tinham elaborado. Até pela pressa habitual para terminar, muitos fizeram textos curtos e sem um término aparente. Então, fomos orientando sobre o que mais poderia ser explorado. A professora recebeu uma redação de uma aluna que gostou muito, então, ela a leu em sala de aula, em voz alta. O texto abordava sobre a quantidade de meninas ainda na adolescência que ficam grávidas no bairro, desestruturando assim, futuras famílias. Detalhou o círculo vicioso a que essa situação iria repercutir. A notícia redigida pela aluna foi interessante não só por fazer uma reflexão simples e verdadeira sobre a situação de muitas garotas no bairro, mas também por condenar a gravidez na adolescência. Sendo que essa crítica não foi feita por um viés moralista, o que poderia ser esperado da aluna autora do texto, já que a mesma é praticante de uma religião mais conservadora, mas tratou-se de uma crítica social.

Observação: Foram feitas filmagens nessas duas aulas. Já que como estaria conversado diretamente com os alunos para a produção da notícia, para não correr o risco de perder uma atividade na classe, deixei a filmadora no tripé para fazer uma análise mais detalhada da situação, posteriormente.

Na aula seguinte, no dia 8 de junho, a professora entregou os textos corrigidos e os alunos que se sentiram à vontade foram lendo suas produções, isso na turma C, na turma A eles preferiram que a docente lesse e eles foram escolhendo os que preferiram para serem digitados e colocados em um jornal mural, que seria produzido pela turma. A programação foi interessante na medida que os alunos foram se dando conta de suas respectivas produções.

A próxima atividade da pesquisa foi discutir com a turma em relação à entrevista sobre saúde. O assunto que seria trabalhado já tinha sido combinado com a todos, seguindo uma sugestão da professora, que percebeu a carência do bairro nessa área. A deficiência nesse campo foi percebida quando foi feita uma oferta no posto de saúde de atendimento odontológico. Apesar das pessoas terem chegado de madrugada para garantir uma vaga, a maioria delas não obteve o atendimento almejado. Entregamos os questionários para que eles fizessem as entrevistas com alguém de sua escolha. Utilizamos o mesmo procedimento desenvolvido quando o tema trabalhado foi segurança, lendo e explicando individualmente cada pergunta. Dessa vez, Fernanda sugeriu que os alunos fossem copiando os resultados da tabulação, para que assim tivessem em suas mãos esses elementos na hora de escrever e não dependessem apenas das suas memórias ou lembranças feitas pela professora e por mim.

Na aula seguinte, 06 de julho, demos prosseguimento à pesquisa. Os alunos apresentaram os resultados de suas entrevistas e comentaram sobre suas impressões. Uma singularidade entre as duas turmas e, que chamou a atenção, foi que apesar da clara carência por acesso a um sistema de saúde de qualidade no bairro, inicialmente cerca de 60% responderam ter plano de saúde particular e outros 20% indicaram que conseguiram atendimento nos postos de saúde (as entrevistas foram feitas pelos alunos com membros de suas famílias). Essas indicações revelaram, mesmo que inicialmente, que o temor da dificuldade de acesso à saúde, apesar da preocupação da professora, não parecia ser uma preocupação clara entre eles.

Entretanto, no decorrer da tabulação, quando os alunos foram lendo os resultados das perguntas seguintes, em que foram inquiridos sobre constrangimentos ao precisarem de atendimento na saúde, ou para a realização de exames, enfim, detalhamento de como acontecia quando realmente precisavam de assistência à saúde, percebeu-se que eles se davam conta da fraca infra-estrutura pública e de como esse sistema é falho. Ao perceberem o círculo

de ineficiência no atendimento à saúde, e que as vítimas são os próprios usuários, em um verdadeiro empurra-empurra de responsabilidade: do posto de saúde para a policlínica e para o Pronto Socorro, eles foram se dando conta do problema. Ao irem lendo as respostas de suas entrevistas foram revelando preocupação com problemas no atendimento ou na falta dele.

Há, aqui, dois aspectos a serem analisados: um deles é que no processo de levantamento de dados, para produção de suas matérias, os alunos acabaram por fazer uma reflexão e porque não conscientização sobre o sistema de saúde pública e as consequências disso para sua realidade. Outro aspecto, refere-se ao fato de como a maior parte da turma respondeu ter plano de saúde, esse assunto, já que acreditavam não ser uma demanda deles, não era visto como problema, mas passou a ser entendido de outra forma, no decorrer do procedimento. Nesse caso, como a maioria que respondeu ter plano de saúde indicou o PAX, presumiu-se que se tratava de um programa que não cobria toda complexidade de atendimento na área da saúde, então, os alunos, ao irem discutindo sobre saúde, perceberam que também dependiam do sistema público, principalmente nos casos mais complexos.

Quando os estudantes apresentaram suas respostas sobre o posto de saúde, disseram que o atendimento era bom, apesar de demorar. Na turma C, a discussão desse item foi mais profunda, os alunos observaram que, além da demora, os médicos faziam uma consulta superficial e sempre receitavam o mesmo medicamento, apesar da diferença nos sintomas. O local mais procurado pelos usuários do sistema de saúde, segundo as entrevistas da turma, foram as policlínicas, até porque nesse local há uma estrutura mais complexa para exames e atendimento de suturas, entre outros. Entretanto, justamente onde algo mais incisivo poderia ser feito, há várias reclamações de atendimento. Foi feita a tabulação da entrevista até a questão número sete. Outra constatação foi que ao irem no posto de saúde, muitas vezes não havia médico, então, eles iam para as policlínicas. No entanto, nesses locais eles não eram atendidos sob a justificava de que só para casos de emergência. A saída então era ir para o Pronto Socorro, então, logo alguns estudantes elaboram a constatação “do hospital o sujeito chega tão mal que é o próximo endereço é o necrotério”.

A professora observou que estavam no último dia de aula e que os alunos deveriam escrever a matéria quando voltassem das férias. Apesar de ter sido o último dia de aula, quando os estudantes poderiam estar agitados, todos participaram ativamente da tabulação do material.

As atividades de pesquisa foram interrompidas em função das férias escolares, apesar de continuarmos nossa programação em sala de aula, mas para efeito de análise vamos

considerar até essa atividade, já que o objetivo proposto de nosso trabalho foi o de analisar o processo de produção do jornal.

Após a elaboração das redações sobre saúde, as atividades com o grupo pesquisado foram concluídas com uma visita dos alunos, três professores e a pesquisadora nos dois maiores jornais de circulação diária em Mato Grosso: A Gazeta e Folha do Estado. A proposta foi a de que a turma conhecesse a estrutura de um periódico e pudesse visualizar como ocorre essa produção, da apuração da notícia, diagramação, fotografia, edição e impressão.

A Secretaria Municipal de Educação forneceu o ônibus para levar o grupo na visita. Os jornais aceitaram previamente apresentar a sua estrutura para as duas turmas. No grupo Gazeta de Comunicação, os estudantes conheceram a estrutura da rádio, de estúdios para gravação e programas ao vivo (os alunos chegaram a participar rapidamente da programação) a recepção (onde a participação do ouvinte é recebida) e os estúdios da TV (de programas jornalísticos e de auditórios), além do auditório principal do grupo. Só não foi possível apresentar a redação do jornal, pois, o local estava passando por reforma.

Para a turma que nunca havia visitado um periódico, tudo foi novidade, desde a entrada, como na imagem abaixo, figura 3, quando os alunos conhecem dependências do Grupo Gazeta de Comunicação.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)



Figura 4: Alunos conhecem o grupo Gazeta de Comunicação, o hall de entrada.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)

Figura 5: Visita dos alunos nos estúdios de rádio do Grupo Gazeta.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)

Figura 6: Visita dos alunos nos estúdios de TV do Grupo Gazeta.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)

Figura 7: Alunos visitam os estúdios de TV do Grupo Gazeta.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)



Figura 8: Alunos visitam os estúdios de TV do Grupo Gazeta de Comunicação.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)

Figura 9: Alunos visitam o auditório do Grupo Gazeta de Comunicação



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)

No jornal Folha do Estado passamos pela redação (os alunos conversaram com alguns repórteres, editores e com o chargista) quando foi apresentado a eles a divisão das etapas de trabalho no jornal (redação, edição, tratamento de fotografia). A turma também conheceu a gráfica do grupo, para conferir a estrutura de finalização e materialização do produto. Já que todos tinham conhecido a estrutura da rádio na programação anterior, optamos por priorizar visita ao parque gráfico, nessa ocasião.

Apesar do tema jornal não ser estranho ao grupo, os estudantes demonstraram timidez ao serem inquiridos pelos visitados a falar sobre o assunto. A desenvoltura que apresentavam em sala de aula (com perguntas diversas e participação), claro que até por estarem em um espaço novo para eles, foi bem diferente da desempenhada nessa ocasião, ao saírem de seu ambiente diário, mesmo se tratando de um assunto que não lhes era estranho, a turma foi atípica, com poucas perguntas. Seguem algumas imagens da referida visita.

Figura 10: Alunos visitam Grupo Sávio Brandão de Comunicação.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)

Figura 11: Alunos conhecem a recepção do Grupo Sívio Brandão.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)



Figura 12: Alunos conhecem a redação do Jornal Folha do Estado, do Grupo Sávio Brandão.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)

Figura 13: Alunos conhecem o complexo gráfico do Grupo Sávio Brandão.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)

Figura 14: Alunos conhecem o complexo gráfico do Grupo Sávio Brandão.



Pesquisa realizada no ano de 2009 (Acervo da Autora)

Sobre o desenvolvimento da pesquisa, apesar de não constarmos nas descrições de nossas atividades, houve uma compulsória interrupção da programação devido a uma série de suspensões das aulas, seja em função dos denominados ‘feriadões’, dias comemorativos da escola ou de programação da Secretaria Municipal de Educação, como o Dia D da Dengue, que acabavam por interromper as atividades no âmbito da classe, ou a última sexta-feira do mês, em que as aulas foram interrompidas para realização de uma atividade pedagógica entre todos os professores da escola. Até mesmo atividades extracurriculares, acabaram por prorrogar algumas programações da pesquisa.

Uma dessas situações foi a em que no dia marcado com a professora para trabalharmos conjuntamente com os alunos da turma A e C as produções textuais, após o atraso ocorrido devido às suspensões de aula, ao chegarmos na classe não foi possível realizar a atividade, já que outra turma ensaiava no pátio da escola uma apresentação para o Dia das Mães. A programação trabalhada no ensaio seria apresentada durante a festa para a comemoração da data realizada pela escola. Como a música estava com o som muito alto tirando a concentração dos demais estudantes em que as salas de aulas ficavam próximas, a professora teve que sugerir que a atividade fosse feita outro dia, pois, não seria possível produzir texto com os alunos naquela situação. Além dessa conjuntura, as programações de nossas atividades também ficaram sujeitas a adequação da programação pedagógica da docente Fernanda- que também não podia disponibilizar todas as aulas de sua disciplina para a atividade, já que tem uma programação a seguir.

Toda essa circunstância descrita dificultou as atividades da pesquisa, que acabaram não tendo a sua continuidade desejada, mas ao ritmo da escola. Destacamos essa particularidade já que, como observamos no capítulo seguinte, uma das características do texto jornalístico e da atividade da produção na notícia, é justamente a periodicidade e continuidade, em especial no momento de levantamento e elaboração do texto informativo. Evidenciamos assim que a desenvoltura de todos nesse processo, poderia ter sido outra, se tivesse sido possível realizar as atividades com continuidade mais expressiva.

No trabalho em sala de aula a participação dos alunos, cada um a seu modo, nas discussões inseridas em seu contexto, nos exemplos, nas entrevistas, nas análises, enfim, momentos que, de um modo geral, serviram para que os envolvidos construíssem as suas reflexões, experiências e conhecimento.

Olhares sobre determinado tema que se mostraram restritos no início de cada discussão, entretanto, após o processo de entrevistas, tabulações em salas de aula, e reflexão para a elaboração dos textos noticiosos, acabaram por ampliar esferas e ultrapassar fronteiras.



### 3 OLHARES NOS RESULTADOS

Letramento não é um gancho  
Em que se pendura cada som enunciado  
Não é treinamento repetitivo  
De uma habilidade  
Nem um martelo  
Quebrando blocos de gramática

Letramento é diversão  
É leitura à luz de vela  
Ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,  
O tempo, os artistas da TV  
E mesmo Mônica ou Cebolinha  
Nos jornais de domingos.

É uma receita de biscoito,  
Uma lista de compras, recados colados na geladeira,  
Um bilhete de amor,  
Telegramas de parabéns e cartas  
De velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,  
Sem deixar sua cama,  
É rir e chorar  
Com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,  
Sinais de trânsito, caças ao tesouro,  
Manuais, instruções, guias,  
E orientações em bulas de remédios,  
Para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,  
Um mapa do coração do homem,  
Um mapa de quem você é,  
E de tudo que você pode ser.

(Estudante norte-americana de origem asiática, Kate M Chong ao escrever uma história pessoal de letramento, define-o em um poema )

A partir da discussão teórica discutida no capítulo 2, nessa etapa de nosso trabalho analisamos os processos de produção envolvidos na pesquisa e as elaborações textuais. Algumas situações analisadas foram pinçados do dia-a-dia da pesquisa por entendermos que ilustram o trabalho e que chamaram a atenção das pesquisadoras considerando o foco da investigação. Nas produções textuais os nomes dos alunos foram ilustrados a partir da primeira letra do nome, seguido pelo número sequencial do número já citado da turma que integravam e finalizado com a letra da referida classe.

Na proposição do projeto com a comunidade escolar percebemos significativamente, tanto na professora como nos alunos, que o produzir e de forma coletiva foi rapidamente reconhecido por ambos e aceito como algo produtivo e motivador. A professora, questionada sobre a proposta da investigação e indagada por sugestões, logo propôs algumas alterações no projeto, como ao invés de analisar alguns jornais e discutir sobre seus significados, ela sugeriu que os alunos poderiam redigir suas próprias notícias. Outra indicação feita pela professora foi sobre os temas a serem trabalhados.

Já entre os alunos, ao serem apresentados à proposta e a mim, ficaram sem aparente reação, até porque, ao analisarmos os resultados dos questionários sobre o contato dos alunos com o jornal impresso, percebemos que apesar da maioria já ter tido relação com esse meio de comunicação, eles também responderam que tanto fazia, na indagação sobre o gostar de ler o jornal. No entanto, quando começamos o processo de produção do jornal, logo quando apresentamos para os alunos a sugestão de que eles entrevistassem alguém e depois fizessem o seu próprio jornal e, a partir dessa proposta, a professora vislumbrou a possibilidade deles serem jornalistas, alguns riram e vários demonstraram ânimo e interesse com a idéia. Já que essa reação foi logo nas primeiras aulas em que efetivamente começamos a discutir sobre o fazer em si, sem recapitulação de conteúdo ou algo semelhante, até poderíamos ponderar sobre uma primeira tomada de consciência de que o jornal poderia ser incorporado pelos alunos, produzidos por eles, tornando assim real a ideia de que eles também poderiam estar, digamos, do lado de lá, de produtores da notícia e, porque não, futuramente jornalistas.

Essa tomada de consciência é citada por Freire em seu livro *Extensão ou Comunicação*, ao analisar como os produtores de uma comunidade rural começam a se apropriar de conhecimentos técnicos, ele observa: “Este aprofundamento da tomada de consciência, que precisa desdobrar-se na ação transformadora da realidade, provoca, com essa ação, a superação do conhecimento preponderantemente sensível daquela com que se alcança a razão da mesma.” (FREIRE, 1983, p. 23). A incorporação real da ideia de serem jornalistas futuramente é interessante também na medida em que posteriormente verificamos, após a realização dos questionários de caracterização dos alunos, que apenas cinco, entre pai e mãe, de um total de 24 alunos, tinham o terceiro grau e na outra turma, de um total de 21 alunos, verificamos que apenas três, entre pai e mãe, tinham curso superior completo e dois estavam cursando. No entanto, ao serem estimulados, os estudantes tiveram a perspectiva de que podem ir bem além do que foi vivenciado pelos seus pais, no ensino formal.

Esse dar-se conta e “experenciado” dos alunos foi ainda mais evidenciado quando se apresentou para a turma a sugestão de perguntas para a entrevista, que eles fariam com

alguém de sua escolha. O tema selecionado foi violência e cada um aplicou o questionário com alguém de sua preferência, após o horário da aula. A citação de um aluno de que fariam ‘profissão repórter’, em alusão a um programa televisivo que é produzido por estudantes de jornalismo, revela que eles rapidamente incorporaram esse produzir um produto e até compararam com as produções industriais. Outra similaridade do referido programa com nossa atividade é que a produção sempre trabalha com temas sociais, que geralmente prejudicam primeiramente a camada menos favorecida economicamente da sociedade.

Ao lerem as perguntas, os alunos foram rapidamente e de forma desorganizada citando casos vivenciados de violência. Nesse processo coletivo de diálogo, surgiu na sala de aula o termo *robauto* (em referência à uma central utilizada para venda de mercadorias roubadas). Então, após a explicação do significado da expressão e reconhecimento de alguns alunos de tal prática na região, um aluno comparou a central com o gabinete de um vereador, fazendo uma alusão de que o problema da violência não começa apenas pelo bairro deles, mas que se mantém pelo poder constituído.

A comparação evidentemente também foi um reconhecimento que o roubo tão presente no cotidiano dos alunos está intrínseco na política, já que o gabinete de um vereador é apontado como o local onde os produtos do crime viram dinheiro, em uma evidente comparação de igualdade entre o ladrão tão próximo dos estudantes e o político.

A percepção dos estudantes em relação à sociedade, no desenrolar de nossas atividades, foi acontecendo no desdobramento do compartilhamento do processo de produção da notícia. As reflexões em salas de aulas, feitas conjuntamente, foram uma clara afirmativa de que violência não começa apenas pelo bairro deles, o grupo se deu conta da dimensão e complexidade do tema e problema.

A dimensão política da comunicação, a partir do citado diálogo conjunto em sala de aula, se sobrepôs nessa circunstância, Freire (1983) abordar a intrínseca relação política e comunicação. Sob a ótica da formação de sujeitos reflexivos que agem sobre o mundo e o conhecimento, a comunicação em vista do caráter problematizador, gerador de reflexão (consciência crítica) e de transformação da realidade por meio do diálogo, adquire essa dimensão. No instante em que os alunos reconhecem as diferentes formas de violência sofrida diariamente por eles mesmo, ou pessoas ligadas à família e que esse processo é mantido também pelo poder constituído, passam a formular suas análises, críticas e perspectivas sobre o assunto.

Freire (1983) partiu do princípio de que a comunicação é a que transforma essencialmente os homens em sujeitos. Com esta base, tem-se a proposição de que a

educação, como construção compartilhada de conhecimentos, constitui um processo de comunicação porque origina-se através de relações entre os seres humanos e com o mundo. A educação, como prática da liberdade, é, sobretudo e, antes de tudo uma situação de conhecimento que não termina no objeto estudado, já que se comunicam a outros sujeitos também abertos ao conhecimento. No caso citado, podemos definir como objeto estudado o instrumento que utilizamos, no caso o questionário que foi utilizado para a produção do texto jornalístico. Optamos por explicar pergunta a pergunta para os alunos. No entanto, o mais enriquecedor desse processo foi a discussão em torno das violências constantemente sofridas no bairro e a percepção de como isso acontece e mantêm-se na sociedade, além da identificação dos alunos de estarem inseridos nesse contexto de violência.

Isto demanda um esforço não de extensão mas de conscientização que, bem realizado, permite aos indivíduos se apropriarem criticamente da posição que ocupam com os demais no mundo. Esta apropriação crítica os impulsiona a assumirem o verdadeiro papel que lhes cabe como homens. O de serem sujeitos de transformação do mundo, com a qual se humanizam (FREIRE, 1983, p. 23).

O processo realizado pela professora em retomar um conteúdo já trabalhado pela turma, no caso a narrativa, mas colocado sob um novo prisma, o da produção de um texto jornalístico, foi incorporado pelos alunos, a partir de em uma linguagem híbrida em sala de aula, sempre retomando exemplos da televisão e dos jornais, foi naturalmente reconhecido pela turma que foi citando exemplos, retomando o conteúdo e identificando os elementos que posteriormente foram utilizados para a produção do texto jornalístico. Essa relação da cultura escolar marcada pelos produtos midiáticos é tratada por Setton (2006, p. 1) também como um desafio para a educação.

[...] proponho dimensionar a força, o alcance e o limite dessas duas formas de educação. Acredito que pensar a história da escolarização articulada à história da indústria de bens simbólicos no Brasil ajudaria a conceber a especificidade de parte da educação e da cultura de nosso país.

Esse processo de tomada de reflexão e conhecimento vai se dar a partir de uma interdependência de sistemas híbridos construídos pelas instâncias família e escola, mas também por um sistema difuso de informações veiculado pela cultura das mídias pela vivência no bairro e também com o trabalhar na produção da mídia. Setton (2005, p. 90) vai apontar, em suas interlocuções, a presença do cultural, considerando que é possível detectar a utilização de outro tipo de cultura no cotidiano do estudantado que o pré-dispõe, junto com as estratégias familiares, a construir uma trajetória escolar meritória. “Foi possível constatar que

o acesso a um saber informal midiático, em ambientes familiares dóceis à cultura escolar ampliou o referencial cultural dos alunos, potencializando um melhor desempenho escolar”. (SETTON, 2005, p. 91) Para a autora, “[...] trata-se de destacar uma outra ordem de estratégias e/ou práticas culturais que demonstram uma abertura ante o aprendizado informal/formal difundido por instâncias ainda não consagradas como legítimas”. (SETTON, 2005, p. 80) Percebe-se que ao oferecer alternativas ao modo tradicional de ensino, os alunos incorporaram e elaboraram, de certa forma, sua própria reflexão e conhecimento em relação ao mundo e seu papel na sociedade.

### **3.1 LÍNGUA(GEM) E SEMIFORMAÇÃO**

Apesar das discussões em sala de aula terem originado uma riqueza de detalhes, reflexões, discussões, enfim, compartilhar de experiências e conhecimento, percebemos, no momento de produzir o texto houve um impedimento, ou um desaceleramento, desse diálogo e descobertas que foram expressadas nas discussões, nem sempre aparecem no produto final.

Os alunos, em praticamente a sua totalidade, claro, com algumas exceções, em suas produções textuais não faziam conexão entre um parágrafo e outro, constatou-se um certo temor em escrever e dificuldade com a grafia das palavras. Isso acabou por dificultar que os alunos conseguissem transmutar ao texto a idéia obtida na apuração da notícia e as discussões protagonizadas por eles mesmos em sala de aula. Mesmo nos textos com uma estrutura mais complexa percebeu-se ausência da criticidade e contextualização.

Como descrito anteriormente, já na primeira experiência em que acompanhamos uma produção textual, percebemos essa barreira, que posteriormente foi confirmada. Na ocasião, os alunos foram chamados a redigir uma redação sobre os 290 anos de Cuiabá, com no mínimo três parágrafos, contemplando a estrutura de introdução, desenvolvimento e conclusão. No entanto, identificamos que muitos alunos não fizeram a atividade, talvez porque o tema fosse muito amplo e a professora quase não falou sobre o assunto trabalhado, em como o texto poderia ser feito.

Um aluno apresentou uma redação em que se tratava de um texto inteiramente descritivo, sem conexão entre um parágrafo e outro, sem um enredo, apenas descrevia a cidade onde o estudante morava e sua a escola. Ao ser orientado a fazer uma conclusão, que explicasse o porquê de ter escolhido os assuntos que ele descrevera, ele respondeu perguntando o que seria uma conclusão, não entendia o significado da palavra.

Nessa atividade, praticamente toda a turma ficou presa em uma produção textual apenas descritiva, mas sem fazer um corpo de texto um pouco mais elaborado, ou que apresentasse conexão entre um parágrafo ao outro. Verificamos que apesar dos alunos já dominarem a grafia, ainda tinham uma imensa dificuldade em repercutir no texto a discussão de sala de aula, ou até ao menos construir uma história com início, meio e fim, em uma discussão. Apesar de teoricamente já dominarem a escrita, os alunos apresentaram ainda uma semi-formação ou um debilitado domínio nesse quesito.

Uma semiformação no que concerne à superficialidade das produções textuais, em que notadamente não houve um olhar crítico dos alunos sobre o tema. A característica descritiva nos textos dos alunos trouxe em seu bojo a superficialidade e conseqüente ausência de reflexão. Até mesmo nas produções com elaboração adequada dos textos, com conexão correta de assuntos (introdução, desenvolvimento e conclusão), estes ficaram restritos apenas à descrição de informações recebidas, sem uma análise ou opinião de elaboração própria.

Adorno, ao tratar da influência da indústria cultural na formação da consciência do sujeito, formula essa discussão como semiformação. Para o filósofo alemão, trata-se de formação convertida em ideologia, que é repassada pelos produtos e já intrínseca nos sistemas de formação da sociedade contemporânea, e que também tem seus tentáculos na indústria da educação. A formação, nesse caso, se dá em meio a uma oferta avassaladora de informações e diversidade cultural, mas tudo isso mesclado pela superficialidade, outra marca da indústria cultural. Uma formação que ocorre, mesmo que inconscientemente, para a manutenção do sistema vigente, em que não há espaço para um pensamento crítico do conhecimento absorvido.

Apesar dos alunos já terem passado pela fase de aquisição da escrita, gramática e até mesmo da produção de textos, já que a professora desenvolvia com eles várias formas de produção textual, percebeu-se que nesse tilintar de conhecimento, eles não dominavam isso, já que se tratou de praticamente a totalidade da turma, de saber o que fazer com todas essas informações e conhecimento, de como elaborar e textualizarem suas opiniões e visões sobre determinado tema, no caso específico, os 290 anos de Cuiabá. Apesar de conhecerem a técnica da escrita, eles não elaboram de uma forma que produzissem suas impressões e opiniões, textualizando essa reflexão.

A semiformação muitas vezes atinge o lugar de formação educacional como poderosa aliada do *status quo*, da miséria social e da barbárie. Isso porque, ao despojar os indivíduos do pensamento e crítico- utilizando-se para isso informações superficiais e muitas vezes maquiadas de interesses de grupos dominantes, acaba por

minar desses não apenas a sua força reativa diante dos episódios de barbárie, como também suas próprias subjetividades (ALI, 2008, p. 20-21).

Apesar dos alunos já terem passado pela etapa da alfabetização e elaboração de texto, de teoricamente já dominarem esse conteúdo, percebemos a superficialidade do conhecimento nessa área, uma gama de informações absorvidas, mas sem uma conexão que garantisse condições para que eles conseguissem formular suas próprias reflexões. Um conhecimento adquirido, mas não tão profundo, que possibilitasse que eles incorporassem o conteúdo e conseguissem assim formular as suas próprias discussões. A semiformação vem acoplada a um contexto alienante em que nem mesmo há percepção dessa semi-formação. Adorno vai caracterizá-lo como “[...] sistemas delirantes coletivos de semiformação cultural, onde conciliam o incompatível; pronunciam a alienação e sancionam como se fosse um obscuro mistério e compõem um substituto da experiência [...]” (ADORNO, 1996). Onde o “pensamento reduzido ao saber é neutralizado” (ADORNO, 1985) e mobilizado apenas para a adequação econômica, voltado unicamente para o mercado de trabalho e específico para aumentar o poder mercantil da pessoa.

### **3.1.1 Letramento Como Perspectiva**

No entanto, ao contextualizar o conhecimento dos alunos a partir do trabalho na prática social do grupo envolvido- no caso pelo processo de entrevistas no bairro, discussão em sala de aula dos resultados e sugestões de mudanças- percebeu-se que a turma, de uma forma geral, conseguiu desenvolver as técnicas da escrita com maior desenvoltura. De conhecimentos superficiais, em uma gama de multiplicidade de informações que podem até mesmo soar sem sentido para eles, os alunos, ao unirem conhecimento e reflexão conjunta em sala de aula, passaram a produzir textos que tinham mais de suas impressões e opiniões do que simples descrições. Alguns chegaram até mesmo a elaborar produções com conexões entre parágrafos, formulando a composição: introdução, desenvolvimento e conclusão, tão estranha a eles anteriormente.

Apesar da dificuldade até natural com o texto escrito, percebeu-se que os alunos produziram dentro de uma lógica e com ligação entre os parágrafos de forma significativa. Isso, quando comparado ao material elaborado por eles na referida aula de história, sobre os 290 anos de Cuiabá, quando as produções não tinham ligação entre os parágrafos, eram apenas descritivas, sendo que a maioria não fez um desfecho ou conclusão para o material. A professora Fernanda observou essa mudança na qualidade das produções textuais ao usar a

expressão ‘imaginação’, indicando que a entrevista proporcionou aos alunos um horizonte mais imaginativo. De um texto meramente descritivo, redigido na aula de história, os alunos fizeram produções com um misto de descrição do problema da violência, obtidas a partir da entrevista, com observações sobre as causas do problema e com sugestões de mudanças, que garantisse uma melhora na perspectiva de vida para eles mesmos.

A referência da professora sobre imaginação também pode ser entendida na atividade como um chamado para que os alunos redigissem sobre suas avaliações e interpretações de vivências tanto no cotidiano, como a partir das interpretações que obtiveram com as entrevistas e nas discussões em sala de aula. Quando se tentou superar a percepção da aquisição da linguagem como um modelo linear e técnico, percebeu-se que os alunos responderam com um texto mais rico tanto em significados como na produção textual, em termos de linguagem, conexão e significados. Tfouni (2006, p. 20) ao observar que a alfabetização passa por variáveis que vão desde a questão da escolarização, que ocorre em geral com a alfabetização, até considerar que não se refere a um processo linear, que envolve níveis de complexidade crescente, em cada um dos quais diferentes objetos são construídos pela criança, sugere que o professor mantenha as questões: qual a natureza dos objetos construídos pelos alunos? Quais as práticas sociais que exigirão dos alunos o domínio da escrita? E se enquanto educador estou preparado para elas? Incluo aqui também as atividades que se desperta nos alunos a competência interpretativa das relações de poder, proporcionando assim campo fértil para produzirem a sua própria capacidade interpretativa, desenvolvendo assim a relação citada por Tfouni entre o produto e o processo, referindo-se à alfabetização e letramento. De um texto meramente descritivo, os alunos, ao serem chamados a escrever a partir de um contexto de violência já refletido em sala de aula, conseguem uma produção que foi além de parágrafos meramente descritivos para fazerem ligações entre causa e efeito e até mesmo sugestões de mudanças, como segue parte da produção de um aluno do 3º ano A:

Muitos meninos ou meninas entram nesse mundo e não conseguem mais sair por causa de seus amigos que os levam de volta. O que mais acontece com as meninas é a prostituição. Muitas vezes isso acontece por falta de dinheiro, para ajudar os pais na renda familiar e para não deixarem seus irmãos passar fome.

Muitos casos que eu contei não foram encaminhados à polícia, porque a sociedade tem medo de denunciar esses adolescentes.

São muitos poucos casos que foram encaminhados a polícia, pois, a sociedade não acredita na solução do caso pela polícia, é por isso que muitas vezes as pessoas acham que a polícia não resolve nada.

Os casos que a polícia mais resolve é de brigas porque eles acham mais fácil de solucionar. Eu como pessoa acharia melhor a polícia e o governo desse mais atenção



às crianças, porque muitas vezes os pais saem cedo e voltam só à tarde e não tem como acompanhar seus filhos na escola (Redação do aluno S1A).

Ao analisar o processo de produção como um todo (entrevista, tabulação conjunta dos dados e produção do texto), percebemos que a discussão oral em sala de aula fluiu com maior facilidade do que as produções escritas. Claro que o acesso à linguagem oral é bem maior que a escrita, mas percebeu-se uma dificuldade significativa dos estudantes em muitas vezes transformarem importantes reflexões feitas por eles mesmos em sala de aula nos seus respectivos textos. Então, muitas análises iniciadas nas discussões e que poderiam ter sido trabalhadas e refletidas nos textos noticiosos acabaram por serem inibidas, devido à dificuldade textual. No entanto, mesmo com esse empecilho, nas elaborações individuais, as vivenciadas de cada um foram incorporados a um contexto maior, o da realidade de violência por que passa todo o bairro. Isso na perspectiva discutida por Magda Soares (2009, p.20) de que “[...] só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente”.

Nesse instante, o aluno, percebeu-se como parte de um problema maior e passou a dominar as técnicas da escrita para expressar essa sua percepção: em muitas redações eles mesmos apontam essa problemática; como famílias desestruturadas- seja pela maternidade precoce, desemprego-, escolas que não oferecem atividade integral deixando os alunos a mercê de um bairro violento, tráfico de drogas, entre outros. Como na redação da aluna do 3º ano do 3º ciclo C:

A violência é muito comum nos bairros, os moradores já cansados de sempre pedir ajuda, mais vigilância e não serem atendidos de fato, fazem justiça com as próprias mãos. O que mais ocorre nos bairros é o tipo de violência chamada agressão física, e isso ocorre muitas vezes por ciúmes. Tanto os homens como as mulheres se envolvem muito cedo, querem ter uma relação mais firme e acabam se casando, uns vão morar na casa dos pais do “marido” (porque é muito novo para ter casa própria). Com o tempo as coisas começam acontecer, as mulheres começam a engravidar, o dinheiro a acabar rápido. Quanto mais difícil fica a situação, o povo acha de ter mais filhos. Só que as mães ficam com dó do filho ou da filha e acabam ajudando. A mulher começa a trabalhar para ajudar o marido enquanto os avós cuidam das crianças.(Redação da aluna K1C)

### 3.1.1.1 Produções jornalísticas versus discussões: um caminho para a emancipação

No processo de produção como um todo, que transcorreu em etapas- da discussão em sala de aula, retomada de matérias que poderiam ser utilizadas pelos alunos para as produções

jornalísticas, preparação para as entrevistas, realização dos questionários, tabulação, discussão sobre informações obtidas, impressões da turma e produção dos textos, percebeu-se elaborações de apontamentos reflexivos em uma perspectiva emancipatória por parte dos alunos envolvidos. Movimentos que ascenderam tanto coletivamente, nas discussões conjuntas, como de forma individual, nas produções textuais dos alunos. Inês Barbosa de Oliveira ao analisar a discussão realizada por Boaventura de Souza Santos, aborda o fazer pedagógico emancipatório como o “pensar na possibilidade de desenvolvimento da autonomia intelectual e social dos sujeitos individuais e coletivos envolvidos no processo educativo” (OLIVEIRA, 2006, p. 117). Ao adentrarem nas discussões sobre violências sofridas no bairro, causas, resultados e serem motivados a pensar em saídas e iniciativas de mudanças, os alunos construíram suas próprias percepções, interpretação e conhecimento. Como na discussão sobre a venda da mercadoria roubada no bairro e a relação feita por eles com o gabinete de um vereador, ou na produção de um aluno, do 3º C, em que com suas palavras fala sobre a falta de estrutura da polícia, ausência de infra-estrutura no bairro e ação casada dos bandidos que acabam por fragilizar ainda mais a sociedade ao perceberem essa falha estrutural, deixando a população em uma armadilha, ao citar o trocadilho: escuro e insegurança.

[...] a violência aqui não para de acontecer, são mortes, roubos, furtos e pessoas baleadas. Santa Isabel tem policiamento, mas são poucos policiais e os bandidos são muitos...os crimes geralmente acontecem à noite, por falta de guardas e policiais. Tem ruas em que já não há mais luz nos postes, porque eles, os bandidos, conseguem queimá-las e por isso a sociedade fica no escuro e insegura... (Redação do aluno A2C)

Outra aluna, da mesma sala de aula, transpareceu em seu texto uma análise que claramente foi desenvolvida durante todo esse processo de produção, isso porque ao iniciarmos as discussões era unânime apenas a ideia de que a polícia não garante a segurança e ponto final, chegando até mesmo a declarações de que era necessário matar bandido. Como se a solução para a insegurança pudesse partir de apenas atitudes individuais dos moradores. Entretanto, ao produzir seu texto ela mantém a assertiva sobre a corrupção na corporação militar, mostrando até mesmo que se ‘encena’ um trabalho de segurança, mas expôs alternativas, ao observar que pode partir da mesma (corporação militar) a garantia da segurança e que a população precisa valorizar esses policiais e cobrar honestidade e ‘garra’ dos profissionais:

Os moradores já nem confiam mais nos policiais. Porque em vez de nos dar o conforto, nos dão é dor de cabeça. A polícia é um caso sério, fingem que pegam um ladrão aqui, e depois já soltam lá na outra esquina. Esses policiais estão mais sempre vergonhas que os próprios ladrões. Nossa comunidade precisa é de uma companhia

de policiais honestos, que realmente valorizem seu trabalho e ganhem bem para isso, porque eles são as únicas pessoas que podemos confiar em caso de segurança [...] esses policiais precisam trabalhar com mais honestidade e garra e nós confiamos na honestidade deles, por isso não podem só fingir que prendem os ladrões. (Redação do aluno A3C).

Em seus apontamentos, especificamente em seu texto de 2000, Boaventura esclarece como entende a possibilidade de substituição da primazia do conhecimento-regulação para o conhecimento-emancipação, transformando-se a solidariedade na forma hegemônica de saber e aceitando-se um certo caos, que ele define como as duas estratégias epistemológicas a ser seguidas- a reafirmação do caos e a revalorização da solidariedade como forma de saber. O inconformismo trabalhado por Boaventura foi despertado e revelado nos alunos quando os mesmos propuseram em suas entrevistas e produções textuais o pensar em saídas e sugestões, ao observarem o que estava invisível, ou imperceptível em um primeiro momento, nas diversas situações de violência que ajudam mantêm esse desequilíbrio social. Nesse propor frente ao conflito, há o pensar emancipatório.

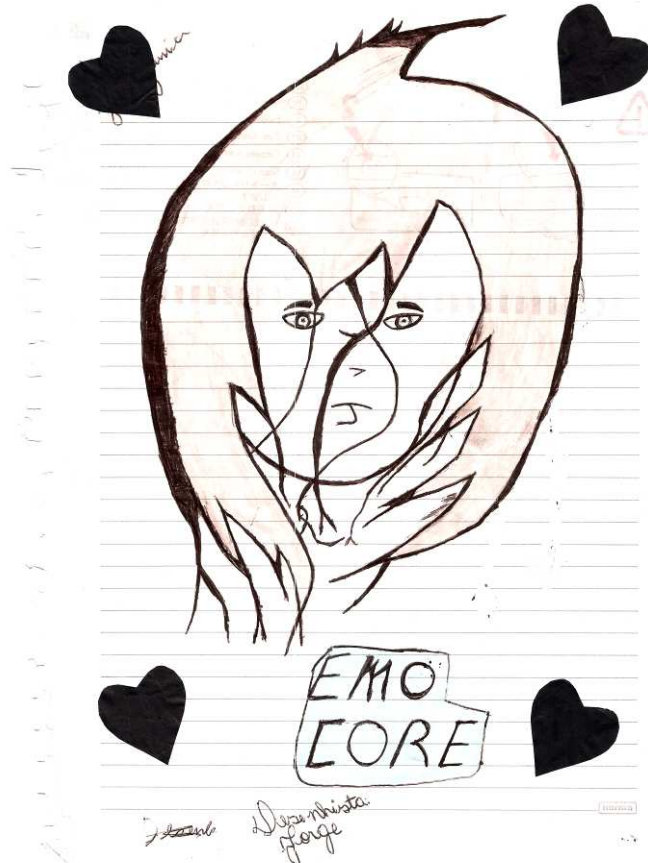
A educação para o inconformismo tem que ser ela própria inconformista. A aprendizagem da conflitualidade dos conhecimentos tem de ser ela própria conflitual. Por isso, a sala de aula tem que transformar-se ela própria em campo de possibilidades de conhecimento dentro do qual há que se optar (SANTOS, 2006, p.26).

O inconformismo e o pensar emancipatório foram desenhados pelos alunos em suas redações, como no texto de um aluno do 3º ano A, em que após revelar uma circunstância onde os moradores de seu bairro vivem em uma situação de reféns, tanto dos bandidos que atuam na região, como de uma polícia corrupta, deve-se incentivar a quebra de omissão entre eles, termo que remete ao inverso de ser refém, reprimir o calar-se para salvar-se. Em sua elaboração, sugere alternativas para inverter a lógica vigente, a partir de leis mais rígidas, acompanhamento dos pais no desempenho escolar dos filhos, escola em período integral, empenho das autoridades. Enfim, o texto sugere tanto mudanças individuais (pais que devem acompanhar seus filhos) e coletivas (leis rígidas, empenho governamental). Em vez de fechar-se na tentativa de segurança de sua casa, o aluno vislumbrou como saída uma atuação mais ativa da sociedade.

A falta de segurança no nosso bairro só aumenta. Os moradores falam que os policiais não estão preparados para combaterem os criminosos, tem policiais que estão prendendo pessoas honestas e com isso, elas não acreditam mais na segurança e nem nos policiais de nosso bairro. A comunidade também sente muita falta de lazer porque com a ausência de segurança ninguém mais tem coragem de sair de

casa, ficam com medo de acontecer alguma coisa com seus filhos, esposa e parentes, mas eles querem mais lazer com sua família e não ficar presos dentro de casa, como estão hoje. Muitas pessoas deram sugestões que é de contratar policiais honestos, empenho do governo, para os pais acompanhar a vida de seus filhos, leis mais rígidas, estimular a quebra de omissão, escola em período integral, combate à prostituição, tratamento de dependentes químicos, atividades e espaço de lazer e etc. (N2A).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



*Ilustração do aluno J3A sobre a produção relativa ao tema violência*

“Sonhar é preciso. Imaginar, muito mais. E ousar sempre.”

Mário Osorio Marques

O trabalhar em sala de aula com a produção do jornal suscitou inúmeras discussões, reflexões e análises, isso tanto no olhar do pesquisador como no da comunidade escolar envolvida. As percepções que os alunos foram construindo ao longo da pesquisa, mesmo antes de produzirem seus referidos textos jornalísticos, no desenrolar de suas produções, seja na discussão para a realização das entrevistas, as perguntas a serem feitas, no compartilhar dos resultados obtidos nas apurações, experiências, descobertas, aprendizagem e até erros que eram individuais, tornaram-se fonte de aprendizado e experimento para todos. De uma

percepção individual, esse processo possibilitou um terreno em que há vários olhares, uma pluralidade de situações, onde o aluno percebeu-se como parte de um contexto maior, em uma relação social complexa, que extrapolou os muros de sua casa, sala de aula, escola e bairro. São percepções e discussões que surgiram a partir de afirmações sobre porque casos de estupros e pedofilia ganharam cobertura de longos dias na imprensa por trata-se de uma vítima da classe média, enquanto essa problemática é até mais recorrente na periferia da cidade, ou em debates de como se reprimir a corrupção na corporação militar, não apenas através da punição, mas pela conscientização e por melhores salários. Onde experiências particulares se tornaram fonte de conhecimento, em uma construção de uma visão reflexiva, a partir da emancipação de pensamento.

Na produção textual, essa percepção e reflexão dos alunos, em relação ao tema trabalhado e conexão disso a um contexto maior transpareceu em vários textos. Tanto no quesito estrutural, onde se percebeu que os alunos fizeram um conexão em seus parágrafos, deixando de um texto meramente descritivo- uma característica em suas redações- para uma produção em que há elementos introdutórios, de desenvolvimento e de conclusão.

Claro que por ser uma atividade nova para o cotidiano da sala de aula, a programação despertou atenção imediata dos alunos, entretanto, manteve-se essa interação de todos com o trabalho, ao se optar por temas propostos por eles mesmos e por atividades em que eles foram os principais interlocutores. No entanto, apesar dessa expectativa e participação dos alunos com as atividades, a própria dinâmica das seqüências de aulas dificultou a realização do trabalho e, por conseguinte, inibiu o desenvolvimento de todos no contexto do processo. Isso porque há uma reincidência significativa de suspensão nas aulas, e automaticamente de nossa programação. Em função dos denominados ‘feriadões’, dias comemorativos da escola ou de programação da Secretaria Municipal de Educação, como o ‘Dia D da Dengue’ e até mesmo programação pedagógica da própria escola (toda 4ª-sexta-feira do mês não há aula, os professores tem reunião com todo o corpo docente da instituição). Isso acabou por interromper as aulas, dificultando assim a realização das atividades da pesquisa, que acabaram por não ter a continuidade desejada, mas ao ritmo da escola.

Se em uma produção jornalística diária esse processo acontece em um prazo exíguo, em menos de 24 horas, ou no máximo se completa em alguns dias, transpor esse processo para meses é sobretudo mais complexo. Claro que a idéia não era produzir um material

considerando o temido *deadline*<sup>8</sup>, onde a quebra de prazo inviabiliza a matéria, mas sim a continuidade e conexão entre as diferentes etapas da produção de uma produção jornalística.

Considerando a discussão dessa característica de continuidade e contextualização da produção jornalística, ao retomar a problematização que provocou o nosso estudo sobre o dialogar de iniciativas, a partir de um entrelaçamento da educação com a comunicação, que possam levar a emancipação de sujeitos inseridos em um contexto da indústria cultural, de uma sociedade capitalista, optamos por trabalhar com apontamentos. Já que nesse processo houve essa indesejada interrupção e também por ser foco de nossa pesquisa analisar, no contexto do processo formal de ensino, se o trabalhar com a mídia, no caso o jornal, levou a construção e discussão de relações democráticas. No decorrer da pesquisa e no aprofundamento teórico desse diálogo, percebemos que seria prematuro analisar se no desenrolar de todo o trabalho com os alunos houve uma emancipação dos sujeitos, que ocasionasse a construção de relações democráticas, considerando a complexidade que envolve esse tema.

Ao observar as iniciativas individuais e também coletivas dos alunos em todo o processo, há elementos que entendemos como apontamentos de sujeitos em uma perspectiva de emancipação, a partir de uma visão reflexiva. Sujeitos que passaram, mesmo que pontualmente, a construir suas próprias percepções e que são em alguns momentos até tolhidos pela semiformação, mas em outros que ultrapassaram barreiras como a dificuldade na escrita, na construção de seus saberes e visão de mundo. Essa conflitualidade retoma a discussão de Maar (2009) de que: “Se a democracia é uma sociedade de homens emancipados, a experiência da emancipação- a partir dos conflitos gerados em decorrência da indústria cultural e da semiformação- constitui um potencial crítico e transformador”. No processo de produção dos alunos percebeu-se situações e iniciativas em que os sujeitos partiram de uma visão restrita até mesmo em sua forma de redigir, para textos mais ricos em significações e análises. No entanto, abordamos como apontamentos por tratar-se de experiências ainda tímidas e em um universo de produção ainda restrito e marcado pela descontinuidade nas atividades em função da rotina da sala de aula. Há que se destacar que reconhecemos a limitação da referida pesquisa participante em seus atributos emancipatórios. Chegamos a conclusão que o fato dos alunos terem formado uma reflexão, até mesmo uma certa autonomia e maior riqueza em seus textos, isso nem sempre os torna emancipados, livres para que possam produzir seu próprio pensamento, já que pode-se tratar também de iniciativas

---

<sup>8</sup> Prazo estabelecido ao profissional de comunicação para a entrega do produto finalizado e editado. Podendo variar em dias para uma revista, hora em se tratando de jornal e minutos na produção televisiva.

isoladas. Essa discussão é apenas uma pequena iniciativa em um contexto amplo e cada vez mais plural e complexo dos meios de comunicação no contexto escolar.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. **Espaço & educação**, ano XVII, n. 56, dez, 1996, pp. 388-410.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento. A Indústria Cultural: O iluminismo como Mistificação de Massas. In: LIMA L. C. (Org.). **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALI, Nabil Sleiman Almeida. **Análise do discurso ideológico no merchandising social**. São Paulo: USP, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2008.

BACCEGA, M.A. **A construção do campo comunicação/educação: alguns caminhos**. *Revista USP*, São Paulo n. 48, p. 18-31, 2000/2001.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação na Instituição Educativa**. Traduzido por Estela dos Santos Abreu com colaboração de Maria Wanda Maul de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Tradução de La recherche-action dans l'institution éducative.

BELLONI, Maria Luiza. (Org.). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. Traduzido por Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense - obras escolhidas, 1985.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. v. 2, p. 144, Brasília: 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Médio e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. p.184 Brasília: 1999.

BORDENAVE, Juan, E. Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

- CAJARDO, Marcela. **Pesquisa Participante: propostas e projetos.** In: Brandão, Carlos Rodrigues. (Org.). *Repensando a Pesquisa Participante.* São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CITELLI, Adilson. **Palavras Meios de Comunicação e Educação.** São Paulo: Cortez, 2006.
- DALBOSCO, Claudio Almir. **Problemas de atualidade da teoria crítica?.** DURÃO, Fabio Akcelrud, et.al (Org). **A indústria cultural hoje.** São Paulo: Boitempo, 2008.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: mito e realidade.** Rio de Janeiro: SENAC/DN, 1984.
- DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural hoje.** In: DURÃO, Fabio Akcekrud,Zuin, Antônio e Fernandez Vaz (Org.). *A industria cultural hoje* São Paulo: Boitempo, 2008.
- DURÃO, Fabio, Akcelrud, ZUIN Antônio (Org). **A indústria cultural hoje.** São Paulo: Boitempo, 2008.
- FALS, Borda. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante.** São Paulo: Brasiliense, 1982. p 42-62.
- FALS, Borda. **Repensando a pesquisa participante.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FANFANI, Emilio Tenti. La Educación Básica Y La Cuestión Social Contemporánea. **Revista de Educação Pública,** Cuiabá, v. 11, n. 19, p. 59-78, jan./jun., 2002.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, Roberto. **Ação cultural para a realidade e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, Roberto. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: Brandão, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante.** São Paulo: Brasiliense. 1981.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação.** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janiero: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade.** São Paulo: Moraes, 1986.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante: propostas e projetos**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasilense, 1984

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e Cultura Política**. São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDEFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HABERMAS, Jürgen. “**Tecnologia e Ciência como Ideologia**”, In: Técnica e Ciência como Ideologia. 1980.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em Comunicação– Formulação de um modelo Metodológico**. São Paulo: Loyola, 1997.

MAANEN, Jonh, Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n.4, pp. 339-550, dec 1979.

MAAR, Wolfgang L. Lukács. Adorno e o problema da formação. **Lua Nova – Revista de Cultura e Política**, n. 27, São Paulo: Marco Zero, 1992.

\_\_\_\_\_. Adorno 10 Pensa a Educação. **Lua Nova – Revista Educação Especial**. Biblioteca do Professor, ano II, São Paulo: Segmento, 2009.

MARQUES, Osório Mario. **Botar a boca no mundo**. Ijuí: Unijuí, 2003

MATTERLART, Michèle e Armand. **História das teorias da comunicação**. São Paulo; Loyola, 2000.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como extensão do Homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1984.

MOULLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). **O jornal da Forma ao Sentido**. 2002, Brasília: Editora Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling, Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. In. DUARTE Jorge e Antonio Barros (Org). **Observação Participante e Pesquisa-ação**. São Paulo: Atlas, 2009.

PINTO, Bosco, João. “**A Educação de adultos e o desenvolvimento rural**” **Educação rural no terceiro mundo: experiências e novas alternativas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

RAMOS, Conrado; DURÃO, Fabio, Akcelrud et.al. **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação e Sociedade**, v. 26, Jan/Abril, São Paulo: Cortez, 2005.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Educação e Cultura no Brasil Contemporâneo**. GT Comunicação e Educação, n.16, m USP, 2006.

SMOLKA, A.L.B. **A criança na fase inicial da escrita – alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez; 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Suely Gally. **Educação e Comunicação – O ideal de inclusão pelas tecnologias de informação. Otimismo exacerbado e lucidez pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, Jésus Barbosa de. **Meios de Comunicação de massa jornal, televisão e rádio**. São Paulo: Scipione, 1996.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquête operária**. São Paulo: Polis, 1987.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2005.

WOLFGANG, Leo Maar, DURÃO, Fabio, Akcelrud et.al. **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ZAKRZEWSKI, Sônia Beatris Balvedi. **A Dimensão Ambiental no Desenvolvimento Profissional de Professoras e Professores das Escolas Rurais**. São Carlos: UFSCar, 2002.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ZUIN, Antônio A. S. DURÃO, Fabio, Akcelrud et.al. **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

**APÊNDICES**

## CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

**Caro Aluno (a)**, esse conjunto de questões faz parte da minha pesquisa de mestrado que faço na Universidade Federal de Mato Grosso. Suas informações são de fundamental importância, pois é a partir da realidade de vocês que iremos desenvolver esse trabalho conjunto a que nos propomos. Antecipadamente agradeço a sua colaboração.  
Janaína Sarah Pedrotti.

**Assinale com um X nos parênteses correspondente à alternativa que lhe for aplicável:**

**TURMA: 3º Ciclo A**

### 1. IDENTIDADE PESSOAL

#### **A. IDADE:**

- ( ) 8 – 9 anos  
 ( ) 9 – 10 anos  
 ( ) 10 – 11 anos  
 ( ) 11 – 12 anos  
 (X, X, X, X,) 12- 13 anos 4  
 (X,X, X, X,X, X, X, X, X, X,X, X, X,X, X) 13 – 14 anos 16  
 (X, X,) 14 – 15 anos 2  
 ( ) 15 anos ou mais. 22

#### **B. GÊNERO:**

- (X, X, X, X,X, X, X, X ) Feminino  
 (X, X, X, X, X,X, X, X,X, X, X,X, X, ) Masculino

### 2. ESCOLARIDADE

#### **A. GOSTA DA ESCOLA QUE ESTUDA?**

- (X, X, X,X, X, X, X, X,X, X, X, X, X, X, X, X, X, X, ) Sim  
 ( X, X, ) Não

#### **B. QUAL DISCIPLINA VOCÊ MAIS GOSTA?**

- (X, X, X, X, X, X, X, X, ) Língua Portuguesa  
 (X, X, X, X, ) Matemática  
 ( X, ) História  
 ( X, X,X, X, X,X, X, X, X, X, X, X, X, X, X, ) Informática  
 ( X, X, X, X, X,X, X, X,X, X, X, ) Ciências  
 ( X, X, X, X,X, X, X, X, X, X, X, X, ) Artes  
 ( X, X, X, X, X, ) Língua Inglesa  
 (X, X, X, X, X, X,X, X, X, X,X, ) Educação Física  
 (X, X, X, X, X, X, ) Geografia

- História/ Geografia  
 Todas  
 Nenhuma  
 Não tenho preferência

### **3. PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO**

#### **A. QUAL É O BAIRRO QUE VOCÊ MORA?**

- Santa Isabel  
 Jardim Araçá  
 Santa Angelita  
 Santa AXmália  
 Verdão  
 Coophamil  
 Outro

#### **A. MORA COM?**

- Pai e Mãe  
 Pai  
 Mãe  
 Avós  
 Irmãos  
 Parentes  
 Padrasto  
 Madrasta  
 Amigos  
 Sozinho  
 Outros

#### **C. SOMANDO OS SALÁRIO DE SUA CASA, QUAL O RENDIMENTO MÉDIO?**

- DE R\$ 450 a R\$ 900  
 R\$ 900 a R\$ 2 mil  
 De R\$ 2 mil ou maia  
 OUTRO  
 Não RESPONDEU  
 Não sabe

#### **B. Qual a profissão dos seus pais?**

Pai: Motorista, Funcionário público, caminhoneiro, caminhoneiro, Não respondeu, não respondeu, maitre, SERRALHEIRO, pedreiro, SEGURANÇA, ISNTALADOR TÉCNICO DE bomba de posto de gasolina, conselheiro tutelar, PEDREIRO, mestre de obras, representante de vendas, motorista de ônibus, Pizza, vendedor de artigo religioso, lanterneiro, GUARDA, serralheiro,

Mãe: Governanta, doméstica, do lar, NÃO TRABALHA, vendedora, professora, artesanato, dona de casa, dona de casa, faxineira, dona de casa, funcionária pública, babá,





(X, X, X,X,X, X, X, X,X,) Retrata a realidade

(X,) Conduz a opinião própria

( ) Induz a aceitar a opinião do jornal

**F. VOCÊ ASSISTE TV?**

(X, X, X,X, X,X, X,X, X, X, X,X, X,X, X,X, X, X, X,) Todos os dias

( ) Uma vez por semana

(X, X,) De vez em quando

( ) Nunca

**G. ASSISTE AO NOTICIÁRIO NA TV?**

(X,X, X, X

X, X, X, X,X, X, X, X, X, X, X, X, X) Sim

(X, X,) Não

Às vezes 2

Obrigada pela participação e colaboração!



<input type="checkbox"/> História/ Geografia	
<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> Todas	3
<input checked="" type="checkbox"/> Nenhuma	1
<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> Não tenho preferência	2

### **3. PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO**

#### **A. QUAL É O BAIRRO QUE VOCÊ MORA?**

<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> Santa Isabel	20
<input checked="" type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Jardim Araçá	1
<input checked="" type="checkbox"/> Santa Angelita	1
<input type="checkbox"/> Santa Amália	
<input type="checkbox"/> Verdão	
<input type="checkbox"/> Coophamil	
<input checked="" type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Outro	1

#### **A. MORA COM?**

<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> Pai e Mãe e padrasto	12
<input checked="" type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Pai	1
<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> Mãe	4
<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> Avós (e mãe e pai)	3
<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Irmãos	
<input type="checkbox"/> Parentes	
<input checked="" type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Padrasto	1
<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Madrasta	
<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Amigos	
<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Sozinho	
<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Outros	

#### **E. SOMANDO OS SALÁRIO DE SUA CASA, QUAL O RENDIMENTO MÉDIO?**

<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> DE R\$ 450 a R\$ 900	6
<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> R\$ 900 a R\$ 2 mil	14
<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> De R\$ 2 mil ou mais	2
<input checked="" type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> OUTRO	1

#### **B. Qual a profissão dos seus pais?**

Pai: Funileiro, Pastor, DJ, Falecido, Camareiro, Salagadeiro, Vendedor ambulante, instrutor de auto escola, policia, mestre de obra, frigorífico, operador de maquina, PEDREIRO, médico, VENDEDOR, mestre de obra, não sei, proprietário de marmitaria, moto-taxi, vendedor, pedreiro, não respondeu, não respondeu

Mãe: Copeira, vendedora, empregada doméstica, estudante, dona de casa, Salagadeiro, empregada doméstica, técnica de enfermagem, vendedora, secretária do lar, doméstica, funcionaria publica,, dona de casa, dona de casa, enfermeira, operadora de caixa, doméstica, não sei, salgadeira, dona de casa, doméstica, doméstica, feirante, promotora de vendas.

**C ATÉ QUE ANO SEUS PAIS ESTUDARAM?**

Pai: 5<sup>o</sup> série, 8<sup>a</sup> série, 3<sup>o</sup> ano, 7<sup>a</sup> série, 7 série, 1<sup>o</sup> ano, 2<sup>o</sup> completo, não respondeu, não sabe, terminando os estudos, 6<sup>a</sup> série, 1<sup>o</sup> ano, estudo completo, não sabe, não sabe, não respondeu, 8<sup>o</sup> ano, 5<sup>a</sup> série, não respondeu, não respondeu,

Mãe: 8 série, 1<sup>o</sup> Grau, 3<sup>o</sup> ano, 5<sup>a</sup> série, 3<sup>o</sup> ano do ensino médio, 3<sup>o</sup> ano, 2<sup>o</sup> completo, 2<sup>o</sup> do segundo grau, não sabe, 6<sup>o</sup> ano, cursando a faculdade, não respondeu, 4<sup>a</sup> série, estudo completo, não sabe, não sabe, não respondeu, 2<sup>o</sup> ano, 7 série, 7<sup>a</sup> série, estudo completo.

**4 COMUNICACÃO****B. VOCÊ JÁ LEU ALGUM JORNAL? LEMBRA O NOME?**

(X, X, X, X,X, X, X, X, X,X, X,X, X, X, X,X, X, X, X, ) Sim 19

( X, X, X, X, ) Não 4

(X, ) Não respondeu 1

Nome (Caso lembrar) : Não , A Gazeta, Folha Universal, Folha do Estado, Diário de Cuiabá, Gazeta, Gazeta, Gazeta e Foha do estado, Diário de Cuiabá, Não lembro, Diário de Cuiabá, Não lembra, Diário de Cuiabá e Gazeta, Gazeta,

Gazeta 6

Diário de Cuiabá 4

Folha do Estado 2

Folha Universal

Não lembra 3

Não responderam

**B. VOCÊ GOSTA DE LER JORNAL?**

(X,X, X, ) Sim 3

(X,X, X, ) Não 3

( X, X, X,X,X, X, X, X, X,X, X,X,X, X, X, X, X, X, X, ) Tanto faz 18

**C. VOCÊ LÊ JORNAL COM FREQUÊNCIA?**

( X, ) Todos os dias 1

( X, ) Uma vez por semana 1

( X, X, X, X, X, X, X,X,X,X,X,X, X,X,X, X,X,X,X,X, ) De vez em quando 20

( X, ) Nunca 1

**D. EM QUE LOCAL TEVE ACESSO AO JORNAL IMPRESSO?**

(X, X,X,X, X, X, X, X, X,X,X, X, X,X, ) Em Casa 15

( X, ) Na Escola 1

( X, ) Na igreja 1

(X, ) Casa de amigos 1

( X,X,X, X, ) Outros 4

**F. NA SUA OPINIÃO, O JORNAL:**

(X, X,X, X,X,X,X, X,X,X, X, X, X, X, X, X, X, X, X, X ) Informa 21

(X, X, X, ) Instrui 3

(X, X, ) Confunde 2

(X,X,X, X, X, X )Diverte	6
(X,X,X, X,X,X,X,X, X, ) Retrata a realidade	9
( X, ) Conduz a opinião própria	1
( X, ) Induz a aceitar a opinião do jornal	1

#### **H. VOCÊ ASSISTE TV?**

(X, X, X, X, X, X, X, X,X,X,X, X,X,X,X, X,X,X, X,X, ) Todos os dias	20
( ) Uma vez por semana	
(X, X, ) De vez em quando	2
( ) Nunca	

**Não respondeu**

#### **I. ASSISTE AO NOTICIÁRIO NA TV?**

( X,X,X,X, X, X, X, X,X,X,X,X,X, X,X, X, X, X,X, ) Sim	20
(X, X, ) Não	2
de vez em quando	1

Obrigada pela participação e colaboração!

Escolha Municipal Ranulpho Paes de Barros  
*Entrevista com a comunidade*  
**VIOLÊNCIA**



01 - Você ou alguém da sua família já sofreu algum tipo de violência? Qual?

---

---

02 - O caso foi encaminhado à polícia?

---

03 - A solução dada ao caso foi satisfatória? Por quê?

---

---

04 - Você tem medo de denunciar casos de violência? Por quê?

---

---

05 - Você conhece alguém caso de violência ocorrido em sua comunidade? Qual?

---

---

06 - O caso teve solução? Qual?

---

---

07 - A solução foi satisfatória para a comunidade?

---

---

08 - Sua família sente-se segura?

---

---

09 - O que causa insegurança aos moradores do seu bairro?

---

---

10 - A população acredita na polícia e na segurança que ela oferece? Por quê?

---

---

11 - Que sugestões você daria para solucionar o problema?

---

---

## ENTREVISTA COM A COMUNIDADE

1 – A família tem plano de saúde? Qual?

2 – Em caso de doença a família recorre a (o)

- Médico particular
- Posto de saúde
- Policlínica
- Farmácia
- Medicina alternativa



3 – A família tem plano dentário? Qual?

4 – Quando alguém tem dor de dente procura

- Posto de saúde
- Policlínica
- Dentista particular
- Fica com dor de dente
- Farmácia

5 – Como sua família é atendida no posto de saúde?

6 - Como é atendida na policlínica?

7 – A família já passou por alguma situação constrangedora? Conte-nos

8 – A forma como são feitos os exames médicos de laboratório atendem às necessidades?  
Por quê?

9 – Qual a doença que mais atinge a sua família?

Crianças:

Jovens:

Adultos:

Idosos:

**ANEXOS**  
**REDAÇÕES TURMA A**



Adelaide e Valeria  
8º ano 1



Somos estudantes do 8º ano 1 da escola Ramulpha  
Paes de Barros que se localiza no Bairro Santa  
Teresa e estamos fazendo uma notícia sobre a violência.  
Primeiro nós entrevistamos os nossos pais e perguntamos  
o que eles acham sobre o assunto e se já ocorreu al-  
gum tipo de violência em nossas famílias.

A maioria dos pais entrevistados disse que sim, que  
já ocorreu algum tipo de violência em sua família. Ai  
eles apontaram também outros tipos de violência como  
roubos e furtos, tráfico e uso de drogas.

Também perguntamos se a família se sentia segura  
entre as ruas e uma família que entrevistamos apenas  
três se sentem seguras. Ai surge as dúvidas: porque  
não nos sentimos seguros porque a polícia não nos dá  
tudo o que precisamos. Muitas vezes a polícia está  
mais do lado do bandido do que da sociedade. Muitas  
vezes passamos em frente a um posto policial e os policiais  
estão assistindo TV ou de cara para a ar, sem fazer nada,  
e quando nós precisamos deles, ligamos, falamos e eles  
falam que não têm viaturas, sendo que as viaturas estão  
lá paradas. Mas tem vez que eles querem e um  
vão lá nos atender, acho que é por isso a polícia  
muitas vezes não serve para nada, mas o que podemos  
fazer? apenas esperar e esperar que outras autoridades  
maiores tomem uma providência.

—sweetness



Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

/ /

Quarta, 14 de maio de 2009.

Violência

meu nome é Daicy, tenho 13 anos. Eu vou fazer um breve relato sobre a entrevista feita com minhas famílias.

Violência é um assunto conhecido em todo o lugar, nessa entrevista eu contei dois casos de violência. O da minha tia e do homem que mora do lado de casa, esse fato é um absurdo porque as pessoas não sabem pensar em si mesmas e não sabem ver o sofrimento que a outra pessoa vai passar. É violência de pai abusando de filha(s), tio, padrasto.

Os moradores não se sentem seguros com a segurança que a polícia diz que dá, porque se sairmos de casa e ficarmos fora uns três dias, a nossa casa já pode ser vítima de um assalto: polícia fica rondando nas ruas, mas bandido que é bom não pega, tem policiais se corrompendo, eles gostam de prender pobre, porém os ricos deixam soltos.

Gostaria de ter melhorias com relação aos policiais nas ruas à noite, ter medidas de plantão nos postos de saúde e policlínica, os pais acompanharem os filhos para eles não entrarem na bandidagem e mais importante: que as pessoas tenham caráter.

FORONI

STQSSD  
 □ □ □ □ □ □ □ □

1 | 1 |  
 06/

Escola E. B. "Raphaela Paes de Barros"

Luísivá, 25 de maio de 2009

Prof. Rogério Aguiar

Aluno: Davi Ricardo

Turma: 8º ano A

### VIOLÊNCIA

Nós, alunos da Escola Raphaela Paes de Barros, descobrimos que o bairro é muito cheio de violência e de tráfico de drogas e não tem segurança. Precisa melhorar porque tem muitas escolas, as pessoas fumam as drogas.

O governo precisa melhorar a segurança, precisamos ter mais polícia, os pais precisam acompanhar a vida dos seus filhos na escola e ter o controle contra a prostituição infantil-juvenil.

O bairro Santa Sábida é um dos mais violentos de Luanda porque tem muitas mortes por falta de polícia e também tem muitas polícias que são subornados por traficantes tem que ter leis mais rígidas, principalmente com as armas e diminuir a quantidade de emissões, diversidades e espaços de lazer, tratamento aos dependentes químicos.

Também o perfil tem que colocar iluminação nos bairros para não ter esses assédios e atropelamentos, por isso que tem que ser iluminado para evitar as violências.

Escola Municipal Ramulpho Paes de Barros, Bom!  
Entrevista com a comunidade.  
VIOLÊNCIA

ALUNO: Helhelton Silva Leite - 8º ANO A  
SANTA ISABEL

NÓS ALUNOS DA ESCOLA RAMULPHO PAES DE BARROS fizemos uma ENTREVISTA PARA AVALIAR A SITUAÇÃO DA NOSSA SOCIEDADE EM QUESTÃO DA VIOLÊNCIA.

A MAIORIA DOS ENTREVISTADOS JÁ SOFREU AÇÕES DE VIOLÊNCIA, COM VÁRIAS CONSEQUÊNCIAS E PREJUÍZOS NOTÁVEIS.

É TAMBÉM A MENOR QUANTIDADE ENCAMINHADO À POLÍCIA. A POPULAÇÃO TEM MEDO DE DENUNCIAR, GERALMENTE AS SOLUÇÕES NÃO SÃO SATISFATORIAS.

DES ENTREVISTADOS SOMENTE UM NÃO CONHECE CASOS DE VIOLÊNCIA.

AS FAMÍLIAS NÃO SENTEM-SE SEGURAS E NÃO CONFIAM NA POLÍCIA.

CONCLUSÃO: NÃO HÁ SEGURANÇA EM NOSSO BAIRRO!

Helhelton Silva Leite

Aluno: Jair Francisco de Santos Júnior

Prof: Puzângelo

turma: 8º ano A



Ok!

Meu nome é Jair estudo na escola Romulfo  
Rios de Barros, moro no bairro Santa Izabel, meu  
tolo da violência que meu tio sofreu quando es-  
tava fazendo comida perto do rio Tuolá.

Ele estava comendo sozinho pela manhã  
quando um assaltante chegou dando tiros nos  
costos dele, acabou-o e jogou-o no rio Tuolá.

Todos da família ficaram preocupados e  
ligaram para a polícia, depois de alguns dias  
a polícia achou o corpo dele no lado do rio  
Tuolá e depois de uma semana acharam o  
assassino que foi preso e vai ficar muito tem-  
po na cadeia porque lá é o lugar de assassi-  
no se ele não chorar para meu tio se defen-  
der e eu acho que não iria acontecer isso.



S T Q Q S S D

□ □ □ □ □ □ □ □

11/05/09

Violência

8 ano A

OK!

Seu Nayson, morador do Bairro Santa Isabel, tem 15 anos e estuda na escola Raulpho Pais de Barros.

Nós, alunos, fizemos uma entrevista com os moradores do bairro e descobrimos que a maioria das pessoas já sofreu algum tipo de violência e que as soluções não foram satisfatórias, muitas pessoas também reclamaram da falta de segurança, falta de saúde, falta de lazer, de educação e também estão com muito medo de seus filhos virarem usuários de drogas e se tornarem um suicida.

A falta de segurança no nosso bairro só aumenta. Os moradores falam que os policiais não estão preparados para combaterem os criminosos, têm policiais que estão prendendo pessoas bêbadas e com isso as ~~pessoas~~ elas não acreditam mais na segurança e nem nos policiais de nosso bairro.

A comunidade também sente muita falta de lazer porque com a ausência de segurança ninguém mais tem coragem de sair de casa, ficam com medo de acontecer alguma coisa com seus filhos, esposas e parentes, por isso querem mais lazer com sua família e com isso não ficam presos dentro de casa.

Os moradores do bairro já estão até com medo de deixarem o filho ir à escola porque não sentem mais seguros dentro de suas casas e

Sulamericana

S T Q Q S S D

imaginem na rua, como a falta de segurança é muita os criminosos, traficantes e até bocas de fumo estão aumentando cada dia que passa e ninguém tem mais educação nem para conversar com os outros. É falta de segurança, de educação e lazer são as principais coisas que estão faltando para o nosso bairro melhorar.

Muitos pessoas deram sugestões que é de contratar policiais honestos, empenho do governo, para os pais acompanhar a vida de seus filhos, leis mais rígidas, estimular a quebra de omissão, escola em período integral, combate à prostituição, tratamento de dependentes químicos, atividades e espaço de lazer e etc.

Todos acham que com isso vamos a ser uma comunidade feliz sem drogas, sem mortes, sem violência e sem um bairro com mais amor, harmonia, segurança e mais esperança de uma vida melhor.

/ /

06/

GMAE - Ramulphus Pais de Barros

Suabi, 11 de Maio de 2009

Aluno: Rodrigo Raphael Turma: 8 ano A\*

## Texto jornalístico

Seu aluno da escola "Ramulphus Pais de Barros", pensou em melhorias para a nossa sociedade, para discutir o problema nós fizemos uma entrevista com os nossos familiares. A nossa entrevista é sobre a violência da nossa sociedade, e com ela eu sei que a nossa sociedade anda muito violenta.

No Bairro Santa Izabel ocorrem muitos tipos de violência como: os assaltos, os roubos, os estupros, o uso de drogas, o tráfico de drogas e outros.

Para resolvermos esses problemas, tínhamos que ter: Mais empenho do governo na melhoria da segurança; leis mais rígidas, principalmente com os menores; estimular a quitação de emissão e escola em período integral.

Um dia assaltaram o salão da minha tia, era de manhã e quando chegou a tarde vieram outros bandidos para assaltar, mas, não tinha mais nada para roubar.

O que causa insegurança aos moradores de nossa sociedade são, a falta de segurança, o uso de drogas, o tráfico de drogas, os assaltos e a falta de ação das policiais.

tilibra



Bom!

2 / 1 / 06 /



Nos alunos do 8º ano "A" da escola Sta. Nulpho Pais de Barros fizemos uma entrevista com os nossos pais daqui do bairro Santa Isabel Sabá a biblioteca da sociedade, e os meus pais contam um caso de um menino de 12, 14 anos vendendo drogas, roubando, matando e deixando suas lés, suas famílias para viver neste mundo.

Aqui no bairro tem muito disso; esses dias atrás aconteceu um furto e eu estava me arrumando para ir para escola quando ouvi um tiro ou quatro tiros fiquei assustada quando vi aqueles policiais levando atrás daqueles meninos achei tudo um absurdo por lá um de horário era umas 06:00h da manhã, todos os meus vizinhos ficaram abismados com tudo aquilo.

Já os demais alunos da minha sala acharam que o que mais acontece aqui no bairro é isso mesmo o tráfico de "Droga", mas na verdade é tudo isso, mesmo que aconteça aqui, os meus colegas tem de 13 a 14 anos e as mães ficam até com medo de seus filhos entrarem no mundo das drogas com a influência de seus amigos.

Muitos meninos ou meninas entram nesse mundo e não conseguem mais sair por causa de seus amigos que os levam de volta e o que mais acontece com os meninos é a prostituição e muitas vezes isso acontece por falta de dinheiro.



FORONI  
© VOOZ www.puccastub.com



STOOSH  
para ajudar seus pais na renda familiar  
para não deixarem seus irmãos a passar  
fome.

Muitos casos que eu lanti não foram  
encaminhados a polícia, porque a sociedade  
tem medo de denunciar esses adolescentes.

São muito poucos casos que foram  
encaminhados a polícia, pois a sociedade  
não acredita na solução do caso pela  
polícia, é por isso que muitas vezes os  
pais acham que a polícia não resolve  
nada.

Os casos que a polícia mais resolve  
é de brigas por que eles acham mais  
fácil de resolver. Eu como pessoa acho que  
melhor a polícia e governo da mais aten-  
ção os brancos, por que muitas vezes os pais  
saiem cedo e voltam só a tarde e não  
tem como acompanhar seus filhos na escola.



FÓRONI  
© VOOZ www.puccastub.com



E. M. E. P. "Romulpho Bes de Barros."

Lisboa, 11 de maio de 2003.

OK,

Aluno: Tullio Souza De Souza.

### Texto jornalístico.

Sei alunos do curso "Romulpho", penso em melhorias para os meus livros e minha sociedade porque nos preocupamos com a qualidade. Para discutirmos sobre isso fizemos uma entrevista com os nossos pais.

Na minha família, nunca ocorreu nenhum tipo de violência, mas, há violência acadêmica. Uma das violências foi de uma mulher, que me deu, parte de seu. Minha mãe de vários resumos antigos, sempre no meu para ser uma mulher oprimida de seu marido, ligando para a polícia, não demora muito a polícia chegar, logo se apresenta e ele nega os políticos que não lêem nada. Mas depois desse tempo de prisão, melhorou muito, ficou mais calma; tem um livro e mais amigo de sua mulher.

Alguns melhorias para os meus livros e minha comunidade. Apesar de minha família se sentir segura, eu não me sinto, vejo muita violência em nossa comunidade. (Apesar); porém não respeito os próximos, sendo ignorantes.

As minhas sugestões de melhorias são: Ter mais programas educativos para os jovens, aulas com períodos intervalos, maior participação nos cursos, melhor qualificação dos políticos e mais lazer para os pessoas.

credeal





Adelaide e Valeria  
8º ano 1



Somos estudantes do 8º ano 1 da escola Ramulpha Paes de Barros que se localiza no Bairro Santa Isabel e estamos fazendo uma notícia sobre a violência. Primeiro nós entrevistamos os nossos pais e perguntamos o que eles acham sobre o assunto e se já ocorreu algum tipo de violência em nossas famílias.

A maioria dos pais entrevistados disse que sim, que já ocorreu algum tipo de violência em sua família. Ai eles apontaram também outros tipos de violência como roubos e furtos, tráfico e uso de drogas.

Também perguntamos se a família se sentia segura entre as ruas e uma família que entrevistamos apenas três se sentem seguras. Ai surge as dúvidas: porque não nos sentimos seguros porque a polícia não nos dá todo o apoio que precisamos. Muitas vezes a polícia está mais do lado do bandido do que da sociedade. Muitas vezes passamos em frente a um posto policial e os policiais estão assistindo TV ou de cara para a ar, sem fazer nada, e quando nós precisamos deles, ligamos, falamos e eles falam que não têm viaturas, sendo que as viaturas estão lá paradas. Mas tem vez que eles querem e um vai lá nos atender, acho que é por isso a polícia muitas vezes não serve para nada, mas o que podemos fazer? apenas esperar e esperar que outras autoridades maiores tomem uma providência.

—sweetness



**REDAÇÕES TURMA C**

06/ / /

Aluno: Samuel Aminadab de Oliveira S<sup>o</sup> ano C

## Violência no meu bairro

Meu nome é Samuel Aminadab de Oliveira, estudante da escola Romulpho Paes de Barros, cursando ensino fundamental, nasci em 1996.

Vamos relatar os crimes e violência existentes hoje, 2009, no Bairro Cidade Alta e quais as sugestões para a melhoria de segurança que a comunidade merece.

Falta de policiamento é uma das causas principais pois ocorrem roubos e furtos e bocas de fumo no bairro. Porque as vezes a casa de alguma pessoa da está sendo arrastada e ligamos para a polícia e eles só chegam depois que os bandidos foram embora; ou então não impedem as bocas de fumo de funcionarem, as vezes por falta de armamento e outras vezes por propina.

Um dos crimes existentes no meu bairro é bem conhecido: o crime de passar nota falsa para outra pessoa. Poucos dias atrás fui no mercado com minha mãe e a pessoa que estava trabalhando no caixa do mercado nos passou uma nota de 20 R\$ falsa, e como minha mãe não sabe selhar se a nota é falsa ou não, ela aceitou a nota, e quando fui na padaria no outro dia eles não aceitaram a nota. A minha mãe conversou com a pessoa que atendeu, e eles trocaram a nota.

Outro crime conhecido é o uso e vendas de drogas; existem muitas bocas de fumo no bairro

1 / 1  
e às vezes a comunidade fica com medo, que os filhos entrem nesse mundo.

As minhas sugestões de melhoria são: o governo investir na formação profissional dos policiais, investir no combate ao tráfico e pedir mais compromisso, eficiência e respeito por parte da polícia para com a população





Aluna = Brunna de Arruda Reis Turma = 7º ano C

meu nome é Brunna de Arruda Reis, estudo na escola Zanulpho Paes de Barros e moro no bairro Santa Isabel. Fiz uma entrevista com um membro da minha família, (minha mãe), conversamos sobre a falta de segurança no bairro.

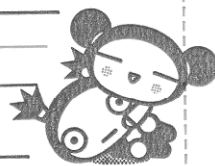
Os moradores já nem confiam mais nos policiais, porque em vez de nos dar o conforto nos dão o dia de cabeça. A polícia é um caso sério, fingem que pegam um ladrão aqui, e depois já soltam lá na outra esquina, esses policiais estão mais sem vergonha que os próprios ladrões.

Nossa comunidade precisa e de uma companhia de policiais honestos que realmente valorizam seu trabalho, porque eles são as únicas pessoas em que podemos confiar em caso de segurança.

A segurança é muito importante no nosso bairro, porque todos nós precisamos de segurança, e esses policiais precisam trabalhar com mais honestidade e coragem, e nós confiamos na honestidade deles, por isso eles não podem só fingirem que prendem os ladrões.



Am-ta





Jéssica Carla da Silva

Silvê C

Atividade

Meu nome é Jéssica, tenho 13 anos e sou contadora em uma loja de roupas de bairro onde eu vivo, que é muito agradável. O nome do bairro é Santa Isabel, este bairro é muito conhecido porque já foi muito mais bonito, mas devido a construção de uma estrada já tem muitas construções, como as muitas lojas, por exemplo: lojas de roupas, brinquedos, docerias, etc.

Não tem construções em outros bairros muito próximos. Muitos pensam que mudamos para lá, mas não mudamos por causa da distância e da temperatura.

Os pais têm algumas sugestões para melhorar o bairro:

- Ter um espaço verde;
- Ter um espaço para as crianças;
- Atividades e espaços de lazer;
- Ter um espaço de trabalho;
- Não sempre ter trânsito muito ruim;
- Criar um parque natural;
- Construir um teatro;
- Melhorar os ônibus, a circulação dos moradores e a limpeza, mais as ruas.

São essas algumas sugestões para melhorar o bairro.

Espero que esta seja uma boa leitura e que vocês gostem de tudo, a grande vontade é de estar aqui com vocês. Parabéns a todos e obrigado a todos. Muito obrigado, com sua atenção.



mas tem muita coisa nesta vida que não tem respeito pelos professores, alunos, condicidore. Com as individualidades assim como a vida, fica a parde de si, as coisas, etc.

Nesta vida a vida da vida, dia por dia, período integral, os coisas as pessoas tiram mais conhecimento, mais educação, etc.

Também dia muita alguns professores, acho assim que alguns professores que tem aqui na escola, está um pouco desatualizado na profissão deles, está muito desatualizado para trabalhar em uma escola pública como esta.

Tem poucos professores, para muitos alunos que tem aqui na escola.

Esta está mais desatualizada porque tária mais conhecimento e conhecimento.

A series of horizontal lines for writing, mostly blank.

norma



© Disney

## Violência

A entrevista foi feita por Antonio Marcos da Silva. A entrevista foi em bairros de violência que ocorrem em várias comunidades porque as pessoas acham que o nosso bairro é muito violento como antigamente e não queremos provar que não. Eu sou da escola Ranulpho Pires de Barros.

Os alunos saíram em busca de casos de violência em sua rua e em minha rua eu encontrei um caso de violência física no bairro Jardim Aragi. O espancamento foi ocorrido porque o rapaz ficou muito alcoolizado e espancou a sua mãe e sua esposa. Ele não é a mesma pessoa depois que bebe, ele bate em seu filho e quebra tudo em sua casa e se você estiver pensando na rua e olhar para ele, ele já fica nervoso com você.

O espancador teve a consequência de ir preso, mas a própria mãe que foi espancada pagou a fiança do filho para a espancador. Ela fez isso porque ela ficou com medo porque os policiais batem muito nele porque ele foi multado vezes preso e os policiais ficam com raiva dele.

Quando acontece dele ficar bêbado e não controlar a polícia, a vizinha chegou e ele entra dentro do banheiro e a mãe dele fala que ele não está lá, para os policiais não prendem ele.

Muitas vezes a polícia é corrupta, em vez de ajudar ela acaba piorando. Muitos policiais usam drogas, traficam drogas e ajudam a tirar os ladrões das ruas.

Nosso bairro é dividido em (gangs) enquanto as duas estão separadas é muito bom. Imagine se as duas (gangs) se juntarem! É muito ruim, porque eles vão querer matar muitas pessoas neste bairro e aí vai ser pior para nós moradores.

William Grant? 88C

violência no meu bairro

Meu nome é William Grant de Sousa, tenho 12 anos, moro no bairro do Santa Isabel, estudo na Escola Municipal "Imaculada Conceição" de Baurão, sou filho de João e Silvana e tenho relacionamento com a violência no meu bairro.

A violência aqui não pára de acontecer, são roubos, seqüestros e pessoas baleadas. Santa Isabel tem, politicamente, mais um pavão político e os bandidos não medem e por isso os bandidos sempre fazem a melhor, eles conseguem dominar as polícias e acabam esvaziando as lojas, casas, casas e pessoas, além dos bandidos de fronte que existem no bairro Santa Isabel.

Os roubos, seqüestros e assassinatos a mão armada acontecem durante a noite, por falta de guarda e policiaria. Tem mais um que foi não há mais luz nos pontos porque eles os bandidos, conseguem queimá-la e por isso a sociedade fica em um estado de insegurança.

No Santa Isabel poderia melhorar essas coisas como as escolas, favelas, escolas e assessorias, melhoraria politicamente através a educação para que os moradores possam viver seguros e poder que tenhamos mais tranquilidade nos ruas e dentro de casa.

A sociedade está em um país, sabendo que ninguém vai ajudar nem muito e também sabendo que se pode melhorar de casa com tranquilidade, que não há nenhuma razão de medo, isso que eu quero é ter um meu bairro que a sociedade seja de bom e que não aconteça nada de mais.

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Violência

Eu sou contra a violência nos bairros. Meu nome é João Eloy de Souza Neto Filho, sou aluno do colégio Rompão Passos de Barros, tenho 13 anos "estou no 8º ano C". A população do meu bairro não sabe mais o que fazer, todos estão cometendo crimes de tráfico. Mas não sabem até como é o prefeito nem aí, só na vida boa.

A entrevista feita pelo nosso turma mostra que os policiais não estão conseguindo combater a violência e os assaltos, isso porque os policiais não levam o tráfico a sério e já estão descredibilizados.

Por um lado que seria uma grande redução: reduzir os custos da polícia, aumentar o número de policiais também e que eles tenham mais compromisso, eficiência e respeito pela parte. Melhor preparação dos policiais para vigiar mais a rotinas e treinar e melhorar militar com o BOPE.



R

1 / 1

Violência no Bairro

Meu nome é Sérgio Rodrigo, estudo na escola Manoel Azeiteiro de Barros localizada no bairro Santa Tereza. Há na escola, fizemos uma entrevista para saber sobre a violência no bairro e dentro das próprias famílias, a pesquisa aponta que muitas pessoas sentem medo de viver em seus bairros por causa da violência, mesmo os policiais militares não estão ajudando a situação que nos moradores do bairro percebemos e com isso os candidatos têm liberdade para fazer o que quiserem sem se preocupar com a polícia.

Os candidatos pertencem às marcadões com o tráfico de drogas, e vendem outras substâncias para a cidade na Colônia, além disso que os candidatos tenham a mercadoria vendida para a cidade ilegal.

Muitas casas de violência que vem acontecendo nos bairros e até mesmo nos escolas. Algumas dirigem em frente às escolas com outros alunos, isso tem diminuído com a frequência da polícia na escola, mais isso tem que acontecer mais nos suas residências porque os moradores temem se sentir mais seguros do que estão sendo pelos seus bairros se preocupar que sejam surpreendidos por marcadões, que acabam os prender depois a interromper a insegurança a matam.

Eu acho que a polícia tem medo dos candidatos tem armamento melhor que os policiais militares. O bairro Santa Tereza é um dos bairros mais perigosos por causa da violência. Eles fazem aqui quem, furtos, roubos, extorsões, ameaças e homicídios, e matam. Isso tem que acabar a polícia militar tem que mandar na BAPÉ e lá assim o tráfico e o medo dos marcadões vão acabar.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)